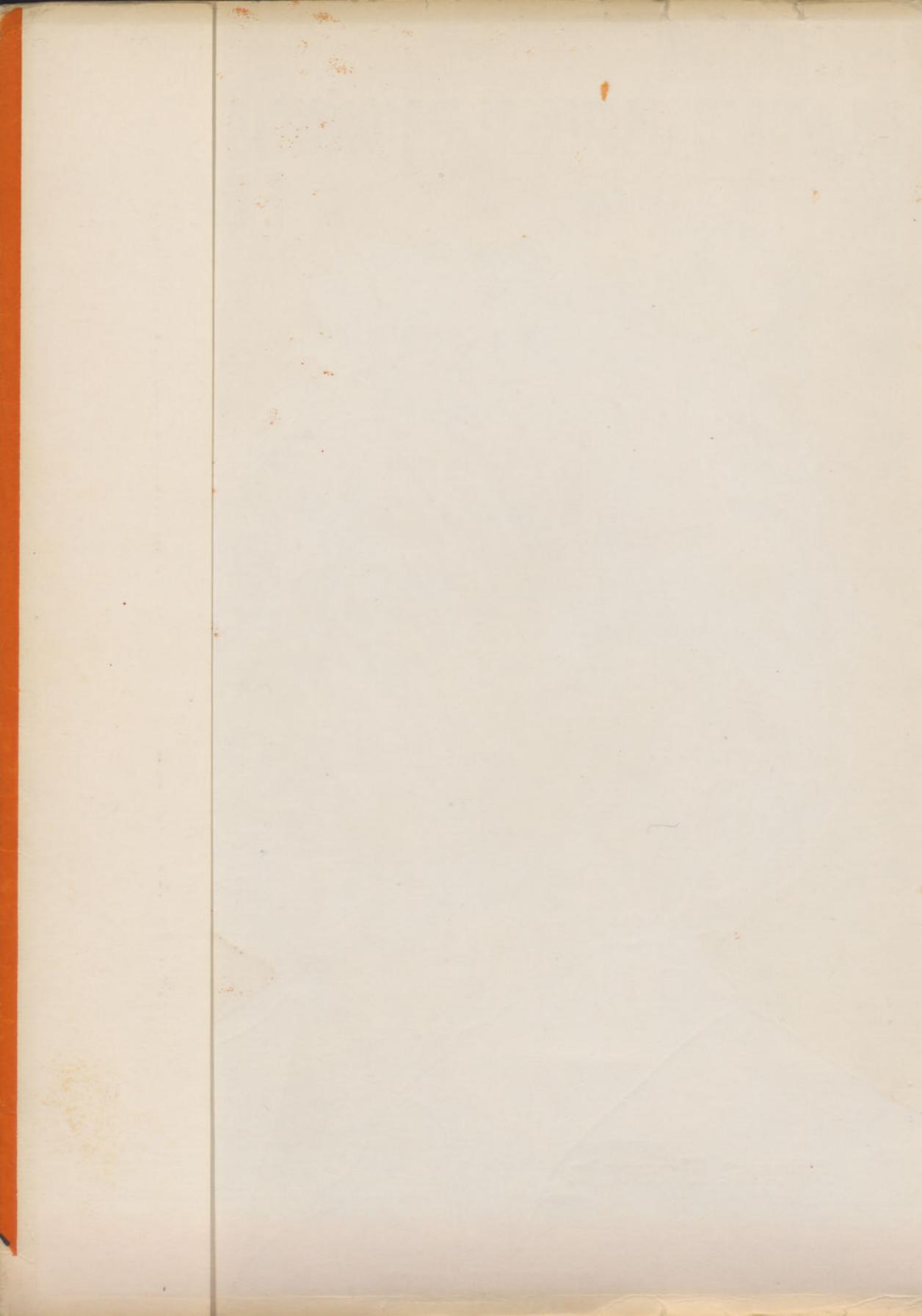


**PUBLICAÇÕES  
DO MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA  
E DA TÉCNICA**



**Albert Einstein**

**COIMBRA - 1979**



PUBLICAÇÕES

DO

MUSEU NACIONAL  
DA CIÊNCIA  
E DA TÉCNICA



MUSEU  
NACIONAL  
DA  
CIÊNCIA  
E DA  
TÉCNICA

**Director:**

**Dr. Pedro Mendes de Abreu**

**Chefe da redacção:**

**Cruz Diniz**

**Capa de**

**Luiz Bonet**

**Sigla de**

**Mário Amaral**

**Redacção e**

**Administração:**

**Palacete**

**Sacadura Bote**

**R. dos Coutinhos, 23**

**COIMBRA**

**Telef. 2 49 22**

**MUSEU  
NACIONAL  
DA  
CIÊNCIA  
E DA  
TÉCNICA**



SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA  
E DA TÉCNICA PORTUGUESAS

---



# PUBLICAÇÕES

DO  
MUSEU NACIONAL  
DA CIÊNCIA  
E DA TÉCNICA



NÚMERO 9

---

COIMBRA—MCMLXXIX

PUBLICAÇÕES

DO  
MUSEU NACIONAL  
DA CIÊNCIA  
E DA TÉCNICA



NÚMERO 9

MUSEU  
NACIONAL  
DA  
CIÊNCIA  
E DA  
TÉCNICA



## ALBERT EINSTEIN

(ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS)

Ocorreu no dia catorze de Março do ano corrente (1979) o primeiro centenário do nascimento, a 14 de Março de 1879, de Albert Einstein, na histórica e antiga cidade de Ulm, situada na margem esquerda do Danúbio, com a sua magnífica catedral gótica do século xv a dominar as medievais ruas sinuosas, estreitas e sujas da cidade, ladeadas das habituais casas de empenas, e do alto de cuja torre se podia espriar o olhar pelos Alpes Suábios, pelos campos que unem as montanhas do Tirol às da Suábia e pelas terras da Baviera e de Wurtemberg.

Seu pai, Hermann Einstein, concluído o curso liceal em Estutgarde, impossibilitado, por força das circunstâncias, de continuar os estudos de matemática, como era seu desejo, lançou-se na vida comercial para o que, aliás, não sentia vocação.

Casou em 1878 com Pauline Koch, filha de um rico comerciante de cereais de Cannstadt e instalaram-se em Ulm, onde abriram um pequeno estabelecimento de artigos electrodomésticos.

Sempre em busca de melhor sorte, deslocou-se com a família para Munique em 1880, um ano após o nascimento de Albert, onde de sociedade com seu irmão Jacob, continuou dedicado ao mesmo ramo de actividade comercial. Quatro anos depois, fixaram-se em Sendling, nos arrabaldes da cidade, onde investiram o reduzido capital de que dispunham, na construção de uma casa e de uma pequena fábrica de artigos eléctricos.

Entretanto, Albert atingiu a idade escolar. O ensino primário na Alemanha era controlado pelos diferentes credos religiosos. Os pais de Albert, que eram de crença judaica, não podendo matriculá-lo na escola Judaica, porque lhes ficava muito distante e não possuíam meios que lhes permitissem pagar as deslocações, resignaram-se a matriculá-lo numa escola católica. Foi aí que Albert, criança reservada e calma, sentiu, instintivamente, a primeira repulsa pela vaga de anti-semitismo, que sua alma simples teve que enfrentar.

Aos dez anos matriculou-se no Liceu Luitpod, em Munique, cujo desagradável ambiente escolar ele escalpelizaria mais tarde nestes termos mordazes e vivos: — «*Os preceptores portam-se como sargentos e os professores como tenentes*». Foi aí que se desenrolou o facto mais importante e talvez mais decisivo para a sua vida ao sair, pobre criança,

do ambiente patriarcal da família para um meio de irrespeitosa agitação intelectual, moral e social, onde vinham repercutir-se as mais desconstruídas correntes do espírito da época no campo filosófico, científico, político e social. Ele não era um jovem de olhos espantados para as ideias, para os sistemas, formas e sentimentos que agitavam a mocidade de então, embora fosse difícil avaliar de início a verdadeira grandeza das justas proporções do homem que viria a assombrar o mundo pelo seu saber e pelo seu humanismo. E não encontrando nos mestres uma resposta inequívoca às perguntas que lhe bailavam no espírito, procurava-a, sem direcção, em tantas e tão divergentes leituras que acabaram por desorientar-lhe o espírito. Conheceu os clássicos da filosofia racionalista: — Espinoza, Descartes, Hobbes, Hume, etc.

Nascido, muito embora, num meio social em que a fé no direito divino do Soberano levava à confiança cega na infalibilidade do Estado, Einstein, varrida num instante toda a sua frouxa educação religiosa recebida na escola, achou-se, sem direcção, estado terrível de espírito partilhado mais ou menos por quase toda a sua geração que decidida e conscientemente saiu da velha estrada da tradição, e passou a viver à margem de qualquer comunidade religiosa, em contacto com as ciências naturais, unicamente preocupado com o conhecimento das leis que regem a harmonia do Universo, através dos livros científicos que lhe recomendava Max Talmey, estudante polaco de medicina e *Força e Matéria* de Bucher, que, opondo-se ao dogma religioso, defendia a eternidade da matéria e consequentemente a natureza material do Universo, e influenciado pela crença na independência da razão à Voltaire, e pela defesa das aspirações naturais do homem à Rousseau, tornou-se uma personificação do Racionalismo, já fortemente enraizado na sua terra natural, caracterizado todavia pela tolerância e largueza espiritual.

Foi assim que para Albert Einstein, depois de ter abandonado a Fé, o único ideal que dominou a sua vida e obra foi o conhecimento do mundo objectivo e extrapessoal (1).

---

(1) Para Einstein, o mundo não é um caos de fenómenos isolados. É uma entidade na qual os fenómenos naturais estão ligados por uma relação causal universal que lhes determina o curso (causa e efeito). E o conhecimento do mundo consiste em resolver enigmas, cuja solução nos revelaria a harmonia do Universo. Para ele, as leis que descrevem a realidade física, constituem um sistema ordenado que conduz às leis unificadas que regem o mundo.

Referindo-se a este sistema ordenado, falava da causalidade universal a abran-

Começava a acentuar-se a sua vocação para a Matemática e para a Física, em que veio a ser um exemplar raro de todos os tempos, e talvez a figura máxima nos fins do século XIX e primeira metade do século XX.

Entretanto, a vida económica dos pais não era lisongeira. Não haviam nascido para o comércio. O negócio corria-lhes mal. A falência estava eminente. Colocados em tão difícil situação, resolveram emigrar, tentando, desta vez, melhoria de vida, num país estrangeiro. A Itália atraía-os de maneira especial, não só pelas perspectivas comerciais que à sua vista se lhes lá desenrolavam, mas ainda pela protecção oferecida por uma família de genoveses, ricos comerciantes, parentes próximos de Pauline.

Embalados nas asas da esperança, para lá se dirigiram em 1894, fixando-se em Milão, onde fundaram nova fábrica com o mesmo ramo de actividade.

Também aqui a fortuna lhes não sorriu, valendo-lhes em contínuas dificuldades o generoso auxílio dos ricos parentes de Pauline.

Entretanto, Albert, que tinha agora quinze anos e ficara na Alemanha para terminar os seus estudos secundários, começava a salientar-se como aluno brilhante em Física e Matemática, com um nível de conhecimentos que ultrapassava à distância os seus mais argutos e distintos colegas.

Mas os métodos pedagógicos do Liceu não se harmonizavam com o seu espírito moderno, progressivo, de asas abertas para um futuro livre e independente. Eram métodos antiquados e já bafientos.

Revoltavam-no, sobretudo, aquela preparação infundável para o bacharelato em grego e latim, certos pormenores que considerava inúteis nalgumas matérias, a disciplina quase militar e quiçá, a baixa craveira intelectual de alguns mestres. Tudo aquilo lhe cheirava a bafio.

Por outro lado sentia-se só e isolado, longe da família. Resolveu

---

ger o Universo. Descobria assim uma intenção racional no Mundo. Era a ideia de Deus-Causa a saltar-lhe aos lábios... sem o querer e nem dar por isso.

É certo que o Deus de Einstein é o nome dado às leis objectivas e materiais da realidade física e, quando fala em Deus, é a pensar nas relações intrínsecas e na simplicidade lógica das Leis da Natureza. A verdade é que, na medida em que descobria a Harmonia do Universo, o seu racionalismo era o que poderíamos chamar uma aproximação materialista do verdadeiro Deus.

Afigura-se-nos que Einstein ainda não foi suficientemente compreendido para se ver nele um apóstolo inconsciente da verdadeira divindade.

por isso vir juntar-se-lhe em Milão, onde poderia concluir os estudos. Faltava-lhe um ano apenas.

Porém, em face da desesperada situação económica em que a família se encontrava, admitiu a hipótese de ter que interromper os estudos e empregar-se. Dissuadido disso pelos pais, e a conselho de seu tio, requereu a sua admissão em engenharia, na célebre escola Politécnica Federal de Zurique.

Foi um raiar de sol numa manhã de primavera, um raio de esperança numa vida atribulada.

O seu exame de admissão foi tão brilhante, que o Director da Escola, surpreendido pela sua perspicácia e vastidão de conhecimentos matemáticos, aconselhou-o a concluir, numa escola suíça, os estudos interrompidos em Munique e a apresentar-se a exame no ano seguinte.

Recomendou-lhe mesmo a escola cantonal da pequena cidade de Aarau, onde viveu hospedado, em casa de Winterlev, precisamente um dos professores da escola. Os métodos pedagógicos na Suíça, todos inspirados na amizade e franca convivência, foram para ele uma admirável revelação e surpresa.

Os alunos podiam livremente trabalhar nos Laboratórios de física e química, exercitar-se na prática do microscópio no Museu Zoológico, dedicar-se a trabalhos de botânica, no jardim do estabelecimento de ensino, e discutir novos problemas sociais que iam surgindo, trazidos por novos jovens emigrados, revolucionários, que se vinham fixar na Suíça.

Einstein, passou muito do seu tempo no Laboratório de física, salientando-se como experimentador excepcionalmente dotado.

Ao findar o ano escolar de 1896, foi admitido, com dispensa de exame, na referida Escola Politécnica de Zurique, onde, além dos cursos principais de física e matemática, frequentou vários cursos complementares que passamos a enumerar, com o nome dos professores, em entre parêntesis:

Cálculo diferencial e integral (Adolf Hurvitz);

Geometria descritiva (Wilhelm Fiedler);

Geometria analítica, teoria das invariantes e teoria das determinantes (Carl Friedrich Geiser);

Teoria das integrais definidas e teoria das equações lineares (Arthur Hirsch);

Teoria geométrica dos números, teoria das funções elípticas, equações diferenciais de derivadas parciais, cálculo das variações e mecânica analítica (Hermann Minkowski);

Mecânica Geral (Albin Avzog);  
Aplicação da mecânica analítica (Ferainand Rudio);  
Física e electricidade prática (Heirinck Friedrich Weber);  
Física experimental (Johann Pernet);  
Astrofísica e Astronomia (Alfred Wolfer);  
História do pensamento científico e filosófico de Kant (August Stadler);  
Desenho (Ernest Fiedler);  
Balística (Geiser);  
História antiga e Geologia (Albert Heim);  
História Suíça (Wilhelm Echati);  
Economia (Julius Platter);  
Estatística e Seguros (Jacob Rebstein);  
Obras e ideias de Goeth (Robert Saintschik).

Raramente seguia os principais cursos de física e matemática, embora regidos por mestres de alto nível intelectual. Não era por desinteresse, nem por menos consideração e respeito pelos professores, mas porque preferia ler as obras originais de Maxwel, Kirchoff, Hertz, Boltzmann, etc. Não se conformava com a ideia de trabalhar com o único objectivo de passar no exame. Isso era para ele um colete de forças que amarfanha a curiosidade do investigador, e ele queria trabalhar para saber, o que exige liberdade de movimentos. Todavia, nem por isso se desinteressava das lições dos mestres, que acompanhava, com todo o cuidado, através dos apontamentos meticulosamente coligidos pelo seu condiscípulo e amigo Marcel Grossmann.

Concluído o seu curso em Agosto de 1900, com a elevada classificação de 4,91 em relação a 6, foi-lhe concedido diploma de professor de física e matemática no Outono seguinte <sup>(1)</sup>.

Apesar disso e do conceito de estudante extraordinariamente dotado, não ficou na Escola Politécnica devido a certas atitudes que foram classificadas de «irreverências» <sup>(2)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Einstein, concluiu o curso com as seguintes notas, em relação a 6: Física Teórica = 5. Física prática = 5. Teoria das Funções = 5.5. Astronomia = 5. Tese = 4,5.

<sup>(2)</sup> Nunca acompanhara o curso de Weber, e certa ocasião em que se lhe dirigira, tratara-o por «Senhor Weber» em vez de «Senhor Professor».

Também no Laboratório do Dr. Pernet, nunca seguira as suas instruções para os trabalhos práticos.

Aplicou-se então a fazer cálculos para o Observatório Federal de Zurique, enquanto não conseguia empregar-se. E, na esperança de mais facilmente o conseguir, naturalizou-se Suíço em 1901. Em Maio, desse ano, surgiu-lhe uma colocação como professor de uma escola técnica em Wintertlur. Era uma situação temporária e a verdade é que, pouco depois, voltava a estar desempregado. Entretanto, por recomendação de Conrad Habicht, obteve ser contratado, embora também só temporariamente, para explicador num internato em Schaffausen, pequena cidade nas margens do Reno. Como, porém, o seu método de ensino e a sua independência de espírito não fossem do agrado do Director, este acabou por demiti-lo, apesar do interesse despertado pela vivacidade das suas lições. Assim, vagueando de Herodes para Pilatos, sem um rumo definido, foi, finalmente, seu condiscípulo e amigo dedicado Marcel Grosseemann quem, em Julho de 1902, conseguiu colocá-lo em Berne, como perito técnico de segunda classe, na Repartição Pública de Patentes, de que era director Friedrich Haller, amigo íntimo de seu pai.

Foi o romper de aurora de uma vida que começou a despertar e que de triunfo em triunfo o conduziria à consagração universal.

Resolvida a sua situação económica, Einstein pensou na constituição do lar, vindo a realizar casamento em 6 de Janeiro de 1903 com Mileva Maritsch, uma jovem sérvia, sua condiscípula na Escola Politécnica, um tanto taciturna e pouco brilhante, mas que tinha de comum com ele a paixão pela física, o interesse pela obra dos grandes físicos, e à qual ele particularmente se dedicara na Escola. Deste casamento nasceu em 1904 Albert Einstein Júnior, que estudou em Zurique, emigrando em 1937 para os Estados Unidos, onde foi professor de Hidráulica na Universidade de Califórnia (1).

Em Berne, começou Einstein a aproveitar os seus tempos livres, dedicando-se ao ensino particular. Entre os seus alunos contavam-se Maurice Solovine, estudante romeno, apaixonado pela física e Conrad Habicht, estudante de matemática. Reuniam-se depois do trabalho.

---

(1) Com o tempo, Mileva começou a desinteressar-se das actividades científicas do marido e a irritar-se com as suas distrações. Talvez efeito da sua neurastenia. Tornou-se ciumenta. A vida familiar tornou-se impossível e acabaram por divorciar-se em 1919.

Einstein veio depois a contrair segundas núpcias com sua prima Elsa, filha de seu segundo tio Rudolfo Einstein, também divorciada, sua amiga de infância e que faleceu em 1936.

Estudavam e discutiam em conjunto. Em breve, as lições, revelando-lhes uma infinidade de ideias, iriam transformar-se em longas discussões científicas. Eram já uma verdadeira escola que acabaram por denominar «Academia Olímpia». Foi nela que Einstein concebeu a teoria da Relatividade que o imortalizaria.

Ao grupo dos três, veio juntar-se, posteriormente, o engenheiro italiano Michel Angelo Besso, homem superiormente culto, que ficou devendo a Einstein a sua admissão na Repartição de Patentes, e com quem Einstein discutiu muitas das suas ideias, a quem expôs, em primeira mão, a sua «Teoria da Relatividade», e a quem ficou devendo um bom número de preciosas sugestões.

Foi dessas discussões que saiu o artigo «Sobre electro-dinâmica dos corpos em movimento», publicado em 1905 na revista *Anais de Física*, e do qual nasceu a «Teoria da Relatividade Restrita».

Entretanto Habicht e depois Solovine deixaram Berne. Com a ausência destes dois dedicadíssimos amigos, Einstein sentiu-se só «nunca mais tive contacto com ninguém na minha vida particular».

«Até as conversas com Besso no regresso a casa acabaram», escrevia ele a Solovine em Maio de 1906. E em carta a Habicht promete enviar-lhe quatro artigos: — «O primeiro logo que receba as minhas cópias de autor. Trata da radiação e da energia luminosa e é muito revolucionário, como poderá constatar se antes disso me enviar o seu trabalho. O segundo artigo discute os métodos de determinação das dimensões reais dos átomos pelo estudo da difusão e das fricções internas nas soluções líquidas. O terceiro, prova segundo a teoria molecular do calor, que corpos em suspensão num líquido e em que as dimensões são de ordem 0,001 mm, são presa de movimentos aparentemente aleatórios, devido ao movimento térmico das moléculas. O quarto estudo, é baseado nos conceitos da electrodinâmica dos corpos em movimento e modifica a teoria do espaço e do tempo».

A publicação destes artigos foi como que uma bomba que explodisse nos meios científicos. E Einstein começou a ser considerado um génio da Física no século xx. Os Suíços pensaram então oferecer-lhe uma cadeira na Universidade de Zurique, mas de harmonia com o regulamento, era indispensável possuir o título de Pivatzodent<sup>(1)</sup>.

Como se tratava de uma formalidade indispensável para o ingresso

---

(1) Pivatzodent, é o que dá cursos sobre disciplinas que não fazem parte do programa, recebendo uma pequena remuneração, sob a forma de honorários, paga pelos estudantes que lhe acompanham as lições.

no corpo docente universitário, e não era incompatível com a sua permanência na Repartição de Patentes, deixando-lhe ainda tempo livre para os seus trabalhos de investigação, aceitou a sua nomeação para Pivatzodent, na Universidade de Berna.

Em 1909 a Universidade de Genebra nomeou-o doutor «*Honoris Causa*», e convidou-o a participar nas Comemorações do 350.º aniversário da sua fundação por Calvino.

Entretanto na Universidade de Zurique vagou a cadeira de Física Teórica. Era candidato favorito do Conselho de Educação Friedrich Adler, que fora discípulo e amigo de Einstein na Escola Politécnica. Adler, em carta cheia de nobreza que honesta e humildemente dirigiu à Universidade, confessa que a sua competência como físico não admite comparação com a de Einstein, e que a Universidade não podia nem devia perder esta oportunidade que se lhe proporcionava, para incluir no seu corpo docente um sábio que tão alto poderia elevar o seu prestígio e nível geral. E ficamos sem saber que mais admirar, se a simplicidade de Adler que se humilha, se o saber de Einstein que Adler exalta... Foi assim que Einstein foi nomeado professor extraordinário da Universidade de Zurique. Aí deu lições de mecânica, de termodinâmica, de magnetismo, de teoria cinética do calor e ainda um curso denominado: — «*Problemas escolhidos de física teórica*». Com admiração e espanto dos alunos, os seus métodos de ensino e de pesquisa eram dotados de tal harmonia interna que as conclusões científicas surgiam da maneira mais natural e precisa.

Em 1910 vagou em Praga a cadeira de física teórica.

Como em Zurique, também em Praga havia um candidato da simpatia do Governo de Viena, por ser austríaco. Era Gustav Jaumann, professor do Instituto Técnico de Brno, a quem o lugar foi oferecido.

Vindo porém a saber que na lista de candidatos, os nomes foram escritos pela ordem do seu valor científico, e que o seu ocupava uma posição abaixo de Einstein, sentiu-se diminuído e vexado e orgulhosamente recusou o lugar, declarando que «*nada havia a fazer numa universidade que corre atrás do modernismo e não aprecia o verdadeiro mérito*». A Universidade respirou, pois sabia quanto seria proveitoso para a sua reputação preencher a vaga com um professor conhecido em toda a Europa pela profundidade do seu saber.

A cadeira foi, então, oferecida a Einstein que a aceitou, aliás sem entusiasmo, por ter que se deslocar para um país estrangeiro e separar-se dos seus numerosos amigos na Suíça.

A sua permanência em Praga não foi longa, pois em 1912 regressou a

Zurique a fim de reger a cadeira de Física Teórica que lhe fora oferecida na Escola Politécnica, donde saíra havia doze anos.

A Escola Politécnica era um estabelecimento federal que, pelo seu nível científico, incomparavelmente superior ao da Universidade local, se tornava uma das melhores escolas europeias.

Aí regeu durante o semestre de inverno de 1912-1913 o curso de análise matemática e termodinâmica; no semestre de verão de 1913, o curso de mecânica dos meios contínuos e teoria cinética do calor, e no semestre de inverno 1913-1914 o de electricidade, magnetismo e óptica geométrica.

Mercê da grande revolução científica e técnica dos começos do século, a indústria começou a progredir em ritmo acelerado, animada por alguns governos, que se não poupavam a sacrifícios para a criação de institutos consagrados à investigação. A Inglaterra ocupava, sem favor, uma posição de destaque. A Alemanha, que não desejava ver-se ultrapassada, lançou-se decididamente no campo das pesquisas teóricas, como de uma arma capaz de influenciar a seu favor a partilha dos mercados mundiais. Daqui nasceu a «*Kaiser Wilhelm Gesel Lschaff*», em que se uniram industriais e banqueiros, em mútua colaboração, para a montagem de bem apetrechados centros de investigação. Do recrutamento de homens de ciência para esta organização foram incumbidos respectivamente, Max Planck, criador da teoria dos «quanta» e Walter Nernst, homem extraordinariamente activo e enérgico, um organizador nato e pensador profundo, e um dos maiores químicos do século xx. Um dos sábios a recrutar era Einstein.

Pessoalmente foram a casa convidá-lo para director de um instituto de investigação científica, membro da Academia de Ciências da Prússia, professor da Universidade de Berlim, com um mínimo de obrigações pedagógicas por ele escolhidas, plena liberdade para continuar as suas investigações pessoais e participar nos trabalhos de qualquer outro instituto. A Universidade de Berlim era a que na Europa contava, no seu corpo docente, os sábios de maior valor. Embora hesitante de entrada, em aceitar ou não aceitar, por ter que sacrificar a tranquilidade de Zurique, decidiu-se, finalmente, pelo sim, indo no dia combinado, à estação, ao encontro de Planck e Nernst, levando, por graça, um ramo de flores vermelhas, símbolo de aceitação...

Em Berlim, a clareza e profundidade das suas exposições, a facilidade em compreender as ideias dos colegas, a sua simplicidade e delicadeza, gentileza e bom humor, sempre sorridente e conversador, gran-gearam-lhe verdadeiras amizades, dentre as quais é justo destacar, além

de Planck e Nernst, Gustav Hertz, James Franck, Schroedinger, Lisa Meitner, Max von Lane que, com seus colaboradores descobriu em 1912 a difracção dos raios X nos cristais, e autor de, entre outros trabalhos, um estudo sobre a teoria da relatividade (1).

É em Berlim que vamos encontrá-lo quando, em Julho de 1914, eclodiu a 1.ª Guerra Mundial. A guerra foi para o seu espírito de homem pacifista um choque frontal que o lançou em profunda consternação: — *«Desprezo profundamente — escrevia então — todo aquele que sente prazer em marchar em filas atrás de uma música...; odeio com todas as minhas forças o heroísmo por encomenda... e o patriotismo mesquinho...»; estaria pronto a acreditar que esse fantasma (a guerra) já há muito tinha desaparecido se o bom senso dos povos não estivesse ainda a ser constantemente corrompido através do ensino e da imprensa pelos interesses do mundo dos negócios e do mundo da política*». A guerra veio, pois, mostrar-lhe que o pacifismo é uma ilusão. Filhas da Razão, as ilusões são um factor dominante da História, na medida em que são criadoras dos acontecimentos mais importantes do Passado e presidiram à maior parte das edificações e destruições de que está cheia a vida dos povos. Mas nem todos os fenómenos sociais se explicam pela Razão... A 1.ª Grande Guerra, foi disso uma demonstração bem clara, pois que à face da razão, se supunha que a Alemanha a não declararia, porque nem interessava à sua indústria nem ao seu comércio, cuja supremacia nenhuma guerra podia aumentar.

Einstein descobriu, de repente, que até o meio académico germânico estava minado por um chauvinismo doentio, ao ver as tropas desfilar pelas ruas de Berlim, aclamadas em delírio, pela multidão entusiasmada. Fiel ao seu ideal de Liberdade e solidariedade internacional, começou a sentir à sua roda a frieza de relações de muitos colegas, mas também a simpatia de outros, mesmo desconhecidos, que partilhavam

---

(1) Também teve os seus detractores.

A sua ausência de ambições académicas, por exemplo, era por muitos considerada uma irreverência em relação aos títulos académicos.

A sua maneira de vestir, pouco cuidada, era considerada como sinal de rebeldia contra a respeitabilidade académica.

Hans Tanner que seguiu o seu curso de Zurique de 1909-1911 diz: *«Quando Einstein subiu pela primeira vez à tribuna, com um casaco esgarçado e umas calças muito curtas, uma corrente de relógio de ferro, todos nós ficámos cépticos quanto ao nosso novo professor. Contudo soube comover-nos os corações de pedra só com a maneira como dava as lições. As suas notas enchiam um pedaço de papel do tamanho de um cartão de visita e só mencionavam os pontos importantes da lição...*

as suas ideias. Daqui nasceram as suas relações em Março de 1915 com o escritor Romain Rolland e um numeroso grupo de sábios e homens de letras, reunidos à sua volta, numa frente comum contra os excessos nacionalistas.

E não hesitou, mais tarde, ele cem por cento anticomunista, saudar a Revolução Russa como aurora de uma sociedade baseada no sonho da paz, e Lenine, como um homem que se sacrificou completamente e consagrou toda a sua vida à realização da justiça social.

Entretanto, a guerra ia mudando lentamente o estado de alma dos povos e dos indivíduos: — as ideias e os sentimentos.

Todos estavam cansados de guerra, de trincheiras, de bombas, de campos de concentração, de valas comuns e ansiavam por uma era de paz e justiça, que lhes fizesse esquecer os horrores da guerra, o troar dos canhões, o matraquear das metralhadoras, o estampido das bombas, a terra amassada em sangue vivo, ainda a fumar.

Neste cenário romântico de uma nova vida saída de ideias novas e novos sentimentos, a fama de Einstein ultrapassava a de qualquer outro sábio. E esta subida no conceito internacional fez-lhe sentir, como nunca, a responsabilidade do sábio no destino da Humanidade. Verificando que o poder da ciência exige do sábio a sua participação na luta pela sua aplicação pacífica, para o bem geral, lançou-se na batalha das ideias, em defesa da Liberdade e dignidade da pessoa humana.

Entretanto, a Sociedade das Nações criou em 1922 uma Comissão para a Cooperação Intelectual. Einstein foi convidado para dela fazer parte. Embora o objectivo da Comissão se lhe afigurasse muito vago, aceitou o convite, porque *«ninguém deve recusar ajudar aos esforços para realizar a cooperação internacional»*.

Um ano mais tarde, a atitude da Sociedade das Nações perante a ocupação do Rur, convenceu-o de que esta não possuía força, nem boa-vontade para se opor às forças da guerra e dimitiu-se. Discordando do seu pedido de demissão, vários intelectuais, dentre os quais é justo destacar Madame Curie, sugeriram-lhe a ideia de que seria possível, no quadro das actividades da Sociedade das Nações, contribuir para a cooperação internacional dos homens de ciência no combate à filosofia de crueldade e ódio social, ainda em embrião, mas que começava a surgir de alguns focos retintamente extremistas. Talvez, por isso, vamos encontrá-lo de novo, fazendo parte da Comissão em 1924.

Acontecimentos posteriores — revoluções maciças e antiliberais, genocídios, gases, bombas, etc. — acabaram por convencê-lo de que a solidariedade dos cientistas não seria uma força eficaz para garantir ao género

humano um melhor bem-estar, um melhor viver e pensar, se se não apoiasse num combate directo aos centros de agressão militar e de reacção. Isto levou-o a evoluir no seu pacifismo, para o combate efectivo contra o militarismo, o chauvinismo e a reacção.

É nesta fase de espírito que se encontra, quando Hitler implanta na Alemanha o nazismo totalitarista e ferozmente anti-semítico. Caracterizado pelo arbítrio mais completo, desprezo pelos direitos adquiridos, pelas leis, convenções e tratados, e perseguidor de tudo quanto não fosse nazi, Einstein era para o nazismo o inimigo número um, cuja memória interessava sepultar, e só não foi atingido, porque a partir de 1930 era professor visitante da Califórnia Institut of Technology.

Quando Hitler subiu ao poder já estava definitivamente na Califórnia. Antecipando-se a uma expulsão certa da Academia da Prússia, e para poupar os seus amigos a uma possível situação difícil, apressou-se a pedir a sua demissão, declarando que *«com um governo nazi, não poderia continuar a servir o Estado Prussiano»*. Em Março de 1933, a polícia invadiu a sua vivenda de Capulh e confiscou-lhe todos os seus bens, sob pretexto de que se destinavam ao financiamento de um movimento comunista. E, pouco depois, as suas obras, incluindo os artigos sobre a relatividade, foram queimados na praça pública, em frente ao edifício da Ópera em Berlim. Um grande álbum publicado por essa altura na Alemanha, continha as fotografias dos oficialmente considerados maiores adversários do Governo Nazi. Em primeira página vinha a de Einstein. E no final lia-se esta nota: — *«ainda não enforcados»*.

Na América, Einstein fixou-se em Princeton, onde começou a fazer parte do Instituto de Estudos Superiores, a convite de Flexner, seu director. Da sua equipa de trabalho fizeram parte, sucessivamente, como assistentes: Walter Mayer, Nathan Rosen, Peter Bergmann, Valentin Bergmann, Ernest Strauss, John Kemeny, Robert Kraichnan e Bruria Kaufmann.

Muito antes de se fixar na América, pressentira ele a tragédia que seria para a Humanidade o aproveitamento da ciência para fins bélicos.

A guerra de 1914-1918, com os seus explosivos, raids aéreos, tanques, gases... fora uma lição amarga. Podia prever-se o que seria agora com a aplicação de novos inventos físico-químicos de natureza superiormente destruidora.

Tinha o pressentimento de uma nova guerra, e sabia-se, por informações de refugiados alemães, que a Alemanha fabricava activamente o seu potencial guerreiro, e esperava dispor dentro em breve de armas

nucleares. O que seria para a Humanidade a bomba atômica na Alemanha nazi?

De facto, a Segunda Guerra eclodiu, menos de dois anos depois, no Verão de 1939. Era necessário impedir que o fabrico da bomba atômica caísse na posse do nazismo.

Neste sentido, os físicos atomistas Leo Szilard e Wigner emigrados da Europa fascista em Julho desse ano, visitaram Einstein na sua casa de verão, na Costa Norte de Long Island, a quem expõem as suas apreensões e pedem e obtêm a sua colaboração para convencer o governo americano da existência e gravidade desse perigo. Conseguem interessar também nesta missão o banqueiro Alexandre Sachs, amigo e conselheiro do presidente Roosevelt e decidem, como melhor caminho a seguir, que Einstein escrevesse directamente ao presidente. A dois de Agosto, Szilard, desta vez acompanhado por Teller, tem novo encontro com Einstein, em que este assinou uma extensa carta apresentada por Teller que, com um memorando, em anexo, de Szilard, foi enviada a Roosevelt. Nela se manifestava o receio de os alemães poderem vir a utilizar como arma de guerra a energia libertada pela cisão do núcleo e sugeriam-lhe a conveniência do desenvolvimento deste engenho. É bem compreensível assim o motivo que levou este pacifista a aconselhar o fabrico da primeira bomba atômica.

Esta carta de que Alexandre Sachs seria o portador, só no dia 14 de Outubro foi entregue a Roosevelt que, após algumas hesitações, incumbiu o seu adido militar General Watson de pôr a funcionar o maquinismo donde, quatro anos depois, veio a sair a bomba atômica.

Em segunda carta enviada a Roosevelt, encontrada na Geórgia, no mesmo dia da sua morte, Einstein frisava o grande interesse que os alemães estavam a dispensar na pesquisa do urânio e propunha que a bomba atômica fosse demonstrada no Japão. Aí realmente o foi em 6 de Agosto de 1945. Perante a catástrofe de Hiroxima e Nagasaki — o maior massacre da História — dois golpes cruéis para o cientista —, Einstein, horrorizado, consideraria aquela carta o acto mais infeliz da sua vida. É que a sua obra é cheia de ressonâncias humanitárias. O seu coração nobre e compassivo fizeram dele um apaixonado pelo bem da Humanidade. Ele não foi só um grande espírito, mas um grande coração sensível a tudo quanto fosse humano. E se julgou necessário o recurso à energia atômica para impedir que, com o triunfo de Hitler, triunfasse sobre o mundo o barbarismo racista, não se seguia daí, em seu juízo, que tivesse o direito de destruir o Japão já virtualmente vencido. Sentindo em sua consciência o peso do cataclismo, lançou-se

numa campanha mundial, procurando despertar da sua inércia os homens de Estado, para a imensa gravidade do uso da energia atômica para fins bélicos e o resto da sua vida passou-o mergulhado em acalunhadora tristeza a formular matematicamente a teoria do Campo Unificado.

A 13 de Abril de 1955 começou a sentir uma dor aguda, vindo a falecer no dia 17, pouco depois da meia-noite (1).

De harmonia com o seu testamento, foi guardado segredo sobre a hora do funeral e local da incineração, a que só assistiram alguns amigos mais íntimos.

CRUZ DINIS

---

(1) A Universidade de Princeton anunciou posteriormente a sua intenção de publicar os arquivos secretos de Einstein, em sua posse, desde a morte do sábio.

São colecções constituídas por cadernos de notas, manuscritos e milhares de cartas, em que, além da correspondência com grandes físicos, família e amigos, há a correspondência com altas figuras da actualidade: = Sigmund Freud, Bertrand Russel, Franklin Roosevelt, Tomas Mann, Albert Schweitzer, George Bernard Shaw, etc.

São documentos que não deixarão de fornecer preciosos elementos para melhor conhecimento da sua «Teoria da Relatividade», que tão profundamente viria revolucionar as concepções formadas sobre a gravitação, o espaço e o tempo.

MUSEUS DE COIMBRA — DA 1.ª EXPOSIÇÃO  
DISTRICTAL À ORGANIZAÇÃO DO MUSEU  
MACHADO DE CASTRO

1. Introdução
2. As «Exposições Districtaes» de 1869 e de 1884
3. O «Museu Archeologico do Instituto»
  - 3.1. Criação da «Secção Archeologica» e Fase inicial
  - 3.2. O «Museu de Antiguidades» de António Augusto Gonçalves
4. Do Museu Municipal ao Museu Industrial
  - 4.1. O Museu de Arte Industrial da Câmara Municipal
  - 4.2. O Museu Industrial da Escola Brotero
5. Os Museus de Arte Sacra
  - 5.1. O «Thesouro da Sé»
  - 5.2. O Museu Paroquial de Santa Cruz
  - 5.3. O «Museu da Rainha Santa»
6. Colecções Etnológicas em Museus de Coimbra
  - 6.1. Um «Museu Ethnographico Particular»
  - 6.2. O «Museu Anthropologico da Faculdade de Philosophia»
7. Criação e Organização do Museu Machado de Castro



# MUSEUS DE COIMBRA—DA I EXPOSIÇÃO DISTRITAL À ORGANIZAÇÃO DO MUSEU MACHADO DE CASTRO

por

HENRIQUE COUTINHO GOUVEIA

Museu e Laboratório Antropológico (U. C.)

## 1. INTRODUÇÃO

Constituindo o tema desta comunicação matéria recente de estudo, e sendo o período analisado razoavelmente longo, pretende-se por agora proceder a pouco mais do que uma apresentação das questões abordadas, acrescida do delinear de algumas das conclusões mais evidentes. Salienta-se ainda que a escassez dos trabalhos relativos à história dos museus portugueses dificulta sensivelmente a preparação de estudos deste tipo, que parecem, no entanto, constituir a base mais segura para uma caracterização abalizada da evolução museológica nacional.

Propõe-se assim este trabalho reunir alguns apontamentos sobre um período da história dos museus coimbrãos, cujo início parece dever reportar-se, aproximadamente, à data da organização da primeira «Exposição Districtal», em 1869. O país encontrava-se então na época de consolidação do regime liberal, que se sucedeu à Regeneração, e que uma acentuada estabilidade política, o incremento do desenvolvimento económico e o progresso científico iriam, de certo modo, caracterizar. Procurou-se delimitar o período a analisar sobretudo em função de acontecimentos significativos para a história dos museus locais, e assim acabou por escolher-se para seu termo o ano de 1929, que corresponde ao afastamento de António Augusto Gonçalves da direcção do Museu Machado de Castro.

A respeito desta escolha convém, antes de prosseguir, sublinhar dois aspectos. Primeiramente, a importância que a figura de Augusto Gonçalves assume, em relação à maior parte dos museus conimbricenses da época focada. Com efeito, ou participou decisivamente na sua criação ou colaborou activamente na sua organização, contribuindo de forma assinalável para o seu desenvolvimento.

Seguidamente, importa referir que se tornaria necessário analisar, de modo mais aprofundado, o significado desse afastamento no contexto da

evolução do Museu Machado de Castro, e as próprias características da sua história posterior, para se poder avaliar, com precisão, se essa data traduz efectivamente o limite de um período, ou se seria necessário prolongá-lo até se encontrarem acontecimentos que justificassem outro critério de divisão.

Acrescente-se ainda que um maior desenvolvimento do assunto tratado implicaria que o papel de António Augusto Gonçalves, relativamente aos museus da época, fosse objecto de um estudo mais desenvolvido, relacionando as suas concepções museológicas com as atitudes assumidas em defesa do património cultural e com as suas teorias pedagógicas sobre a formação profissional e educação das classes operárias, pois todo esse pensamento se conjuga de uma forma perfeitamente coerente ao longo da sua carreira.

De qualquer modo, depois de uma época de extrema importância para a história museológica portuguesa, como é a da criação e fase inicial dos museus da Universidade Pombalina, é com certeza este o período de maior interesse da museologia local.

De resto, também assim parece acontecer numa perspectiva geral da história dos museus portugueses, que terão vivido então a sua segunda fase realmente importante.

Aliás, o interesse provocado pelo período escolhido deriva, em grande parte, do facto de se verem reflectidas, no surto museográfico que se verificou a nível local, algumas das características julgadas relevantes para a história museológica portuguesa da época, e que se irão procurar referir em seguida, de modo sucinto. Com efeito, embora, de todas as tentativas de implantação de museus que se vão focar, a única que acabasse por vingar fosse a do Museu Machado de Castro, precisamente a última, os elementos explicativos detectados na análise particular de cada uma parecem assumir, pela sua frequência em casos comparáveis, um interesse muito especial para a caracterização dos museus nesse período.

Deparar-se-á pois com várias atitudes tendo em comum a defesa e conservação do património histórico e artístico — sobretudo aquele que a progressiva extinção das ordens religiosas e, mais tarde, a nacionalização dos bens eclesiásticos pôs à disposição do país — mas reflectindo, simultaneamente, conflitos e interesses divergentes, senão opostos. Foi o caso das tentativas de manutenção desses bens culturais nas regiões de origem, opondo-se aos apetites das cidades maiores e, principalmente, ao da capital; e o da Igreja procurando ainda conservar parte do património que detinha, afectando-o ela própria a objecti-

vos vincadamente sociais de educação do público e elevação do seu gosto artístico.

O acentuado contributo da arqueologia — ciência nova que irá conhecer então um período de desenvolvimento — para a criação de novos museus, e a importância crescente dos estudos antropológicos, originando, por virtude de teorias então aceites, o aparecimento de valiosas colecções etnográficas, reflectir-se-ão também em algumas das experiências a descrever. E a preocupação da valorização económica e científica dos territórios ultramarinos terá igualmente uma incidência directa no incremento do património etnológico africano.

Finalmente, ver-se-á aflorar, por diversas vezes ao longo do processo descrito, a questão da dependência local ou central dos museus criados, constituindo o período estudado uma experiência frustrante para a primeira posição.

Este breve esboço das características gerais da evolução dos museus de Coimbra, na segunda metade do século passado e princípios do actual, parece pois justificar a evocação sumária de cada um deles, a que se vai tentar proceder.

## 2. As «Exposições Districtaes» de 1869 e de 1884

A primeira iniciativa deste tipo realizou-se durante o mês de Julho de 1869, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, tendo sido denominada «Exposição Districtal de Industria agricola e fabril e de Archeologia». Para a sua instalação foram ocupados o grande salão da sede da Associação, as respectivas galerias, o jardim da Manga e o claustro adjacente, a que foram adicionadas, mais tarde, duas salas da Câmara Municipal.

O exemplo de exposições semelhantes que já tinham tido lugar em algumas cidades do país, e a importância conferida na época às iniciativas deste género, como fontes de progresso das artes e das indústrias, influíram decisivamente no arranque da realização. Com efeito, as exposições deste tipo eram já então consideradas como um forte contributo para o aperfeiçoamento profissional dos trabalhadores, o incremento do consumo e o aumento da produção. A inclusão das chamadas «obras representativas de trabalhos antigos», dado o seu valor didáctico, inseria-se perfeitamente na prossecução dos objectivos acabados de focar.

O certame compunha-se de uma secção de indústria e outra de agricultura, a que, por proposta do Presidente da Associação, Olympio

Nicolau Fernandes, se agregou uma terceira de «arqueologia e raridades naturais, artísticas e industriais», cuja organização esteve a cargo de uma comissão especial, de que faziam parte Francisco Correia Torres, Ayres de Campos e Joaquim Martins de Carvalho.



Sala da Associação dos Artistas de Coimbra — antigo refeitório do Convento de Santa Cruz — que foi o mais amplo local de instalação da Exposição Districtal de 1869.

(Reproduzida de «Exposição Districtal de Industria Agricola e Fabril e de Archeologia...», Coimbra, 1869).

Na opinião do seu proponente, a inclusão desta última secção justificava-se pela importância e interesse que estava então a despertar a arqueologia. Foi dividida em cinco grupos — História Natural, Obras científicas, Belas-Artes, Produtos da indústria antiga, e Variedades — incluindo um precioso património de arte sacra, cedido pela Sé catedral, colecções mineralógicas, botânicas, zoológicas e paleontológicas, em parte pertencentes ao Museu da Universidade, e diversos objectos etnográficos africanos depositados por coleccionadores particulares.

Sob o ponto de vista da história museológica local, é este o sector que reveste maior interesse, podendo-se relacionar com ele a orga-

nização, poucos anos depois, do Museu do Instituto, que irá constituir a primeira manifestação museográfica deste período.

Recorda-se que, à data desta exposição, apenas existia em Coimbra o Museu de História Natural da Universidade, panorama que em breve irá sofrer uma primeira transformação pois, na época da exposição distrital seguinte, já o Museu da Secção Arqueológica do Instituto contaria alguns anos, encontrando-se também em organização o Museu da Sé catedral.

Dando continuidade a objectivos semelhantes, uma segunda exposição distrital irá abrir a 1 de Janeiro de 1884, no edifício do Colégio do Carmo, na rua da Sofia, tendo estado a sua organização a cargo da Escola Livre das Artes do Desenho, criada em 1878, e que já anteriormente havia realizado algumas experiências do género, embora de menor dimensão.

Se relacionarmos a preocupação didáctica relativamente à população trabalhadora — que foi um dos objectivos sempre presentes neste tipo de iniciativas — com a principal finalidade da Escola Livre, que era a de dotar a cidade com um tipo de «ensino especial até aí inexistente — a aprendizagem do desenho e modelação aplicados à escultura em barro, gesso e pedra e às artes industriais e fabris» (1) — facilmente se compreende como é que este organismo surge a animar e orientar esta nova realização.

De acordo com o programa apresentado, o acervo da exposição seria classificado em sete grupos — Belas-Artes e suas aplicações; educação e elementos de estudo; mobiliário e acessórios; tecidos, vestidos e acessórios; máquinas; indústria extractiva e suas transformações; e indústria agrícola.

Acerca desta exposição distrital e da que a precedeu, existe bibliografia descrevendo com algum pormenor a apresentação do acervo ao longo das diversas secções, bem como um pequeno núcleo de documentação visual.

Tal como já acontecera com a anterior, esta realização virá propiciar uma nova experiência museográfica, que é a do Museu de Arte Industrial da Câmara Municipal, de duração efémera mas com particular significado dado que, pela primeira vez, se tentará concretizar um tipo de concepção museológica, que se repetirá em experiências posteriores, acabando por perdurar até na organização do Museu Machado de Castro.

---

(1) Exposição Distrital de Coimbra em 1884. Revista. Conferências. Prémios. Coimbra, Imp. da Univ., 1884, p. VIII.

### 3. O «Museu Archeologico do Instituto»

#### 3.1. Criação da «Secção Archeologica» e Fase inicial

As actividades deste Museu prolongam-se por um período de cerca de quarenta anos, distribuindo-se por duas fases que uma crise acentuada e de longa duração separa. A sua vida, algo irregular, irá pois acompanhar a maior parte do período museológico considerado neste trabalho, acabando por se dissolver apenas quando, já criado o Museu Machado de Castro, o seu acervo lhe foi confiado em depósito.

Quando, a 5 de Março de 1873, em sessão da «classe de letras e bellas artes» foi proposta por Filipe Simões a criação de uma Secção de arqueologia, o Instituto de Coimbra contava aproximadamente vinte anos de existência como organismo independente. O processo inicial de constituição da Secção e de organização do Museu, já previsto no seu Regulamento aprovado em 4 de Julho de 1874, desenrolou-se rapidamente, sendo o primeiro conservador do novo organismo, Ayres de Campos, designado logo no início do ano seguinte.

A «Secção de Archeologia» do Instituto traduzia o interesse da instituição que a enquadrava pela ciência arqueológica, que se encontrava então em Portugal no começo do seu período mais progressivo e de maior desenvolvimento. Nessa fase de evolução da arqueologia portuguesa os organismos regionais revestiram especial importância, embora praticamente sem apoio do Estado e sobretudo graças ao vigor da iniciativa particular. O Museu do Instituto, que em algumas outras cidades de província tivera predecessores recentes, iria ter em outras seguidores próximos.

Como ficou dito, já a Exposição Distrital de 1869 incluía, por idênticas razões, uma secção especial de arqueologia, de que um dos principais animadores fora João Correia Ayres de Campos, precisamente a figura central do Museu nesta sua primeira fase. A semelhança de motivos, os mesmos intervenientes e a proximidade dos acontecimentos permitem que se estabeleça entre ambos uma certa ligação, que só um estudo mais aprofundado terá possibilidades de caracterizar melhor.

A análise pormenorizada do Regulamento já mencionado esclarece os seus objectivos principais, fornecendo também informações valiosas relativamente à organização do Museu. Assim, a Secção propunha-se essencialmente estudar a arqueologia geral e a do país

e promover o desenvolvimento desse tipo de conhecimento científico, através de cursos especializados e de debates, da realização de investigações, da publicação dos seus trabalhos e da instituição de um museu. O âmbito dos estudos que se pretendia impulsionar era pois muito vasto, englobando a pré e proto-história e as várias épocas históricas, como se pode constatar através do acervo reunido. As colecções seriam adquiridas pela Secção ou aí depositadas, prevendo-se ainda o seu enriquecimento através da realização de escavações e das remessas efectuadas pelos associados correspondentes, também a título de depósito ou doação.

O Regulamento ocupava-se igualmente do pessoal affecto ao Museu ou que nele viria a colaborar, fixando as respectivas competências e atribuições. Descrevia ainda minuciosamente o sistema de registo de inventário previsto e a forma de o executar, bem como alguns aspectos das medidas de segurança a observar. Graças ao esforço e à generosidade de Ayres de Campos, as colecções existentes vieram a ser registadas também em catálogo impresso, tendo inclusa uma relação dos doadores e depositantes, publicado pouco a pouco nos números de *O Instituto* e depois num volume, em 1877. Um suplemento, elaborado igualmente pelo conservador do Museu, foi editado em 1883, abrangendo esse novo período de actividade.

Pelo Regulamento da Secção previa-se que apenas uma das salas do Instituto fosse designada pela assembleia geral para alojar o Museu. Tem-se conhecimento que a sua instalação acabou por efectuar-se — sempre em condições relativamente deficientes — no piso inferior do Colégio de S. Paulo Eremita, para cujo edifício o Instituto se transferira a partir de 1868. Esse edifício situava-se na antiga rua Larga ou do Infante D. Augusto, em frente do Colégio de S. João Evangelista, tendo igualmente fachadas para as ruas do Borrvalho e do Guedes.

Ao novo organismo era ainda assinalada uma função de preservação do património local e nacional, nomeadamente alertar os poderes públicos para as necessidades daí decorrentes.

Não seria correcto deixar de referir de modo especial, entre os entusiastas iniciais do Museu, Augusto Mendes Simões de Castro, com certeza o melhor colaborador de Ayres de Campos nesta fase de arranque. Mas este primitivo surto de labor acabaria por não ter continuidade, sucedendo-se-lhe uma época de crise que se prolongaria quase por uma década, e durante a qual iriam também, sucessivamente, desaparecendo quase todos os promotores da iniciativa. Desse interregno existem vários testemunhos de cariz negativo, inclusive o da pessoa

que, a partir de meados da última década do século, iria conduzir este Museu ao seu período mais brilhante.

Com efeito, avolumando-se o interesse em redinamizar o Museu, o inconformismo de Simões de Castro e Júlio Henriques face à situação de degradação vigente levou a que, por sugestão deste último, fosse dirigido um convite a António Augusto Gonçalves para que se tornasse sócio do Instituto, a fim de assumir as funções de seu conservador.

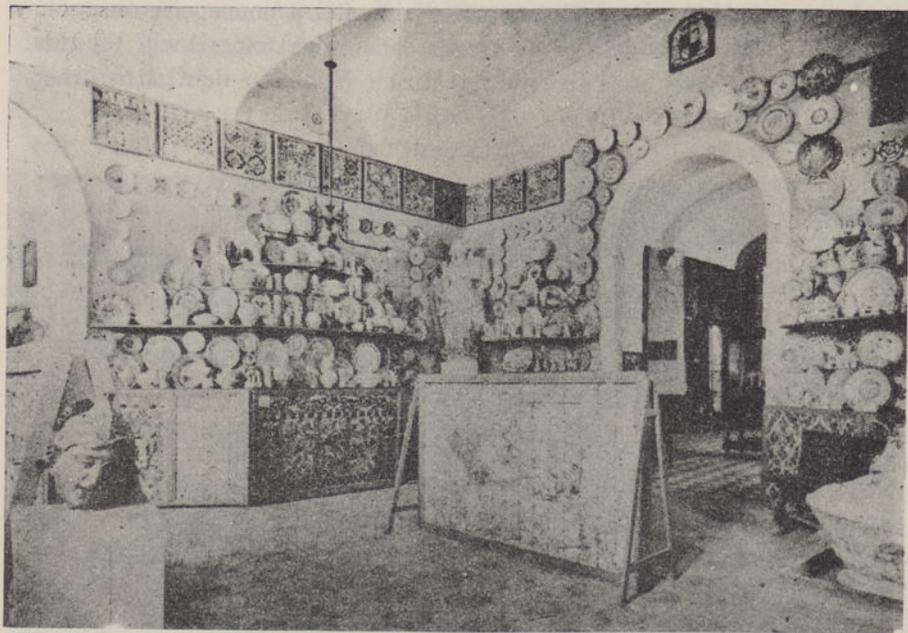
### 3.2. O «Museu de Antiguidades» de António Augusto Gonçalves

Na época em que é solicitado pelo Instituto a fim de reorganizar o seu Museu Arqueológico, já se haviam praticamente encerrado para António Augusto Gonçalves as experiências do Museu da Câmara Municipal e do Museu Industrial da Escola Brotero, em que pretendia transformar o primeiro e que serão referidas com maior pormenor nas rubricas seguintes. Era pois natural que, uma vez aceite o convite que lhe fora dirigido, o seu interesse pelo assunto e a sua incansável energia o levassem a procurar concretizar neste outro organismo as suas concepções museológicas. Sob a acção do novo director, o Museu do Instituto transformou-se e ampliou-se, integrando novas colecções, em parte provenientes de depósitos particulares ou de igrejas e edifícios públicos. A este respeito são de referir as de cerâmica, propriedade de Mestre Gonçalves e de Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e, posteriormente a 1899, as de arqueologia romana provenientes das escavações que então foram realizadas em Conímbriga, financiadas por um subsídio da Rainha D. Amélia. Os critérios de recolha, classificação, instalação e exposição passaram também a ser os do novo conservador, vindo a merecer o aplauso geral logo que foram tornados públicos.

A reinauguração oficial ocorreu a 26 de Abril de 1896, distribuindo-se o acervo exposto por duas salas denominadas «Costa Simões» e «Ayres de Campos». No primeiro caso homenageava-se a figura que, como Reitor da Universidade, patrocinara as importantes obras de adaptação e arranjo, que esta custeara na sua condição de entidade proprietária do edifício. No segundo caso evocava-se o principal responsável pela organização inicial do Museu. Mas o progressivo incremento do seu património implicou o aumento das instalações que lhe tinham sido atribuídas, acabando por vir a ocupar praticamente todo o piso térreo do Colégio de S. Paulo primeiro Eremita.

Existe documentação que permite reconstituir a organização do

Museu ao longo desta segunda fase da sua existência, e em que se indicam as colecções que eram apresentadas nas várias secções. Do arquivo fotográfico do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra constam mesmo algumas fotografias mostrando diversos aspectos da sua exposição permanente. Entre a documentação escrita, devem citar-se uma minuciosa descrição feita por Manuel Monteiro, em Outubro de 1904 <sup>(1)</sup>, e um catálogo sintético intitulado «Museu de



Sala de Cerâmica do Museu Arqueológico do Instituto, situado no Colégio de S. Paulo primeiro Eremita

(Foto A. Bobone — Lisboa)

Antiguidades do Instituto de Coimbra — Notas», publicado pelo seu conservador, em 1911. A importância e significado da acção de António Augusto Gonçalves ao longo desta derradeira fase do Museu do Instituto levou a que essa mesma denominação fosse escolhida para título desta sub-rubrica.

(1) Ver *Portugal Artístico*, série I, n.ºs 1-24, 1904-1905.

Com efeito, o Museu Arqueológico parece ter atingido nesta sua segunda fase uma dimensão, um rigor científico e um tipo de organização e exposição que o distanciavam substancialmente das características da sua época inicial. E o facto de o seu principal responsável considerar certos núcleos, como por exemplo a modesta colecção de pintura, o início de novas secções a desenvolver de futuro, mostra também que os seus planos não se encontravam ainda concretizados. Ao longo de todo o seu trabalho neste domínio, Mestre Augusto Gonçalves parece — como já se mencionou — ter sido fiel a concepções museológicas que irá procurando retomar em cada nova experiência tentada. Mas, mais adiante, a propósito do Museu Machado de Castro, abordar-se-á de novo este tema.



O mesmo tipo de exposição foi transposto para o Museu Machado de Castro, também organizado por António Augusto Gonçalves, após a implantação da República.

(Foto Rasteiro — Coimbra)

Poderá ainda ser significativo o facto de, durante quase todo o longo período da actividade de António Augusto Gonçalves como conservador do Museu de Antiquidades, a direcção do Instituto ter sido

presidida pelo Professor Bernardino Machado, que à causa dos museus de Coimbra parece ter assim dedicado também boa parte do seu esforço.

As novas condições criadas pela mudança de regime, ocorrida em 1910, a criação por decreto do Museu Machado de Castro logo no ano seguinte, e a possibilidade que se oferece a António Augusto Gonçalves de dar início à sua organização, parecem ter concorrido para que o Museu de Antiguidades acabasse por ser sacrificado em favor do novo projecto museológico. Assim, a direcção do Instituto veio a anuir, em Agosto de 1912, ao pedido de cedência em depósito ao Museu Machado de Castro dos objectos de arte e arqueologia que detinha.

Com o encerramento do Museu do Instituto aproxima-se também em Coimbra o final do surto museográfico de raiz local, pois o museu que em parte lhe sucedeu passou para a dependência directa dos poderes centrais, sendo provável que os insucessos ocorridos com os museus locais possam ter pesado nesse tipo de resolução.

#### 4. Do Museu Municipal ao Museu Industrial

##### 4.1. O Museu de Arte Industrial da Câmara Municipal

Embora acabasse por ficar mais conhecido por Museu Municipal, surgiu inicialmente com a denominação de Museu de Arte Industrial, que era, muito provavelmente, a que melhor correspondia à sua concepção. Criado em Fevereiro de 1887, por proposta conjunta da minoria republicana na vereação camarária, veio também coroar uma série de tentativas que vinham sendo feitas, com idêntica finalidade, desde a realização da Exposição Distrital, em 1884, chegando inclusivamente a ser solicitada, para esse efeito, a cedência do edifício da Graça, na rua da Sofia. Da minoria referida fazia parte António Augusto Gonçalves, e o projecto de organização do Museu de Arte Industrial traduz bem o seu pensamento no domínio dos museus.

Assim, este organismo compunha-se de uma secção retrospectiva ou histórica — «destinada a activar no espírito do público o gosto e sentimento pela arte», a documentar os estudos neste campo e a influenciar, pelo exemplo, os artífices da época — e de uma outra secção de indústria moderna, tendo «por fim evidenciar a aptidão, capacidade produtiva e recursos comerciais da grande ou pequena indústria e indústrias caseiras do seu distrito, tornando conhecidos em favor dos inte-



resses do fabricante e do consumidor os artigos que possam ser aproveitados para o maior desenvolvimento mercantil» (1).

A preocupação de defender e conservar «as relíquias do trabalho nacional antigo», numa cidade outrora com um opulento património artístico e, posteriormente, vítima de tão variadas formas de depreciação, é também manifestada com frequência como um dos objectivos deste Museu. Havia ainda que seguir o exemplo já então dado por outros municípios ao criarem colecções públicas.

São, portanto, de sublinhar, a propósito da criação deste Museu, uma intenção pedagógica relativamente aos principais intervenientes no processo produtivo, pondo, no entanto, especial ênfase na educação das classes operárias, e o objectivo da preservação local do património — num período consideravelmente importante, pois coincide com a extinção de algumas das casas congreganistas femininas da região — dois objectivos que se manifestam, de forma quase permanente, na actividade de António Augusto Gonçalves.

Deve ainda salientar-se que a organização do Museu de Arte Industrial surge intimamente relacionada com os esforços envidados no sentido de dotar Coimbra de ensino profissional, um dos objectivos educacionais prioritários de então. Nesse sentido, e a uma primeira iniciativa de ordem particular — a criação da Escola Livre das Artes do Desenho — suceder-se-á, já a nível oficial, a instalação da Escola de Desenho Industrial Brotero, transformada em 1889 na Escola Industrial. No fundo, os museus e as escolas de formação profissional não representavam mais do que duas vias para a concretização de um mesmo objectivo — o aperfeiçoamento do trabalho nacional através da educação dos seus executantes.

Quanto à importância e significado do movimento que conduziu então à criação de alguns museus municipais, e ao melhor esclarecimento da sua natureza e objectivos, só um conhecimento mais fundamentado da história museológica do país os poderá vir a elucidar.

A fim de poderem constituir as suas colecções, os responsáveis por este Museu dirigiram convites a numerosos coleccionadores particulares e a proprietários de oficinas e fábricas, explicando os objectivos que pretendiam alcançar e solicitando o depósito dos bens culturais que, pelas suas características, pudessem ser de utilidade ao projecto. Simultaneamente, diligenciaram também no sentido de obterem o depósito

---

(1) Ver *O Conimbricense*, n.º 4 294, de 20 de Outubro de 1888.

dos objectos com valor histórico e artístico que constituíam propriedade pública. A Câmara Municipal responsabilizava-se pelos objectos depositados no Museu, de acordo com o que constava no respectivo regulamento.

Durante a fase de organização inicial houve igualmente que vencer dificuldades relativas às instalações, pois as que lhe tinham sido atribuídas, na galeria sul do Claustro do Silêncio de Santa Cruz, acabaram por não ser cedidas pela respectiva Junta de Paróquia — ainda que esta as estivesse ocupando a título precário — tendo o Museu que ir ocupar as galerias situadas a norte e a leste. Esta luta pelas instalações a que tinha direito, e que finalmente não conseguiu obter, foi de certo modo o primeiro de uma série de conflitos em que o Museu Municipal se iria ver envolvido no decurso da sua breve carreira, e que viriam a comprometer irremediavelmente o seu futuro.

Depois de um longo processo de instalação, o Museu Municipal abriu ao público em 15 de Dezembro de 1889, numa altura em que, segundo o próprio testemunho de Mestre Gonçalves, muito se encontrava por fazer, sobretudo no que se referia à Secção de Indústria Moderna, então ainda bastante aquém das suas expectativas, pois apenas se conseguira a adesão de uma percentagem insignificante dos proprietários de indústrias e oficinas artesanais.

Paradoxalmente, logo após a data de abertura, iniciar-se-ia o processo de crise, que, agravando-se depois progressivamente, acabaria por conduzir ao encerramento do Museu. Com efeito, a mudança que se verificou na vereação, no princípio de 1890, não se iria revelar propícia ao desenvolvimento da instituição recém-criada, que perdeu então o apoio que até aí lhe fora dispensado. E se, no processo de crise que em breve se iria abrir, a vereação revelou uma intenção implícita de obstrução ao Museu, o certo é que o seu conservador também não deu provas da flexibilidade necessária para poder ultrapassar esse período de dificuldades, aguardando o advento de tempos mais favoráveis para conseguir salvá-lo. Certamente que razões de ordem política não terão deixado de estar igualmente presentes no decorrer do longo confronto, pois que, como se disse, o Museu surgiu desde o início estreitamente ligado a conhecidos vultos republicanos, tendo tido exaltado eco na imprensa partidária de então todos os conflitos que marcaram a sua curta existência.

O diferendo entre o conservador e a vereação camarária prolongar-se-ia por cerca de dois anos, sem nunca chegarem a ser explicitadas as razões de fundo que o alimentavam, e teria o seu epílogo em

Fevereiro de 1891, com a tentativa de organização de um museu anexo à Escola Industrial Brotero.

#### 4.2. O Museu Industrial da Escola Brotero

O aparecimento deste Museu parece ter representado, fundamentalmente, uma tentativa de resolução airosa do conflito que vinha opondo o conservador do Museu Municipal à vereação camarária, e que, como ficou dito, se vinha arrastando pelo facto de nenhuma das partes em litígio pretender arcar, perante a opinião pública, com a responsabilidade da sua extinção.

No entanto, os efeitos práticos desta medida iriam ser quase nulos, resultando apenas num prolongamento obscuro e inglório da anterior instituição. Deve dizer-se, apesar de tudo, que esta transferência das colecções ainda existentes para a responsabilidade da Escola Industrial não tinha qualquer carácter artificial, podendo-se mesmo qualificar como sensata e adequada, dados a concepção e os objectivos que haviam presidido à organização do Museu Municipal.

De acordo com a opinião de José Pinto Loureiro, esta tentativa de ultrapassar a crise em que o Museu anterior mergulhara teria sido muito possivelmente inspirada por António Augusto Gonçalves<sup>(1)</sup>. O certo é que, nos começos de 1891, a Direcção-Geral do Comércio e Indústria solicitou à Câmara Municipal de Coimbra a cedência do acervo e mobília do seu Museu, para que se constituísse um Museu Industrial, anexo à Escola Brotero. A Câmara concordou também em que esse organismo se mantivesse nas instalações do Claustro do Silêncio, que até aí ocupara.

A existência do Museu Industrial irá prolongar-se então por cerca de oito anos num clima de estagnação, enfrentando dificuldades que não conseguirá ultrapassar. Assim, em 1894, a Câmara solicitará a devolução das instalações emprestadas e, como não tivesse ainda sido preparada qualquer solução alternativa, essa restituição é protelada por mais cinco anos, durante os quais a deterioração do Museu não deixa de se acentuar. A partir desse mesmo ano, a reorganização do Museu do Instituto, a que já foi feita referência, e em que o Professor Augusto Gonçalves desempenhou papel de tanto relevo, iria também possibili-

---

(1) Ver José Pinto LOUREIRO, «Museu Municipal de Coimbra — Processo da sua criação e extinção», *Arquivo Coimbrão*, vol. v, pág. 186.

tar a transferência para esse organismo de parte do acervo restante do efémero Museu da Escola Brotero.

Ainda a propósito deste organismo, e pese embora o resultado negativo da experiência, convém focar uma sua característica, que representa como que um prenúncio de um tipo de solução que irá vingar posteriormente, dotando Coimbra do primeiro museu duradouro fora do âmbito universitário. Tem-se em mente o facto de, pela primeira vez durante o período em causa, um museu ter ficado na dependência de um organismo central, revestindo a questão certa importância uma vez que, como já se salientou, uma das causas motivadoras da criação dos museus locais foi a defesa do património da região, permanentemente ameaçado de desvios em favor de instituições congéneres da capital.

## 5. Os Museus de Arte Sacra

### 5.1. O «Thesouro da Sé»

Foi o museu eclesiástico de maior relevo, igualmente conhecido por «Museu das Pratas da Sé» e, no último período, por «Museu de Arte Religiosa» ou de «Ourivesaria e Tecidos». A sua criação ficou-se a dever ao Bispo-Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina, que tomou essa iniciativa na sequência do assinalado êxito obtido por uma representação da Diocese na Exposição de Arte Ornamental, realizada em Lisboa, em 1882.

Uma vez regressadas as colecções apresentadas nessa exibição, e conseguidos os meios pecuniários necessários, as obras de adaptação iniciaram-se nos começos de 1883, sob a direcção do engenheiro Adolfo Loureiro, sendo depois a exposição organizada pelo Dr. Filipe Simões <sup>(1)</sup>.

Este Museu começou por ser instalado em duas salas, localizadas na parte sudoeste do edifício do antigo Colégio de Jesus, integrando o seu acervo importantes colecções de ourivesaria e ainda paramentos e tapeçarias. Um sensível aumento do património inicial, devido sobretudo ao ingresso de novos objectos, provenientes de conventos extintos da região, obrigou a que essas instalações fossem acrescidas de duas novas salas. Algumas descrições dão a conhecer, com relativo pormenor, a forma como se encontrava organizada a exposição, existindo ainda alguns exemplares

---

<sup>(1)</sup> Ver *Anais do Município de Coimbra — 1870-1889*, ed. da C. M. C., pág. xxxiv.

do mobiliário utilizado, mandado executar expressamente pelo seu fundador. Dado o valor das suas colecções, este Museu dispunha de um sistema de segurança, pois as portas e janelas, que davam acesso à área ocupada, eram chapeadas a ferro.

Algumas dificuldades, que porventura não serão totalmente convincentes, impediram que fosse elaborado um registo de inventário à medida que foi sendo instalado. No entanto, em 1911 foi editado um catálogo impresso dos objectos de maior interesse, da autoria de António Augusto Gonçalves e de Eugénio de Castro, publicação que incluía também várias fotografias <sup>(1)</sup>.

De acordo com a orientação deste trabalho, importa considerar com alguma atenção os motivos que presidiram à criação deste Museu. Assim, a principal razão invocada foi a da preservação de um importante sector do património sacro, parte do qual corria riscos muito sérios de se perder após a extinção das casas congreganistas femininas, onde se encontrava. E, sob esse aspecto, foi então realizada uma acção particularmente notável, que veio a merecer unânimes elogios.

No entanto, e embora não se encontrem expressamente referidos, não poderão ignorar-se outro tipo de motivos que corresponderiam, por certo, à intenção do Bispo-Conde de confiar a preservação de um importante sector do património eclesiástico a uma instituição subordinada à sua orientação e controlo. Muitos anos depois, em 1951, o reverendo Cónego Nogueira Gonçalves viria a traduzir, provavelmente de forma exacta, a intenção subjacente do responsável pelo Museu da Sé, ao afirmar que «não foi nunca vontade sua, nunca lhe poderia surgir no espírito a secularização do tesouro da sua Sé, das peças catedralícias, conventuais, colegiais, das associações religiosas que, feitas para o culto, no culto tiveram a sua expressão mais alta, o mais alto sentido <sup>(2)</sup>».

Aliás, na referência que se fará seguidamente a um outro museu eclesiástico — embora de menor importância — do período considerado, podem ser encontrados elementos comparativos que ajudam a compreender melhor a posição e as finalidades deste tipo de museus na época.

---

<sup>(1)</sup> *Notícia Historica e Descriptiva dos Principaes Objectos de Ourivesaria Existentes no Thesoiro da Sé de Coimbra*, Coimbra, Imp. Académica, 1911, 47 p.

<sup>(2)</sup> Ver A. Nogueira GONÇALVES, «Museu de D. Manuel Correia de Bastos Pina — Cartas Independentes II», *Correio de Coimbra*, n.º 1502, ano XXIX, de 16 de Novembro de 1951.

Com o advento da 1.<sup>a</sup> República teria início um processo de transformação deste Museu que, lentamente, acabaria por conduzir à sua extinção, concretizada de facto, após a morte do fundador, com a sua transferência para a Igreja de S. João de Almedina. Assim, embora D. Manuel de Bastos Pina tenha procurado fazer valer o seu museu perante as novas instituições, em «Offício» dirigido ao Governo Provisório da República, em Fevereiro de 1911, e a própria «Lei de Separação do Estado das igrejas» tivesse conferido ao «Museu de arte religiosa anexo à Catedral de Coimbra» uma posição de relevo, ao atribuir-lhe o qualificativo de «nacional», o decreto de «Reorganização dos Serviços Artísticos e Archeológicos» acaba por declará-lo simples secção do Museu Machado de Castro, então criado. Relativamente a todo este processo importa, no entanto, sublinhar que, nos diplomas legais promulgados, a posição do Bispo-Conde foi sempre expressamente respeitada, sendo mantidas, até final, as suas atribuições como responsável pelo Museu que fundara. Desse modo, os novos governantes, embora contrariando possivelmente o desejo de D. Manuel de Bastos Pina, relativamente ao futuro do Museu, tributaram público apreço pela acção por ele desenvolvida.

## 5.2. O Museu Paroquial de Santa Cruz

Embora não tenha atingido a projecção do Museu da Sé, a história do Museu Paroquial de Santa Cruz merece uma análise cuidada, dadas as suas implicações no contexto museográfico da época.

A criação do Museu Paroquial surgiu num período de contencioso entre a Câmara Municipal e a Junta de Paróquia de Santa Cruz, relativamente ao controlo da galeria sul do Claustro do Silêncio. Reivindicada pela primeira entidade, para instalação do recém-surgido Museu de Arte Industrial, acabou por alojar o Museu Paroquial que, por sua vez, a Junta tinha também instituído. Na realidade, o conflito terá até envolvido mais directamente os responsáveis pelo Museu do Município e o Prior de Santa Cruz, podendo esta hipótese ser sustentada pelas posições algo dúbias que, pelo menos, uma parte da vereação e vários elementos da Junta foram assumindo durante todo o desenrolar da questão.

Como em todos os processos que então visaram a criação de museus, uma das razões básicas invocadas foi a protecção de um sector patrimonial, relativamente ao qual a Junta tinha responsabilidades e que, uma vez integrado num museu, se pressupunha poder ser mais eficaz-

mente protegido e mais dificilmente desviado em favor de uma instituição estranha, inclusive da própria cidade. De facto, são constantes, na época, as queixas contra os desvios do património em prejuízo das pequenas povoações e dos municípios, e o Mosteiro de Santa Cruz cedo sofrera esse tipo de perda, pois logo em 1834 fora privado de alguns quadros e da espada de D. Afonso I, cedidos ao Museu da Academia Portuense de Bellas Artes. Mas, no caso do Museu Paroquial de Santa Cruz, a reacção de defesa mais importante teria sido face à iniciativa da Câmara Municipal, que procurava obter, para o museu que criara, instalações adequadas e depósitos de bens culturais que o enriquecessem, e entre os quais se contavam alguns dos que acabaram por integrar o primeiro. Beneficiando de algumas animosidades, certamente de raiz política, detectáveis no próprio seio da Câmara contra os animadores e o responsável pelo Museu Municipal, a Junta de Paróquia acabou por lograr os seus desígnios ao ver o seu Museu inaugurado, nas instalações em disputa, a 19 de Junho de 1890. E, aproveitando a crise já então patente, que entravava o desenvolvimento da instituição vizinha, solicitou a devolução de alguns depósitos que aí tinha feito, integrando-os nas colecções expostas.

### 5.3. «Museu da Rainha Santa»

Provavelmente com algumas características semelhantes às do Museu acabado de evocar, existiu na cidade de Coimbra, durante o período em estudo, um outro situado no Convento Novo de Santa Clara. As escassas referências detectadas mencionam-no como «Museu da Rainha Santa», e dão conta de uma tentativa de assalto que teria sofrido em 1913, gorada em virtude da protecção em ferro que reforçava a porta interior que lhe dava acesso.

Cerca de uma dúzia de anos antes tivera certo eco em Coimbra uma questão directamente relacionada com o seu acervo, quando se verificaram tentativas de desvio, em favor de um museu da capital, de alguns objectos de culto integrados no «Thesouro da Rainha Santa Isabel». E a propósito da frequência com que tentativas desse tipo se vinham renovando, argumentou Joaquim Martins Teixeira de Carvalho contra a transferência que se pretendia concretizar, evidenciando a utilidade pedagógica do património municipal: «Os objectos que interessam à história de uma cidade ou de uma província devem ser conservados ali como processo educativo; para eles se devia chamar de muito cedo a atenção das crianças, educando-as no respeito pelos

restos do passado, ensinando-lhes assim a história da sua terra, formando-lhes a alma no amor da pátria» (1).

## 6. Coleções Etnológicas em Museus de Coimbra

No período considerado, há menção de colecções deste tipo logo na Exposição Distrital de 1869, onde foram apresentadas diversas peças etnográficas de origem africana, asiática e americana, então incluídas na «secção de archeologia e de objectos, naturais, artísticos e industriais». Esse património é referenciado em publicações da época, sendo identificados vários objectos dados como pertencentes a coleccionadores particulares. Ficou instalado numa das duas salas, pertença da Câmara, que esta havia cedido propositadamente para a exposição do acervo da secção mencionada.

Como curiosidade, poder-se-á ainda referir que parte dessas colecções se encontravam à venda, desconhecendo-se, no entanto, qual o seu destino posterior.

Relativamente à Exposição Distrital realizada em 1884, desconhecem-se referências à presença de colecções desta natureza, embora, tal como na anterior, tivessem sido expostos numerosos objectos de interesse etnográfico local nas secções industriais.

### 6.2. O «Museu Anthropologico da Faculdade de Philosophia»

No entanto, no decurso do período considerado, o interesse de carácter etnológico deve centrar-se na chamada Secção Ethnographica do Museu de Anthropologia da Universidade de Coimbra, para se utilizar a denominação que lhe é atribuída por Adolpho Frederico Moller, no catálogo que, em 1897, começou a publicar na revista *O Instituto*. E, embora não esteja incluído nos propósitos deste trabalho o estudo da evolução dos museus universitários, importa alinhar algumas considerações sobre este caso, visto tratar-se de um organismo museográfico de certo modo com a sua origem nesta época, ou que, pelo menos, nela veio a ter o seu mais significativo desenvolvimento.

Com efeito, a separação legal dos vários sectores que constituíam o antigo Museu Pombalino de História Natural operou-se em Julho

---

(1) Ver *Arte e Archeologia*, Coimbra, 1925, pág. 88.

de 1885, surgindo então plenamente individualizada uma Secção de Anthropologia que, cerca de meia dúzia de anos depois, o Professor Bernardino Machado começou a organizar e a desenvolver. No entanto, só a partir de 1894 o seu acervo etnológico passou a registar um crescimento notório, uma vez que, por oferta ou por compra, foi nele integrada uma parte importante das colecções africanas que tinham figurado na «Exposição Insular e Colonial Portuguesa» que, nesse ano, teve lugar no Palácio de Crystal Portuense.

Procurando, pelas razões apontadas, não avolumar demasiado esta referência aos museus da Universidade, importa no entanto assinalar que foi durante a direcção do Professor Bernardino Machado, que se prolongou até cerca de 1903, que se reuniu o núcleo fundamental do actual sector de etnologia do Museu e Laboratório Antropológico.

Aliás, é igualmente no decurso do período em estudo que se irá registar o principal surto de progresso nos vários museus resultantes do desmembramento do primitivo Museu de História Natural. Foi quando o Professor Júlio Henriques organizou e instalou o Museu Botânico, e se conseguiu, mercê de sucessivas obras de remodelação, dotar com melhores instalações o Museu Mineralógico e Geológico e o Zoológico, que viu então organizada a exposição de algumas das suas principais salas.

## 7. Criação e Organização do Museu Machado de Castro

A criação deste museu, em 1911, representa como que um epílogo do processo analisado, sendo de sublinhar dois aspectos relevantes associados ao acontecimento. Em primeiro lugar, a sua dependência directa do executivo central, situação, por assim dizer, inédita relativamente à dos museus anteriormente considerados, quase todos dependentes de organismos locais. Depois, o facto de, à data da sua criação, os museus da cidade evocados se encontrarem praticamente extintos, com excepção do Museu da Sé, que o seu fundador procurava ainda impor ao Governo Provisório da República. Esta situação permitiu que alguns dos objectos que integravam o acervo dos museus focados, ou colecções particulares que por eles haviam transitado, fossem reunidos no novo Museu, sendo de salientar que para aí transitou a grande maioria do património do Museu de Antiquidades do Instituto. E como, em Portugal, os tempos não corriam então de feição para as iniciativas eclesiásticas, também aquele organismo, pouco tempo depois, havia de acabar por ser anexado à nova instituição. Numerosos objectos sacros,

provenientes de conventos e igrejas desafectados, vieram também enriquecer as suas colecções.

Como desde o início a direcção do Museu e a orientação dos trabalhos da sua instalação foram assumidos por António Augusto Gonçalves, não será de admirar que se procurassem concretizar, neste novo organismo, as concepções museológicas caras ao Mestre, particularmente a da função pedagógica do museu em relação aos agentes do trabalho. O próprio texto legal de criação do Museu reflecte essas preocupações e, certamente, a própria influência de Augusto Gonçalves, ao afirmar que a sua organização procurará «oferecer ao estudo público colecções e exemplares da evolução da história do trabalho nacional; e que será ampliado com uma secção de artefactos modernos destinados à educação do gosto do público e à aprendizagem das classes operárias (1)». A propósito destas palavras, não poderão deixar de recordar-se os objectivos que, cerca de um quarto de século antes, haviam presidido à organização de um «museu de arte industrial», a primeira iniciativa em que Mestre Augusto Gonçalves se empenhara no campo museográfico. Não é, portanto, de estranhar que o plano de organização deste Museu, e o próprio arranjo das salas, se assemelhassem muito a realizações anteriores, particularmente ao Museu de Antiguidades do Instituto, porventura a experiência mais conseguida até então, neste domínio, por António Augusto Gonçalves. A informação disponível, tanto escrita como visual, torna possível aprofundar bastante esta comparação.

Poder-se-á ainda dizer que este seu trabalho constituiu igualmente um epílogo para a carreira de Mestre Gonçalves como homem de museus, e por isso mesmo — mas também dada a enorme influência dessa carreira no surto museográfico em estudo — é que pareceu adequado tomar como termo do período abordado a data de 1929, que é o ano em que ele abandona a direcção do que foi o «seu último museu». Todavia, como já ficou dito, só um estudo da evolução do Museu Machado de Castro pode permitir avaliar fundamentalmente qual o grau de acerto desta decisão.

Janeiro de 1980 (2).

---

(1) Ver decreto com força de lei do Ministério do Interior, de 26 de Maio de 1911.

(2) Este texto constitui uma reformulação daquele que foi apresentado como comunicação ao V Colóquio da Associação Portuguesa de Museologia, que decorreu em Lisboa, em 1979, sob o tema «Museus Portugueses — Cultura Viva».



## BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

- Algumas preciosidades do Convento de Santa Cruz de Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 973, de 25 de Maio de 1863.
- António Augusto Gonçalves — Acta da sessão realizada na Escola Livre das Artes de Desenho, em 19 de Dezembro de 1905. Coimbra, Typ. Auxiliar d'Escritorio, 1912.
- António Augusto Gonçalves. Homengagem do «Instituto de Coimbra». Coimbra, Coimbra Editora, 1946, 102 págs.
- Auto de Inauguração do Museu d'Antiguidades, confiado à guarda da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra (e Allocuções e Discursos proferidos nessa Cerimónia). In «O Instituto», vol. 43, Coimbra, 1896, págs. 253-273.
- BENAVIDES, Francisco da Fonseca — Catálogo das coleções do Museu Technológico organizado por ... Precedido de uma notícia histórica do mesmo estabelecimento. Lisboa, Tip. Castro e Irmão, 1873, 98 págs.
- BORGES, João — Memorial. S. l., s. tip., s. d. (1917), 8 págs.
- CAMPOS, J. C. Ayres de — Catálogo dos Objectos existentes na Colecção de Archeologia do Instituto de Coimbra — a cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto. In «O Instituto», vols. 20, 21 e 22, Coimbra, 1875-1876.
- CARVALHO, Francisco Augusto Martins de — Ao Defensor do Povo. (Exposição Districtal de 1899). In «O Conimbricense», n.º 5349, anno 52, 1899.
- Exposição districtal de Coimbra, 1899. In «O Conimbricense», n.º 5336, de 3 de Janeiro de 1899, n.º 5337, de 7 de Janeiro de 1899, n.º 5338, de 10 de Janeiro de 1899 e n.º 5339, de 14 de Janeiro de 1899.
- Exposição districtal de Coimbra. In «O Conimbricense», n.ºs 5342, 5348 e 5341, anno 52.º, 1899.
- Exposição districtal de Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 5350, anno 52.º, 1899.
- A Exposição Districtal e a Associação dos Artistas. In «O Conimbricense», n.º 5349, anno 52.º, 1899.
- Exposição districtal de Coimbra em 1899. In «O Conimbricense», n.º 5360, anno 52.º, 1899.
- CARVALHO, Joaquim Martins de — A exposição de Coimbra em 1869. In «O Conimbricense», n.º 4629, de 12 de Janeiro de 1892.
- A exposição em Coimbra — 1900. In «O Conimbricense», n.º 4885, 1894.
- A 2.ª exposição em Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 5039, de 4 de Janeiro de 1896.
- Museu archeologico do Instituto. In Coimbra-Bellas Artes II, «O Conimbricense», n.º 3604, de 25 de Fevereiro de 1882.

- CARVALHO, Joaquim Martins de — Museu de Arte e Indústrias. In «O Conimbricense», n.º 4347, de 27 de Abril de 1889.
- Museu etnográfico. In «O Conimbricense», n.º 4706, de 11 de Outubro de 1892.
- Museu Municipal de Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 4262, de 30 de Junho de 1888.
- Museu Municipal de Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 4294, de 20 de Outubro de 1888.
- Museu Municipal. In «O Conimbricense», n.º 4314, de 2 de Janeiro de 1889.
- Museu Municipal de Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 4318, de 15 de Janeiro de 1889.
- Museu Municipal de Coimbra — Agradável notícia. In «O Conimbricense», n.º 4327, de 18 de Fevereiro de 1889.
- Museu Municipal de Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 4413, de 17 de Dezembro de 1889.
- Museu Municipal. In «O Conimbricense», n.º 4440, de 22 de Março de 1890.
- O museu da sé cathedral. In «O Conimbricense», n.º 4816, de 7 de Novembro de 1893.
- Museus em Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 5164, de 13 de Abril de 1897.
- O Thesouro da Sé Cathedral. In «O Conimbricense», n.º 4703, de 1 de Outubro de 1892 e n.º 4705, de 8 de Outubro de 1892.
- CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de — Inventário histórico. In «Arte e Arqueologia», Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, págs. 79-82.
- Museu Machado de Castro. In «A Cerâmica Coimbrã no século XVI», Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.
- Museu Machado de Castro. In «Arte e Arqueologia», Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, págs. 321-324.
- Museus Provinciais. In «Arte e Arqueologia», Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, págs. 83-91.
- CASTRO, Augusto Mendes Simões de — Guia Histórico do Viajante em Coimbra e Arredores. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867, pág. 327.
- Instituto de Coimbra — Comissão de Archeologia — Sessão de 5 de Junho de 1873. In «O Instituto», vol. xvii, Maio de 1873, 2.ª série, n.º 2, págs. 80-83.
- Instituto de Coimbra — Sessão da Comissão de Archeologia em 6 de Novembro de 1873. In «O Instituto», vol. xvii, Outubro de 1873, 2.ª série, n.º 6, págs. 270-274.
- Secção de Archeologia — Acta da sessão de 2 de Maio de 1878. In «O Instituto», vol. xxvi, 2.ª série, 1879, págs. 140-144.
- CASTRO, Eugénio de — Guia de Coimbra, Coimbra, F. França Amado, s. d.
- Catálogo dos Objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, 1873-1877, Coimbra, Imp. Litteraria, 1877, 69 págs.
- Catálogo dos Objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra. Suplemento 1.º, 1877-1883, Coimbra, Imp. da Universidade, 1883, 49 págs.
- Centenário da Escola Livre das Artes do Desenho, 1878-1978, Coimbra, Museu Machado de Castro, 1979, 54 págs., inum., 29 fot.
- Coimbra. Colectânea de estudos organizada pelo Instituto de Coimbra e dedicada à memória do seu consócio honorário Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Coimbra, 1943. Sep. de «O Instituto», vols. 87 a 101.

- CORREIA, Virgílio — Museu Machado de Castro. In «A Arte em Coimbra e Arredores», Coimbra, 1949, págs. 77-82.
- Para Elucidação da Opinião Pública, Coimbra, Tip. «O Despertar», 1920, 1 pág.
- Exposição Distrital de Coimbra. In «O Conimbricense», n.º 2289, de 3 de Julho de 1869 e n.º 2290, de 6 de Julho de 1869.
- Exposição Distrital de Coimbra em 1884. Revista. Conferências. Prémios. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1884, 191 págs. e Appenso.
- Exposição Distrital de Indústria Agrícola e fabril e de Archeologia promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra sob a presidência de Olímpio Nicolau Rui Fernandes, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1869, 327 págs.
- Fabrico de louça em Coimbra — Apresentação na Exposição Distrital de 1869. In «O Conimbricense», n.º 2294, de 20 de Julho de 1869, págs. 1-2.
- FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de — Exposições districtaes de Coimbra. In «Coimbra Antiga e Moderna», Lisboa, 1886, págs. 348-349.
- O Instituto e o seu Museu de Archeologia. In «Coimbra Antiga e Moderna», Lisboa, 1886, págs. 221-224.
- GARRIDO, António — Contra-Minuta de Agravo no célebre Processo de Roubo de Jóias do Museu da Sé de Coimbra, Coimbra, Imprensa Académica, 1915, 35 págs.
- GONÇALVES, A. — Enumeração das obras preparativas para a instalação do Museu Machado de Castro, Coimbra Tip. de «O Despertar», 1929, 10 págs.
- Estatuária lapidar no Museu Machado de Castro, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923. Col. Subsídios para a História da Arte portuguesa.
- Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra — Notas. Coimbra, 1911.
- GONÇALVES, António Augusto e outros — A Eschola Livre das Artes do Desenho — Coimbra, Coimbra, Imprensa Literária, 1881, 12 págs.
- GONÇALVES, António Augusto — O espólio dos conventos. A propósito de Celas e Sant'Ana, s. d.
- Monitoria dirigida aos Srs. Ministros, Deputados e Senadores, ou quem suas vezes fizer, acerca do Museu Machado de Castro de Coimbra, Coimbra, Tip. «O Despertar», 1921, 8 págs.
- Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra — Notas. Coimbra, 1911.
- e CASTRO, Eugénio de — Noticia Historica e Descriptiva dos Principaes Objectos de Ourivesaria Existentes no Thesoiro da Sé de Coimbra, Coimbra, Imprensa Académica, 1911, 47 págs.
- GONÇALVES, António Nogueira — Museu de D. Manuel Correia de Bastos Pina. Cartas independentes — I. In «Correio de Coimbra», n.º 1500, ano XXIX, de 2 de Novembro de 1951, págs. 1-4 e 8.
- Museu de D. Manuel Correia de Bastos Pina. Cartas Independentes II. In «Correio de Coimbra», n.º 1502, ano XXIX, de 16 de Novembro de 1951, págs. 8-6.
- Museu de D. Manuel Correia de Bastos Pina. Cartas Independentes III. In «Correio de Coimbra», n.º 1505, ano XXIX, de 7 de Dezembro de 1951, págs. 8-5.
- As Pratas da Sé de Coimbra no século XVII. Subsídio para o Estudo da Secção de Ourivesaria do Museu Machado de Castro. Coimbra, Coimbra Editora, 1944, 73 págs.

- Homenagem a António Augusto Gonçalves. 31 de Julho de 1921, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, 95 págs.
- Instituto de Coimbra. Regulamento da Secção de Arqueologia, Coimbra, Imprensa da Universidade, 16 págs.
- Local para o museu. In «Gazeta de Coimbra», n.º 17, de 24 de Abril de 1887.
- LOUREIRO, José Pinto — Museu Municipal de Coimbra. Processo da sua Criação e Extinção. In «Arquivo Coimbrão», vol. v, págs. 158-196.
- MADAHIL, A. G. da Rocha — Inventário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra à data da sua extinção em 1834. In Coimbra. «Colectânea de estudos organizada pelo Instituto de Coimbra...», Gráfica de Coimbra, 1943, págs. 469-777.
- MONTEIRO, Manuel — O antigo museu do Instituto. In António A. Gonçalves — Homenagem do «Instituto de Coimbra», Coimbra, 1946, págs. 43-48.
- O Museu Archeologico do Instituto. In «Portugal Artístico», Série I, n.ºs 1-24, 1904-1905, págs. 513 a 528.
- [Museu industrial da Câmara Municipal]. In «Correspondência de Coimbra», n.º 54, de 12 de Julho de 1887.
- [Museu industrial da Câmara Municipal]. In «Correspondência de Coimbra», n.º 63, de 12 de Agosto de 1887.
- Museu «Machado de Castro». S. l., s. ed., s. d.
- Museu Machado de Castro. Notas, Coimbra, Tip. Aux. de Escritório, 1913, 36 págs.
- Museu Municipal. In «Gazeta de Coimbra», n.º 6, de 5 de Fevereiro de 1887.
- Museu Municipal. In «Gazeta de Coimbra», n.º 13, anno I, de 27 de Março de 1887.
- Museu Municipal. In «A Officina», n.º 361, de 12 de Dezembro de 1889.
- Museu Municipal. In «A Officina», n.ºs 362, 363 e 365, de 21 e 28 de Dezembro de 1889 e 11 de Janeiro de 1890.
- Museu Municipal d'Arte e Indústria. In «A Officina», n.º 355, de 2 de Novembro, de 1889.
- Museu Parochial. In «Semanário de Annuncios», anno 1.º, n.º 48, 22 de Junho de 1890.
- Objectos preciosos do Convento de Santa Cruz. In «O Conimbricense», n.º 5762, 1903.
- Officio do Bispo de Coimbra ao Ex.º Presidente do Governo Provisorio da República acerca do Thesouro da Sé da mesma cidade. Coimbra, Ed. F. França Amado, 1911, 9 págs.
- A patifaria do claustro. In «Gazeta de Coimbra», n.º 19, de 7 de Maio de 1887.
- PEIXOTO, António Augusto da Rocha — O Museu do Instituto de Coimbra. In «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes», vol. IV, Porto, 1896, págs. 209-210.
- PINTO, A. A. da Fonseca — Exposição Distrital de Coimbra. In «O Instituto», vol. XXXI, Coimbra, 1884, págs. 347-349.
- Roteiro illustrado do viajante em Coimbra por L. R. D. Illustrações de A. Augusto Gonçalves, Coimbra, Ed. Typ. Auxiliar d'Escritório, 1894.
- Sala de Coimbra Antiga. In «Arte e Arqueologia, 1932», ano I, n.º 4, págs. 249-252.
- Secção de arqueologia do Instituto. In «O Conimbricense», n.º 3011, 1876.
- Secção arqueológica de «O Instituto». In «O Conimbricense», n.º 5011, 1896.

- Segunda Época da Exposição (Distrital). In «O Conimbricense», n.º 2320, de 19 de Outubro de 1869.
- SOUSA, Carlos Frederico Bacelar e — A propósito do roubo no Museu da Sé. Coimbra, Minerva Central, 1915, 16 págs.
- O Tesouro da Sé de Coimbra. In «Correio de Coimbra», n.º 1497, ano xxix, de 12 de Outubro de 1951, pág. 8.
- VASCONCELOS, António de — Os Colégios Universitários de Coimbra, in «Escritos vários», vol. I, Coimbra Ed.ª, 1938, págs. 155-295.
- VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro de — Aires de Campos. Elogio histórico lido em Sessão solene do Instituto de Coimbra (2-VI-1895), Coimbra, 1895, 58 págs. Sep. de «O Instituto», vol. LXII, pág. 322.
- VASCONCELOS, Augusto Costa e — O roubo no Museu de Arte Sacra ... A minha defeza, Coimbra, Minerva Central, 1915, 12 págs.
- VIALE, António José — Exposição Distrital de Coimbra em 1884. Revista — Conferências — Prémios, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1884. In «Instituto», vol. xxxi, Coimbra, 1884, págs. 590-592.



## RAPPORT D'UNE MISSION D'ÉTUDE RÉALISÉE EN FRANCE PENDANT L'ANNÉE 1925-26<sup>(1)</sup>

Après avoir surmonté quelques difficultés relatives aux *visas* de mon passeport-il n'est pas la peine de les rapporter ici-je suis parti du Portugal le 19 Septembre 1925.

Comme il est indiqué dans mon rapport envoyé à la Faculté des Sciences sur l'objectif de la mission que je me proposais de réaliser à l'étranger, j'avais choisi Paris pour y accomplir ma tâche.

C'est là, en effet, que je suis arrivé deux jours après mon départ du Portugal, c'est-à-dire le 21, ayant ainsi fait tout le voyage sans presque m'arrêter.

Je ne veux pas faire ici, tant elle serait longue, une description détaillée de tout ce qu'il m'est arrivé pendant les premiers temps de mon séjour dans la grande ville cosmopolite. Les difficultés que j'y ai trouvées au début ont été très nombreuses. D'un côté, la langue, que pour la première fois de ma vie, j'étais obligé de parler à chaque instant.

---

(1) «Rapport d'une Mission d'études Réalisée en France pendant l'année 1925-1926», é como que uma Memória do Professor Doutor Mário Silva, desde a sua saída para a França a 19 de Setembro de 1925 até ao fim do ano lectivo 1925-1926.

Encontrada, postumamente, entre os seus numerosos documentos, corri a lê-la com todo o interesse. É que escrever memórias é um género de Literatura difícil, sobretudo porque versam factos da própria vida do autor, e de determinado ambiente, tantas vezes estranho ao seu próprio meio. Para se lhes dar interesse é preciso saber ver e saber seleccionar.

As condições em que este trabalho foi redigido, por assim dizer, dia-a-dia, fazem dele antes um Diário do que uma Memória, o que imprime à narrativa objectividade e exactidão, tratando-se de um observador tão modesto e despreocupado, que viveu o que nos transmite, tão singelamente, abstraindo da circunstância de se tratar de um espírito superiormente culto.

Numa prosa simples e atraente, como palestra de um bom conversador, faz-nos viver com naturalidade o que foi este seu primeiro ano em França: — as numerosas e várias dificuldades que todo o estrangeiro tem a vencer, ao pisar, pela primeira vez, um país estranho, sem protecção, nem guia; dificuldades de adaptação à vida universitária que ali ia encetar; força de vontade e luta de trabalho para corresponder em pleno à missão de que ia investido; conquista do meio intelectual em que a sua vida se desenrolava, pelo seu trabalho metuculoso, constante e sério, e irradiando à sua volta generosidade e simpatia. Tudo isto o Professor Doutor Mário Silva conseguiu, infundindo em nossa alma um sentimento de admiração e orgulho nacional.

N. R.

De l'autre côté, j'avais pour m'étourdir et pour me gêner sans cesse dans la recherche des premiers renseignements, le mouvement immense de la cité bourdonnante.

Tout en essayant de me mettre au courant de cette vie nouvelle, à laquelle il fallait m'adapter le plus tôt possible, je cherchai, tout-d'abord, à me loger convenablement, au moins dans les conditions de commodité et d'économie qui m'étaient forcément imposées par les crédits que le Sénat universitaire avaient accordés pour les frais de mon stage.

Il faut avouer que je n'y suis arrivé qu'après de nombreuses et très fatigantes recherches-tous les immeubles en location étant occupés par des étrangers précédemment arrivés. Et ceci tout particulièrement dans le quartier renommé des Écoles où je désirais habiter dès le début et où, en effet, je me suis fixé jusqu'à la fin de mon séjour.

C'est seulement vers les premiers jours d'Octobre que je me suis rendu pour la première fois aux endroits où je croyais trouver les renseignements dont j'avais besoin pour l'élaboration du plan de mes travaux.

J'ai eu alors l'occasion de connaître et d'étudier en tous les détails intéressants, l'organisation universitaire française et tout particulièrement l'extension de son enseignement en ce qui concerne surtout la distribution et l'importance des cours publics et des laboratoires. La diversité d'enseignements mérite bien d'être signalée.

Qu'il me soit permis, dans une courte parenthèse, d'ajouter ici quelques notes personnelles recueillies en cours de l'année.

Les cours publics, dont je viens de parler, sont ouverts à tous ceux qui veulent y assister. Ils sont en général, très fréquentés. On y voit non seulement les jeunes gens qui suivent leur cours universitaire en vue de la licence ou de n'importe quel autre diplôme ou grade, mais aussi des personnes qui s'y rendent désireuses d'entendre la parole de savants éminents. Il faut cependant se méfier parfois de cette affluence —, parce que, comme je l'ai bien remarqué parfois, s'il y a des gens qui s'intéressent vraiment aux sujets traités dans les cours, il y en a-on doit en convenir-qui y vont, soit pour se chauffer, s'il fait froid dehors, soit par snobisme. J'ai assisté à des cours où 50 pour cent des personnes s'endormaient.

On doit pourtant remarquer que ces cours publics, quand le bon ordre l'exige, peuvent n'être rendus accessibles qu'à ceux seulement qui sont munis de cartes d'auditeurs délivrées par le Doyen. En tous cas, les personnes qui suivent les cours et qui desirent en avoir un certificat d'assiduité, peuvent faire connaître leurs intention aux pro-

fesseurs ou maîtres de conférences qui leur en délivreront une à la fin de l'année scolaire. Par exemple, au cours de Mme Curie, fréquenté généralement par une quarentaine de personnes, il y en avait plusieurs qui avaient demandé le dit certificat.

Cette liberté des cours publics m'a permis d'assister à quelques uns en vue de connaître leur orientation

Mais outre l'enseignement de l'amphithéâtre auquel on n'attache fréquemment qu'une très petite importance et dont les professeurs ne s'occupent que pendant le premier semestre de l'année scolaire, il y a l'enseignement pratique et les travaux de recherche, lesquels comptent pour beaucoup dans l'activité scientifique de l'Université.

Il y a en tout 41 laboratoires dans la Faculté des Sciences de Paris. Quelques-uns d'entre eux m'ont particulièrement intéressé par le programme ou par la nature de leurs travaux.

Je dois citer ceux-ci:

- a) Laboratoire de Physique dirigé par M. Cotton
- b) Laboratoire de Physique dirigé par M. Fabry
- c) Laboratoire de Physique dirigé par M. Abraham
- d) Laboratoire de d'Electrotechnique dirigé par M. Janet
- e) Laboratoire de Chimie-Physique dirigé par M. Perrin
- f) Laboratoire de Radioactivité dirigé par Mme Curie

C'est ce dernier laboratoire que j'ai choisi pour y faire mon apprentissage dans le domaine de la recherche scientifique, objectif principal de la mission dont on m'avait chargé.

Je n'ai pas mis longtemps à faire connaître ma décision à Mme Curie, directeur du laboratoire de radioactivité à l'Institut du Radium, en lui exposant les raisons par lesquelles je me trouvais à Paris, et en même temps, en lui faisant remarquer que les travaux de son laboratoire m'avaient toujours intéressé.

Madame Curie n'a pas pu me donner de suite une réponse définitive à ma demande d'admission, car toutes les places de son laboratoire étaient depuis longtemps déjà occupées. Cependant quelques jours après notre entretien, elle faisait m'envoyer la lettre suivant:

Monsieur

Vous avez demandé à être admis à travailler au Laboratoire Curie de l'Institut du Radium pour apprendre la technique et pour faire une recherche personnelle.

Afin de rendre service à l'Université de Coimbra qui vous a confié cette mission, je suis disposée à accorder votre admission, bien que vous ayez fait votre demande trop tard quand l'organisation de l'année scolaire était déjà, en principe, arrêtée.

Voici dans quelles conditions vous pouvez poursuivre vos études au courant de l'année scolaire actuelle. Vous pourrez suivre les cours dans le 1.<sup>er</sup> semestre et les manipulations dans le second semestre.

Dès à présent vous pourrez commencer à vous mettre au courant de la technique générale en assistant, dans leurs expériences, les personnes qui, à divers titres, sont attachées au Laboratoire. Cette première instruction fera apparaître vos possibilités de travail indépendant, et, conformément à celles-ci, une recherche personnelle vous sera confiée dès que cela sera possible.

Je ne puis en aucune manière vous faire une promesse en ce qui concerne le grade que vous pouvez obtenir. Vous ne pouvez certainement pas faire un doctorat en un an, et il n'est même pas certain que vous puissiez le faire en deux ans. Mais il est probable qu'avec de l'assiduité vous pourrez obtenir le diplôme d'études supérieures ou, tout au moins, publier une recherche sur un sujet restreint.

Les droits que vous aurez à acquitter sont 400 francs pour l'année scolaire payable par trimestre au Secrétariat de la Faculté des Sciences où vous devrez prendre votre inscription. Cette somme étant minime par rapport aux frais que chaque travailleur représente au Laboratoire, il ne pourra vous être fourni d'appareillage nouveau ne se trouvant pas déjà au Laboratoire. Si le besoin s'en présentait pour vos recherches, vous devrez envisager la dépense nécessaire, soit par vous-même, soit à l'aide d'une subvention de votre Université.

Veillez agréer, Messieurs, mes salutations sincères.

Madame Curie

À cette lettre j'ai donné la réponse suivante:

Madame

Tout en vous remerciant beaucoup de votre lettre, j'ai le plaisir de vous communiquer que j'accepte tout ce que vous m'avez proposé.

Je ferai mon inscription au Secrétariat et j'attendrai l'ouverture de votre cours et du Laboratoire. Je viens d'écrire à M. le Recteur de Université de Coimbra et à M. le Directeur du Laboratoire de Physique où j'ai travaillé, en leur rendant compte de ce que vous m'avez

proposé et en leur faisant remarquer que vous accordiez mon admission au Laboratoire pour rendre service à l'Université de Coimbra.

Je vous prie d'agréer mes respectueux remerciements.

Mário Augusto da Silva

L'ouverture des cours et des Laboratoires était fixée au 3 de Novembre. J'attendais cette ouverture avec l'impatience de celui qui, plein d'enthousiasme, s'aperçoit que le jour approche où il commencera à accomplir la tâche à laquelle il avait toujours songé. La bonne grâce de Madame Curie a bien voulu anticiper ce jour, et le 27 Octobre je faisais mes premiers travaux au Laboratoire Curie.

Le Laboratoire Curie, sous la direction de Madame Curie est associé au Laboratoire de Radiophysiologie, installé à côté dans le pavillon Pasteur et dirigé par M. le Docteur Régaud. Les deux forment l'Institut du Radium.

Ce dernier Laboratoire est destiné exclusivement à l'étude des effets biologiques des radio-éléments. On y travaille donc dans le domaine de la curietherapie. Le Laboratoire Curie est destiné, non seulement à l'étude des propriétés des corps radioactifs mais aussi à l'étude des rayons X.

On fait, à part cela, chaque année au Laboratoire Curie, un enseignement régulier de radioactivité, comportant un cours public fait par Madame Curie pendant les mois de Novembre à Mars, des conférences faites par M. Debiérne pendant toute l'année scolaire sur des sujets qui ne dépendent pas en général du cours public, et finalement une série de manipulations dirigées par les préparateurs M<sup>lle</sup> Curie et M. Laporte, et qui ont pour objet les matières traitées au cours public.

L'activité du Laboratoire Curie se manifeste encore d'autres façons, car, outre les personnes qui y font des recherches scientifiques, il y en a qui sont chargées, soit de services d'analyses industrielles, ce qui donne une source de crédits pour le Laboratoire, soit d'un service de production d'émanation pour les travaux scientifiques et pour les besoins de la curietherapie.

On voit, d'après ce que je viens d'exposer; que j'avais plusieurs sujets dont il m'était utile de profiter dès le commencement de mes travaux au Laboratoire Curie. Si l'objet principal de ma mission était de m'initier aux travaux de recherche scientifique, il n'est pas moins vrai que les questions qui touchent à l'enseignement y devaient être aussi comprises.

C'est pourquoi j'ai suivi intièrement le conseil de Madame Curie, en assistant à son cours public et en faisant au Laboratoire les travaux qui m'ont été proposés.

Ces travaux m'ont conduit à entreprendre en collaboration avec M. Laporte un premier travail de recherche qui a été présenté vers la fin de cette première année scolaire, à la Séance du 19 Juillet de 1926 de l'Académie des Sciences de Paris, sous le nom de «MOBILITÉ DES IONES NÉGATIFS ET COURANTS D'IONISATION DANS ARGON PUR...

MÁRIO SILVA

## EXPOSIÇÃO DE LATOARIA E FUNILARIA

Integrada no «Dia Internacional dos Museus», decorreu no Museu Machado de Castro, de 18 a 30 de Maio do ano corrente, uma Exposição de Latoaria e Funilaria de Coimbra e seus arredores.

Nela colaboraram a população de Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, Museu e Laboratório Antropológico, Museu Nacional da Ciência e da Técnica, Museu Monográfico de Coimbra e a Comissão Municipal de Turismo.

E podemos considerar seu fecho feliz as demonstrações ao vivo realizadas posteriormente, em Setembro seguinte, na Sala-Oficina da Torre de Anto.



Oficina de Latoaria e Funilaria (s/xviii)

Numa época como a nossa em que tudo se faz e vê a correr, e em que parece não haver tempo para uma reflexão ou observação feita com vagar, esta exposição foi uma iniciativa valiosa, pois teve a vantagem de oferecer ao visitante uma imagem rápida do que foi o artesanato Coimbrão da Latoaria e Funilaria.

As exposições são recomposições da vida que se viveu.

São reconstruções do passado. Têm, pois, uma preocupação didáctica. Para conhecer uma região, não basta que a imprensa regional enalteça as suas riquezas, é necessário estudá-las, inventariar os seus elementos de maior interesse e organizá-los de forma atraente e convi-

dativa. E tudo isto exige alto poder de concentração, de paciência e persistência. Foi este o trabalho da Comissão organizadora desta exposição artesanal com o levantamento do mapa das oficinas da cidade de Coimbra e seus arredores, ainda em laboração ou extintas, e recolha de referentes peças artesanais que, para o efeito, lhe foram confiadas.

Em elucidativo comentário, modestamente reconhece a Comissão que esta exposição não pôde ir além de *«uma amostragem despretençiosa, quase de vendedor ambulante, marcada todavia, por uma preocupação didáctica»*.

O reduzido número de objectos recolhidos, a escassez do tempo e de recursos materiais, tudo conjugado, contribuíram para que não tivesse sido possível um estudo mais perfeito das peças expostas, ficando mesmo *«alguns aspectos mal representados»*, o que seriamente viria diminuir o interesse do público, aliás pouco empenhado na sua própria cultura...

Mesmo assim, o que lá se via era muito importante e variado, constituindo o essencial relativo a cada um destes artesanatos, permitindo ao visitante uma ideia, embora genérica, do que foram em tempos idos.

Com os objectos recolhidos formaram-se vários lotes cuidadosamente seleccionados.

Os inventos destinados à iluminação, que desde sempre ocuparam posição de destaque no domínio da Latoaria, estavam largamente representados em quantidade e qualidade, por lamparinas, candeias, candeeiros, lanternas, lampiões e gasómetros de diferentes modelos e feitos, consoante o fim a que se destinavam, o metal que utilizavam, o modo como se seguravam e o combustível que consumiam.

No sector da cozinha, estavam inventos variados, fruto da imaginação do artista, destinados a satisfazer as exigências da época: — formas para bolos, caixas, raspadores, passadores, utensílios para corte de legumes, uma enchedeira para o enchido, uma torradeira, um moinho de café, uma lamparina para aquecimento de líquidos, banho-maria para doces, etc.

Antes da invenção e generalização dos electrodomésticos e do quarto de banho, os objectos higiénicos de limpeza e aquecimento eram fabrico artesanal de latoeiro ou de ceramista.

Este passado da Latoaria estava representado por um aquecedor a serradura, uma escalfeta para brasas, um chuveiro, um jarro e balde de lavatório, uma bacia de barbeiro, uma botija para a cama, uma arrastadeira, um inalador, etc.

Ainda no ambiente doméstico, estavam representadas as secções

de queijaria, vinicultura e oleicultura, com modelos de pingadeira, escorredouro, funil, almotolia e vasilhas para recolha de azeite e de mel.

E não só no ambiente doméstico. Também noutros campos a latoaria exerceu importante papel documentado nesta exposição. Lá estavam o alcatruz, elemento essencial da nora, velho aparelho elevatório de água, destinado principalmente ao regadio; a chamada ladra para a recolha da fruta, a caleira, uma colecção de medidas, um tabuleiro muito em voga no passado, um cinzeiro, brinquedos, caixa para óculos, aparadeiras de cera para tocheiros e castiçais, depósito para água destinado ao lavabo nas sacristias, naveta, galhetas, remate de haste para bandeiras, caixas para coroas de flores...

Enfim, um mundo de aplicações.

Infelizmente estas formas de actividade encontram-se em franco declínio e com tendência para completo desaparecimento.

Nos centros urbanos são já, praticamente, recordações do passado.

As poucas oficinas existentes, encontram-se na periferia, ou em centros de média categoria. Nas aldeias raro se ouve o pregão dos latoeiros e funileiros ambulantes.

É que são actividades fracamente remuneradas, e que, por falta de actualização e também de iniciativa, não conseguiram enfrentar a concorrência de peças equivalentes a preços mais económicos, como sejam os plásticos.

Reduzidas a pouco mais que reparações de peças velhas e exercidas quase só por profissionais de avançada idade, ou fisicamente deficientes, incapacitados de outras formas de actividade mais lucrativas, ou ainda como forma complementar de outras tarefas melhor remuneradas, a latoaria e funilaria são hoje artesanatos em franca agonia.



# MEDICINA PORTUGUESA ATRAVÉS DOS SÉCULOS



PERSONALIDADE CIENTÍFICA  
DO PROF. EGAS MONIZ

(Prémio Nobel de Medicina, 1949)

por

BENEDITO DIAS

(I. F. M. U. C.)

«Não critique a Obra dos Sábios se não tiver  
uma verdade sua para lhe dar em troca»

*Ramon y Cajal*

Nada nos parece mais certo do que o contacto directo das pessoas, através dum convívio mais ou menos permanente, para se conhecerem mutuamente umas às outras e apreciarem todas as suas virtudes, defeitos e qualidades, sem receio de cair em exageros das paixões alienantes, nem em excessos duma real e verdadeira amizade. Tudo isto é tanto mais certo quanto mais diferenciado for o âmbito psico-social, dentro do qual se exerce uma actividade profissional, como o é da investigação científica imparcial.

Se difícil é falar duma pessoa sem nunca a ter conhecido previamente, em todos os seus meandros e na mais complexa intimidade, ainda mais difícil nos parece escrever algo que caracterize uma personalidade fora do vulgar, como é a de um português e nobelista Prof. Doutor António Egas Moniz. Embora não seja tarefa que nos tivesse sido imposta por qualquer entidade particular ou oficial, para emitirmos a nossa opinião sobre um cientista e investigador, que mercê à sua espantosa capacidade criadora, indomável força de vontade aliada a uma coragem assombrosa, conseguiu sair, mas com muita dificuldade, da esfera e dos escombros da vulgaridade, onde, por falta de encorajamento, estímulo ou qualquer apoio moral ou material, facilmente podem estagnar-se génios ou desfazerem-se as maiores e melhores boas vontades, que algo de útil teriam acrescentado ao progresso científico, prestando assim um relevante serviço à Humanidade.

Antes de iniciarmos a traçar o perfil científico desse Personagem, que tanto nos atraiu, depois de termos lido alguns dos seus trabalhos

---

\* Trabalho realizado na Direcção da Biblioteca da Faculdade de Medicina da UNIVERSIDADE DE COIMBRA apresentado à Presidência da S. C. M. L. e publicado em 1980.

científicos, a maior parte dos quais publicados em língua francesa, como era voga naquela época, em que a França representava o principal centro mundial da irradiação do progresso científico e cultural de toda a Europa, em diferentes ramos do saber humano, seja-nos permitido confessar, que ao pretendermos abordar em breves linhas, tecidas com palavras sinceras, procurando esboçar o perfil simples e singelo dum Médico e Professor, que exerceu duma forma extraordinariamente admirável, a sua actividade profissional, dedicando-se ao Ensino e à Investigação Clínica aplicada. Isto granjeou-lhe respeito, honra, fama, prestígio, admiração e reputação internacional, através duma consagração universal, culminada na concessão do Prémio Nobel em Medicina. Ao manifestarmos o nosso regozijo, prestando-lhe uma vez mais a nossa sincera homenagem, não trazemos a mais pequena intenção de o ferir na memória de tantos Mestres e Amigos, Discípulos ou companheiros, que o conheceram de perto, nas suas lides diárias, testemunhando-lhe sempre maior admiração, estimando-o e respeitando-o, tanto em vida como após a sua morte.

Depois de alguém ter lido tudo que foi escrito sobre este génio de Medicina — legítimo orgulho das Ciências Médicas Portuguesas — tornar-se-ia supérfluo e até desnecessário tecermos aqui quaisquer considerações sobre a personalidade de Egas Moniz, sem pretendermos aumentá-la ou diminuí-la na sua estatura intelectual, senão reduzi-la às reais e justas proporções a que ele tem direito, na mente dos que o conhecem só por ouvirem falar nele na alvorada do progresso científico em Portugal, no domínio de angiografia cerebral e Neurocirurgia, que constituíram uma verdadeira Escola Portuguesa, na primeira metade do século xx.

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, médico, professor, escritor, político, parlamentar, diplomata e académico, nasceu em Avanca aos 29 de Novembro de 1874. Doutorou-se na Faculdade de Medicina de Coimbra em 1901, entrando depois, em 1903, para o quadro docente da mesma Faculdade, como professor substituto, sendo transferido como Catedrático de Neurologia para a Faculdade de Medicina de Lisboa, no ano de 1911. Ele nunca esqueceu a sua Universidade, cuja vida académica e social-docente, cheia de tradições histórico-lendárias tanto o seduzia e para a qual teve as mais belas e cativantes palavras de gratidão, ternura e de amor, ao escrever numa das páginas do estudo crítico que ele fez sobre o Mestre Ricardo Jorge, onde tão bem retrata a sua personalidade de cientista, observador, crítico e investigador de grande envergadura.

Escreveu ele:

«Também vim para Lisboa, transferido da Faculdade de Medicina de Coimbra onde me eduquei e fiz gente. Tenho por ela o carinho de um filho afastado pelas circunstâncias da vida, mas sempre grato à Casa Mãe».

Egas Moniz confessava-se «imensamente honrado pelas constantes demonstrações de afecto com que o rodeavam os seus discípulos», acrescentando mais que «a todos devia múltiplas atenções», que no seu dizer considerava como um «bálsamo consolador, espiritual ambrosia a minorar as agruras da vida áspera da nossa profissão». Era deste espírito o Mestre Egas Moniz, que, juntamente com o suíço Dr. Walter Hess, ganhara o Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia, em 1949.

A admiração que temos pela sua personalidade de Mestre Insigne, Investigador e cientista, onde a ousadia se alia à contagiante força da vontade, em desvendar os segredos da natureza de Sábio, que se nos revela nas mais diversas facetas do seu grande talento, ao fazer a investigação científica, nos seus mais diferenciados aspectos, mostrando-se tão probo quão honesto, ao confessar espontaneamente, com pureza quase juvenil, na exposição dos seus trabalhos, todos os erros ou insucessos da sua investigação. É dom natural dos verdadeiros sábios que não admitem dualidades de critérios nem atitudes dúbias ou afirmações pouco convincentes.

Não vamos falar da sua vida de estudante liceal nem universitário; que para todos os efeitos era distinto sob todos os aspectos e digno de ser conhecido e imitado, como o melhor modelo, pelas novas gerações; nem tão pouco vamos apresentá-lo em todos os seus pormenores como orador, crítico, diplomata, político, parlamentar e escritor emérito de rara beleza, ao fazer os discursos polémicos nas Assembleias, onde sempre defendeu a Medicina, nem como romancista pelas suas obras literárias, que ele escreveu duma forma brilhante, num estilo que lhe era tão peculiar, sobre Abade Faria, Júlio Diniz, João XXI e tantos outros.

Homens de génio primam pela sua raridade, agravada de um obscurantismo, que o materialismo ateu cria a sua volta, com requintes duma tecnologia, que os sufoca e até os mata no espírito e na vontade, fazendo-os desaparecer do *écran* da celebridade. Felizmente não é o nosso caso, porque sempre temos recebido grande apoio técnico!

Para falar de Egas Moniz, ninguém melhor do que os seus amigos e discípulos, que trabalharam directamente com ele, no domínio de investigação científica, poderão traçar o perfil biográfico de um Homem de ciência, com pinceladas mais ou menos bem coloridas, para que

uma boa Educação de quem o faz, não seja simplesmente uma mera expressão da retórica. E ao fazê-lo, quanto maior for a estima, admiração ou amizade, que cada um nutre por outrem, revela sem dúvida a sua própria Personalidade! Por isso temos o dever de confessar, que nenhuma outra paixão ou amizade pessoal nos move a este acometimento voluntário, para escrever estas palavras sobre um sábio e investigador probo e íntegro que foi Egas Moniz, senão a atracção espontânea que sentimos pela sua obra de cientista e Professor, que pela sua inteligência e capacidade criadora soube rasgar novos horizontes, criando vastos campos para o progresso de Medicina e Cirurgia e consequentemente lançou as primeiras bases para a ulterior investigação, alargando desse modo o âmbito da própria MEDICINA INTERNA, que tanto nos honra!

Prestar culto aos espíritos de Personagens da sua têmpera, constitui para nós, que prezamos a investigação científica, um acto moral sagrado e não de menor justiça social à qual não podemos furtar-nos ou mantermos alheios, por imperativo dever de consciência cívica, que é apanágio dos povos civilizados.

Quando não se conhecem directamente as pessoas, como é o nosso caso pessoal, que pertencemos a gerações e épocas completamente diferentes, devido ao distanciamento das idades, ambientes diversos em que vivemos e exercemos a nossa actividade profissional, há sempre um elo de ligação espiritual que nos une, através dos tempos, seja qual for a cor, origem, raça, nacionalidade, condição social ou ideologia política dos homens. E as obras que as pessoas de talento produzem ou deixam, constituem, indubitavelmente um veículo de intercâmbio cultural, que os atrai como um electro-íman. É nesse particular que a Personalidade de Egas Moniz nos apaixona e seduz; por isso não podemos esquivarmo-nos à tentação de traçar o seu perfil de cientista, Mestre e Investigador, vivendo num ambiente cheio de dificuldades e incompreensões de toda a ordem, que ele teve de vencer, para triunfar na vida. É assim mesmo o espírito de investigação científica! Seria deselegante da nossa parte, como é apanágio das obsecadas amizades e paixões, se neste opúsculo pretendessemos atribuir a um sábio da sua craveira intelectual, tão probo quão honesto, como é evidenciável através das obras que ele próprio deixou, no domínio de investigação científica, quaisquer qualidades de que não se mostrasse possuidor, nem frases ou ditos de que ele não fosse verdadeiro autor.

Dizíamos nós, que ao falar dum sábio como Egas Moniz ou tentar traçar perfil biográfico dum Professor e Mestre da Escola Internacional, não é tarefa fácil, nem é tema propício para novatos como nós, que

somos meramente seus admiradores, que se sentem atraídos pelos dotes de inteligência, beleza espiritual, honestidade e probidade dum sábio e Mestre, Investigador e Professor, que mesmo depois de morto, continua a ensinar-nos; muito embora o seu método tivesse merecido mais tarde, a justificável inaceitação por causa dos efeitos altamente nocivos do Thorotraste — produto — que ele e outros usaram na investigação em todo o mundo e para o qual, com certeza, não faltam atenuantes, que justifiquem a consagração internacional, de que Prof. Egas Moniz foi um condigno merecedor.

Que nos seja dispensada a benevolência e compreensão pelos nossos Mestres e Doutores, se, ao escrevermos estas linhas, ultrapassarmos o âmbito, dentro do qual, lógica e obrigatoriamente, deve ser enquadrada uma personalidade da estatura e compleição moral, como a de Egas Moniz, sem se esquecer da época nem do meio ambiente em que ele viveu, como génio de raros dotes de inteligência privilegiada, traduzida na evocação do seu saber e trabalho constante, sobejamente conhecidos de todos os seus melhores amigos, colaboradores e discípulos. No entanto apraz-nos registar, para nos justificarmos na tarefa que escolhemos, tentando trazer à baila uma figura do passado, que prima pelo seu brilhante fulgor intelectual e raro valor moral; que o fazemos por uma questão meramente académica, porque ele, infelizmente, já não nos pode passar carta de alforria, mesmo que a gente dela tanto precisasse!...

Quando não se conhece a Alguém, há três caminhos que permitem chegar ao conhecimento duma Pessoa, estando qualquer deles sujeitos ao erro, se o crítico não tiver o cuidado meticoloso de falar dele, sem lhe distorcer todo o sentido, que embeleza uma vida modelar, um exemplo digno de admiração, que enobrece a alma dum povo, bem como uma boa idoneidade moral e acima de tudo um critério de imparcialidade, ao julgar actos ou comportamentos alheios. O que se torna ainda mais grave, quando se pretende traçar o esboço biográfico de um professor, sábio, cientista e investigador de renome internacional, que graças aos dotes da sua inteligência e tenacidade, conseguiu ganhar admiração de tantos que o conheceram directamente ou através dos trabalhos publicados, individualmente ou em colaboração com os outros discípulos. Aproveitamos neste momento a oportunidade de prestarmos uma vez mais, a nossa Homenagem à memória de um sábio e Investigador cujo nome figura no quadro de honra dos Homens grandes; que mercê aos seus esforços pessoais e dotes de invulgar talento, souberam conquistar honra e prestígio internacional para os respectivos

países, onde nasceram, colocando-os numa situação privilegiada nunca dantes alcançada, nos domínio de investigação científica, prestando desse modo relevantes serviços à Humanidade.

Dizíamos nós que havia três caminhos para conhecer uma Personalidade:

a) Contacto permanente ou convívio directo durante algum tempo, na actividade profissional, que, indubitavelmente, constitui um depoimento de peso e a fonte de informação mais segura; mas nunca totalmente imparcial, quando a amizade ou obsecada paixão estiverem em jogo, sem se esquecer da tecnologia, que por razões de vária ordem, tanto o Investigador como os seus colaboradores, directa ou indirectamente utilizam durante a investigação científica.

b) Trabalho que fizeram e obras que deixaram, representando um manancial bastante precioso, mas nunca demais e que constitui fiel repositório das suas afirmações, que infelizmente sempre representam bagagem insuficiente ou incompleta, porque ninguém pode esquecer-se, que no mundo há pessoas que pensam duma maneira, dizem uma coisa e fazem outras coisas!...

c) Notas biográficas que os coevos, dotados de suficiente idoneidade moral e de integridade respeitável, nos legaram, através dos seus trabalhos, definindo uma Personalidade em todas as suas facetas humanas, de modo a caracterizá-la no seu conjunto, dentro do âmbito psico-social em que eles viveram, numa determinada época da sua vida.

Todos esses caminhos constituem, na realidade, uma preciosa fonte de informação indirecta e igualmente susceptíveis de nos conduzirem ao erro ou ao exagero, sobretudo quando o crítico for dominado por uma amizade quase fanática por uma Pessoa da sua maior admiração. Por isso torna-se necessário que o biografado tenha feito a sua própria biografia, descrevendo em todos os pormenores a sua vida, como quem faz uma confissão geral, sem se pecar nem pelo exagero nem pela excessiva modéstia. Infelizmente, não tendo tido oportunidade de conhecer pessoalmente o Professor Egas Moniz, o que para nós, além duma grande honra, seria indubitavelmente uma fonte segura e imparcial, estamos muito longe de afirmar que definimos a Personalidade do Professor Egas Moniz, numa determinada faceta. Mas convictos de que o nosso esforço representa apenas um entusiasmo académico e não, de modo algum, um trabalho de investigação pura, para o que tínhamos de trabalhar directamente com ele, seja lido ou visto, não

como um libelo de acusações, nem tão-pouco como acérrima defesa de qualquer questão inexistente sobre a Personalidade científica do Professor Egas Moniz.

\*

\*                      \*

Não obstante o produto utilizado pelo sábio, na visualização da circulação cerebral, ter merecido mais tarde uma justa inaceitação devido aos efeitos maléficos do Thorotraste, cujo emprego pela primeira vez, em Portugal, cabe ao Professor Reynaldo dos Santos e Pereira Caldas (1929), na exploração da circulação vascular dos membros <sup>(1)</sup>, em virtude de 20 ou 30 anos mais tarde terem sido visíveis os tumores provocados pelo produto em diferentes órgãos, tais como baço, fígado, rins, cérebro, etc., parece-nos que, excluindo a utilização do Thorotraste, pouco invalida o método, tecnicamente seguido por Egas Moniz, na exploração da circulação cerebral, pulmonar e visceral e em nada diminui a estatura moral de um sábio e Investigador de craveira intelectual do Professor Egas Moniz. Porque temos a plena certeza, depois de termos lido alguns dos seus trabalhos de vulto, no domínio de investigação científica e laboratorial, onde ele primeiro experimentava em animais os produtos de contraste, tais como iodetos de rubídio, lítio, sódio, potássio, amónio e brometos de sódio, estrôncio, em diferentes concentrações, para conseguir melhor opacidade em relação aos ossos do crânio. Uma vez vencida essa barreira, até então intransponível, estava-lhe assegurado todo o sucesso para fazer a visualização dos vasos cerebrais, a fim de poder localizar as afecções patológicas através dos cartogramas encefálicos, delimitando determinadas zonas do cérebro e das meninges. Professor Egas Moniz nunca teria utilizado o Thorotraste, pelo menos em seres humanos, se previamente tivesse tido conhecimento dos efeitos indesejáveis, tão tardiamente manifestados pelo produto em causa, cujo emprego contribuiu, sem margem de dúvida, para ele poder abrir novos caminhos, que o conduziram e com merecimento, para o Prémio Nobel em Medicina. Pois foi essa a única convicção que nos ficou, após a leitura dos seus trabalhos, nos quais, com uma probidade

---

<sup>(1)</sup> *Arteriografia dos membros* — Reynaldo dos Santos, Augusto Lamas e J. Pereira Caldas, *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 1929. «Resultados do emprego de Thorotraste na prova de encefalografia arterial por Egas Moniz e Cols — *A Medicina Contemporânea*, n.º 45, 1931.

indiscutível, o Mestre e Investigador competente, parece expor, com transparência iniludível, com igual clareza, humildade e honestidade, acidentes, erros e sucessos obtidos nas suas investigações. O seu procedimento como cientista de grande vulto dá-nos a impressão de quem procura uma paz interior, apanágio dos verdadeiros sábios ou dos espíritos desempoeirados, ao revelarem os seus fracassos, erros e sucessos!

Se formos lançar um olhar retrospectivo sobre muitos que atingiram os píncaros da lua à custa de trabalhos alheios, desvirtuando de todos os modos possíveis e imaginários, as celebridades dos poucos eleitos, não se pode dizer o mesmo do sábio e investigador consciente, probo e honesto que foi o Professor Egas Moniz, que humanas malquerenças procuram diminuí-lo no seu feito tão heróico e valoroso em benefício da Ciência e conseqüentemente da Humanidade, para a maior glória de Portugal, onde não tardou muito em ocupar o lugar a que tinha direito à sua memória. Se maior vitória ou glória a que um cientista ou escritor pode aspirar, em vida, é o Prémio Nobel, admira-nos imenso que houvesse ainda vivos, Sábios ou Escritores, que tivessem recusado em ir recebê-lo, não obstante terem sido obsequiados ou galardoados pelos Juris Internacionais, ofendendo assim a Memória de quem o instituiu com a pureza do seu espírito altruista! É um facto que não se chega a compreender! Mas apesar do silêncio de alguns dos seus compatriotas, nunca faltou a Egas Moniz, através duma mão invisível, o calor duma amizade fraterna dos seus irmãos da Comunidade Luso-Brasileira de além-Atlântico, para que os seus esforços fossem coroados com um Prémio Internacional a que ele, como outros, tinha justo direito. Porque em Portugal, apesar dos seus bons e directos colaboradores, com quem ele certamente contava como os seus melhores amigos, pelo que os outros escrevem a respeito do Professor Egas Moniz, em alguns artigos vindos a lume durante as comemorações do 1.º Centenário do seu nascimento, leva-nos a concluir que ele estava cercado de um ambiente político pouco propício para o seu sucesso. Basta apenas a esse respeito conhecer o que ele escreveu no gongorismo desprezencioso a propósito da actividade científica desenvolvida por outros Neuropsiquiatras portugueses, tais como Professores Magalhães Lemos e Ricardo Jorge, que para ele eram modelos de Mestres e Investigadores, embora cada um tivesse pisado mais tarde terreno diferente, dentro do âmbito de Medicina e na investigação científica, durante a época em que viveram, lutaram e morreram. No entanto há a salientar que, ele, Professor Egas Moniz, longe de qualquer suspeita, encontrou no seu compatriota, Professor Reynaldo dos Santos, o seu

mais acérrimo defensor, amigo e discípulo, ao menos durante a actividade científica que os dois desenvolveram separadamente. Porque ambos, enquanto se dedicavam ininterruptamente à exploração da pesquisa para a visualização da árvore vascular, desvendando os mais diferentes departamentos do organismo humano, não se manifestavam hostis, nem tão pouco indiferentes, mas sim grandes amigos, sinceros e mútuos admiradores, dotados de invejável companheirismo. Para esse efeito basta ler o que eles, reciprocamente, escreveram nos respectivos trabalhos que separadamente publicaram <sup>(1)</sup> em 1929 e 1931.

Ocorreu-nos escrever estas palavras, ao lermos duas biografias escritas por Egas Moniz, sobre dois Personagens de grande vulto a que atrás fizemos referência e que ambos pertenceram ao corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, tendo cada um desenvolvido notável actividade científica, apesar de tão fracos recursos materiais e tantas dificuldades ou contrariedades daquela época!

Professor Magalhães Lemos fora um cientista e clínico neuropsiquiatra de grande mérito. Ele sabia muito bem aliar à sua intuição clínica, o raciocínio mais ou menos exacto, ao deduzir hipóteses para chegar a um diagnóstico certo, sem recurso do laboratório. Entre numerosos trabalhos científicos que ele publicou e se os encararmos à luz da época, constituem, sem dúvida, motivo de admiração, pela sua originalidade a que não deixa de fazer a justa alusão o próprio Egas Moniz, ao citar entre outros:

— «Contribution à l'étude de l'épilepsie symptomatique des néoplasmes corticales (Iconografia de Salpêtrière)». Nesta obra de investigação clínica sugeria o Mestre da Faculdade de Medicina do Porto que «o centro da sensibilidade muscular do membro inferior parece estar colocado na parte anterior do lóbulo parietal superior». Facto esse por ele mencionado, em 1895, levou mais tarde outros investigadores a reconhecerem definitivamente que a zona motora e não a sensibilidade, estava localizada no terço superior da circunvolução frontal ascendente e que a zona sensitiva, a que aludia Magalhães Lemos, estava adstrita a circunvolução parietal ascendente.

Indubitavelmente, quem tentasse apreciar ou criticar um trabalho científico feito há 85 anos, à luz dos conhecimentos de há um século, certamente praticaria uma lisonja, e quem o fizesse à luz dos conhecimentos do progresso da ciência, no momento actual, certamente come-

---

(1) *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 1929, e n.º 45 de 1931.

teria uma traição. Seja como for, em ambos os casos praticaria incontestavelmente uma grave injustiça. Para evitar tais excessos ou exageros, cada obra ou trabalho científico feito pelos investigadores, tem que ser visto, olhado, analisado, apreciado e criticado à luz da própria época em que foi produzido, como fez o Mestre Moniz em relação aos seus personagens, sem deixar de ter razões de sobra para uma justa censura ao comportamento social, por falta de civismo, que rouba sabor à vida. Eis a razão porque tantos homens se abdicam das suas tarefas humanitárias ou se suicidam. Cerca de 90 % do progresso da Humanidade está em atraso por falta de apreciadores. Dos 10 %, 99,9 % perdem o seu preciosíssimo tempo em tentar destruir o que os outros fazem e apenas 0,01 % consegue sobreviver graças ao seu esforço pessoal! Que amarga realidade!... Mas é verdade. E o Mestre Egas Moniz, lamentando o que se passava nesse campo, quanto a apreciação do progresso científico realizado por aquele Mestre investigador, no domínio de Neuropsiquiatria, tão bem patente nos trabalhos que publicou, uma parte dos quais em português e outros em francês, dizia o seguinte:

«Têm os portugueses pouca consideração pelo trabalho científico realizado intramuros. O pouco que fazemos ainda pode encontrar eco além-fronteiras. Em Portugal passa ignorado, entre os próprios profissionais, absorvidos pela infiltração permanente da ciência estrangeira».

E elogiando a atitude louvável de alguns países da Europa, acrescentava ao significativo e não menos expressivo comentário feito no momento oportuno, ao evocativo cunho científico de um dos seus Mestres, por quem Egas Moniz parecia nutrir admiração, respeito e afecto pelos trabalhos produzidos, não obstante os fracos recursos materiais da época, em que Magalhães Lemos desenvolveu a sua actividade científica no campo tão difícil como o era de Neuropsiquiatria, dizendo:

«Em França, na Alemanha, na Inglaterra, a ciência nacional é a primeira a ser anotada e salientada nos trabalhos médicos desses países. Sem menosprezo pelas verdadeiras conquistas científicas dos países estrangeiros, procuram divulgar, em trabalhos sucessivos, a obra dos seus investigadores. Em nações de ciência mais modesta — pois não podemos comparar-nos aos que marcham na vanguarda do progresso das conquistas científicas, que o próprio

meio impulsiona e estimula — no Brasil, por exemplo, que, sob tantos aspectos nos é comparável, procura criar-se uma ciência nacional nos diversos ramos da actividade intelectual em que esse povo, numa adolescência prometedora procura firmar a sua posição no mundo das locuções médicas».

E continuava este rosário de lamentações, manifestando o seu profundo desgosto numa irónica melancolia, acrescentando:

«A culpa deste abandono nacional não é apenas dos que, não produzindo, não consideram os mestres portugueses. É destes também, porque não procuram dar expansão dentro da própria terra aos seus trabalhos».

Que amarga é na realidade esta verdade nua e crua, se formos fazer uma análise criteriosa daquilo que se passa, hoje em dia, em todos os países política e culturalmente atrasados, onde as restrições governamentais são de tal ordem, que dificilmente os cientistas conseguem fazer um trabalho científico de valor, nem tão-pouco existe qualquer possibilidade de adquirirem livros ou revistas de carácter científico. É exemplo flagrante o que se passa em todos os países do terceiro mundo, cujos cientistas levantam voos para a América, Rússia, Alemanha, Inglaterra, França, etc., porque as verbas orçamentais mal lhes chegam para proporcionar o mínimo necessário de comodidades alimentares, para os seus habitantes e pouco, que, esporadicamente, conseguem fazer os seus cientistas, deve-se ao seu próprio esforço ou estendendo a mão ao espírito altruista alheio. Até sob o falso pretexto de não deixar sair divisas, é-lhes vedado direito de adquirir livros no estrangeiro e trabalhos científicos por eles produzidos são desviados para outros países, onde pululam sábios e cientistas como cogumelos, para conquistarem galardões internacionais, no mercantilismo fácil e desenfreado, sem o mais pequeno escrúpulo, colocando outros, que são verdadeiros produtores, na sua total dependência, para não dizermos na indigência forçada!

Pior do que a pornografia que se propaga através do *écran* de celulóide, é a pornografia do espírito masturbador de incomensurável ódio, veiculado de modo diverso, no sentido de gerar injustiças sociais de toda a ordem e impedir por todos os meios o progresso da Humanidade por homens maldosos!...

Tal estado de coisas, comum a tantos países subdesenvolvidos, não pertence só a época em que viveram e sofreram grandes desaires em Portugal, Garcia de Orta, Amato Lusitano, Luís de Camões, Ricardo Jorge, e Egas Moniz, que numa atitude, quase censória, tentou exprimir o seu profundo desgosto, em face do que se passava no país, onde ele, como tantos outros homens de valor, nascera, crescera e o amara. E ao lermos aquela sua passagem, escudando-se na defesa do seu homenageado e amigo, Professor e Discípulo, lembram-nos os versos do épico Camões, no Canto VII, estrofe 82 d'*Os Lusíadas*, reeditados no ano de 1818, em Avignon, em que perante a indiferença e surdez visual dos mais poderosos da época, se queixava também o soldado desafortunado, autor do poema épico, às Ninfas do Tejo de seguinte modo:

*«Vede, Nymphas, que engenhos dos Senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezar com taes favores  
A quem os faz cantando gloriosos  
Que exemplos a futuros Escriptores,  
Para espertar engenhos curiosos,  
Para porem as cousas em memória,  
Que merecerem ter eterna glória»*

Na realidade é-nos doloroso e deveras desconsolador o testemunho desses dois Personagens de reputação universal: um épico e outro nobelista para já não falando de Amatus Lusitanus, Garcia de Orta, Zacuto, Ricardo Jorge e outros; muito embora também houvesse em todas as épocas noutros países do mundo, Homens e Sábios da estatura moral de Egas Moniz, entre os quais podemos mencionar alguns, tais como Faraday, Galileu, Becquerel, Madame Curie, Lavoisier, Newton, Pasteur, Ramon y Cajal, Albert Einstein, etc.; não falando das acusações, por vezes insensatas, nem devidamente fundamentadas, feitas pela tuba canora muito bem orquestrada e até por homens maldosos, actuando por trás das cortinas de inveja, que em Portugal não deixaram de afectar as Personalidades dum Ricardo Jorge, Abel Salazar, Eduardo Coelho, Brito Camacho, quando estes se manifestaram em plena pujança do seu espírito progressista e renovador, respectivamente no domínio de Saúde Pública, Investigação científica, reestruturação das Universidades e do Ensino Superior e na orientação política parlamentar. Por outro lado afigura-se desnecessário tocarmos nos queixumes a que por

ventura também tivessem tido direito, ao lado de Egas Moniz e do próprio Camões, tantos outros Sábios e Mestres Portugueses, de quem não procuramos perturbar a sagrada paz, nas campas das sepulturas. No entanto, nunca é demais evocar a actividade científico-profissional exercida por muitos deles, com inexcedível competência, no domínio da pedagogia e o valioso contributo prestado à Saúde Pública, bem como para as Universidades. Por isso procuramos abrir aqui um parêntese, embora para os mostrar no campo oposto. Sem nos darmos ao fastidioso trabalho de vasculhar as suas bibliografias, apraz-nos apenas citar alguns dos nomes mais ilustres do passado, que acidentalmente nos afloram à memória no momento presente e que muito prestigiaram a Medicina portuguesa, tanto dentro como fora do país, uns no continente e outros no ultramar: Câmara Pestana, considerado um dos mais eminentes bacteriologistas da sua época, vitimado pela peste bubónica; Ricardo Jorge, expoente máximo na Saúde Pública, mestre, escritor, crítico, reformista, cientista que diagnosticara precocemente a peste bubónica no Porto. Miguel Bombarda, discípulo de Manuel Bento e do «mais insigne clínico» da época Sousa Martins, neurologista e psiquiatra, que ao lado de Adelino Vieira de Campos e colaboradores (Augusto Vaz Serra, Guilherme de Oliveira, Matos Beja, Santos, Mário Trincão e Lúcio de Almeida), distinguiu-se na Liga Nacional contra Tuberculose; entusiasta fervoroso do progresso da ciência e acérrimo defensor do monismo. Desenvolveu medicina filosófica através da sua célebre conferência «O neurone e a Vida Psíquica», tendo o seu livro sobre a *Consciência e Livre Arbítrio* despertado polémica naquela época. Abel Salazar, Celestino da Costa e Geraldino Brites, três Histologistas deixaram obra notável no domínio de investigação científica Bio-Histo-Embriológica. Alfredo Costa, Gama Pinto, Roberto Frias, outros mestres ilustres que com raro brilho e inexcedível competência leccionaram nas universidades portuguesas, sem falar de Agostinho Lourenço, hidrologista, Venâncio Rodrigues, Lente distinto da Prima Matemática, agraciado com a Comenda de Vila Viçosa por tão relevantes serviços prestados à Universidade e à cidade de Coimbra e cujo 1.º Centenário do falecimento foi celebrado em 1979 (1). Francisco Luís Gomes, médico, escritor, economista, político, parlamentar, conhecido por Campeão da Liberdade, que pela influência da palavra arrebatava os auditórios.

---

(1) Participaram nas Comemorações: UNIVERSIDADE DE COIMBRA, CÂMARA MUNICIPAL, Imprensa local e do Estado da Índia e goeses residentes em Coimbra.

Abade Faria, fundador da hipnose; Bruto da Costa e Froilano de Mello; Ayres de Sousa, radiologista de fama e um dos pioneiros de angiokimografia (todos goeses). Mestre Reynaldo dos Santos, cientista, Investigador, sábio e grande crítico da arte, que foi fundador da Escola Portuguesa de Angiografia. Egas Moniz, sábio eminente, Mestre insigne, escritor primoroso, crítico, diplomata e político, que ganhou o Prémio Nobel e foi pioneiro da Escola de Neurocirurgia em todo o mundo. Daniel de Matos, famoso obstetra português, considerado como «um dos maiores clínicos cultos e prestigiosos de Coimbra de todos os tempos» e era muito procurado pelos doentes de Lisboa, Porto e da vizinha Espanha. Júlio de Matos, destacado Psiquiatra do Porto e fundador do novo Hospital Manicómio de Lisboa; é autor de alguns trabalhos científicos de certa envergadura sobre a «Patologia das Alucinações», «Alucinações e ilusões», «Loucura», «Elementos de Psiquiatria» e «Alienados nos tribunais». Colaborou com Miguel Artur e Mestre Ricardo Jorge na revista de carácter político-filosófico, tendo militado no «Positivismo» ao lado de Augusto Compte. Rovisco Pais, lutador contra a lepra em Portugal; Maximiano Lemos, notável investigador, mestre da História de Medicina, professor, polígrafo e brilhante crítico literário; deixou obra de vulto em 20 volumes (1899) sobre a História da Medicina Portuguesa. Alfredo Magalhães, Pulido Valente, Alfredo Luís Lopes, Ângelo da Fonseca, Rocha Brito, Fernando da Fonseca, Magalhães Lemos, Almeida Ribeiro, Costa Sacadura, Bernardino Gomes, João Jacinto, Serrano, Belo de Moraes, Gregório Fernandes, António de Lencastre, Diogo Furtado, Sacadura Bote e tantos outros, tais como Francisco Gentil que foi um grande impulsionador da Liga Portuguesa contra o cancro e fundador do I. P. O.; Ernesto Roma que fundou Associação dos Diabéticos Portugueses; Bissaia Barreto que se notabilizou em Cirurgia e em Obras Sociais. Todos eles constituem uma plêiade de Mestres e Clínicos ilustres que criaram Escolas e difundiram o pensamento humanístico em Portugal. Moraes Sarmiento, Maximino Correia, humanista que foi anatomista de renome internacional, tendo visualizado pela primeira vez, apenas com a tinta-da-china, a circulação coronariana. João Porto, primeiro fundador de Cardiologia Social em Portugal; Sobral Cid e Elísio de Moura, dois Mestres notáveis, que se celebrizaram no campo de Psiquiatria e cujos admiráveis diagnósticos fizeram eco além-fronteiras; Cid dos Santos tão conhecido no domínio de cirurgia vascular e fiel continuador da obra do seu pai Reynaldo dos Santos e do Mestre Egas Moniz. Mário Trincão, patologista; João Fraga de Azevedo, investigador proeminente e autoridade mundial-

mente respeitada no domínio de Patologia Tropical; Pires de Lima e José Bacalhau, que deixaram importantes trabalhos sobre mal-formações congénitas, sem se esquecer de dois sanitaristas goeses, Miguel Caetano Dias <sup>(1)</sup> e Vítor Dias <sup>(2)</sup>, pai e filho, que combateram respectivamente a cólera, peste e paludismo, no antigo Estado da Índia Portuguesa, onde no século XVII (de 1602 a 1652), em trinta anos apenas, segundo Frei Diogo de Santana, «morreram só no Hospital Real de Goa 25 mil soldados». «Goa é o cemitério dos portugueses», exclamava o Vicei-Rei Conde d'Alvor, no dizer de Pacheco de Figueiredo <sup>(3)</sup>. Germano Correia, Professor da História de Medicina, primava-se pela fluência, dicção e cultura, na Escola Médico-Cirúrgica de Goa!

Seria falta imperdoável, se neste momento não lembrássemos mais alguns vultos de relevo, que nos séculos XIII, XVI, XVII e XVIII, numa luta insana e não menos inglória para eles, em vida, contra as injustiças do destino a que na época foram votados pela incompreensão humana, quase ao total esquecimento durante muitos séculos, seis portugueses de génio e de prestígio internacional: dois lisboetas e dois alentejanos, sem se esquecer das perseguições, que mais 2 deles sofreram na terra onde nasceram e enfeitados pela Pátria, que tanto honraram pelas obras que deixaram no domínio da Medicina. Basta apenas lembrar-se de um Pedro Hispano ou ainda conhecido por Pedro Julião que mais tarde fora Papa João XXI, durante o reinado de D. Afonso III, rei de Portugal e do Algarve. Celebrizou-se como Homem de grande saber que se «distinguiu pela sua liberalidade e pela protecção que dispensava aos homens de letras depois de ser eleito Papa», numa situação bastante crítica da Igreja, na Idade Média. Deixou vasta obra sobre a Medicina, História Natural e Psicologia, grande parte da qual só recentemente descoberta pelos investigadores. Notabilizou-se pela publicação de *Thesaurus pauperum* e as *Sumulae logicales*, através das quais pretendeu difundir a Lógica Aristotélica, conferindo-lhe um lugar proeminente nas Escolas Medievais a ponto de Dante ter-lhe

---

<sup>(1)</sup> *Relatório dos Serviços de Saúde do Estado da Índia* por Gen. M. C. Dias — referente ao ano de 1911. Imprensa Nacional, Goa, 1913. *Curso de Anatomia Patológica na Escola Méd. Cir. de Goa* por Renato Trincão, Coimbra, 1961.

<sup>(2)</sup> Brigadas de combate ao paludismo criadas na Índia sob a égide da O. M. S., sendo presidente desta Francisco Cambournac; Ministro do Ultramar Com. Sarmiento Rodrigues, e Chefe dos Serviços de Saúde Coronel-Médico Victor Dias (1946), que foi autor do saneamento da Velha Cidade de Goa. (*Nota do Autor*).

<sup>(3)</sup> *O Médico*, págs. 198-199 e 602. Lisboa, 1960 (João Manuel Pacheco de Figueiredo).

dispensado a sua maior atenção na sua obra monumental *Divina Comédia* (1).

Garcia de Orta (2) depois de ter feito os seus estudos em Alcalá e Salamanca, na Espanha, onde teve por contemporâneos o grande bispo e humanista D. Jerónimo Osório, André de Resende e o famoso médico Luís Nunes, tendo por amigos sábios e matemáticos como Pedro Nunes e Pedro Margalho, em Lisboa. Concluiu os estudos em medicina aí por 1523 e chegou a clinicar em Castelo de Vide, onde teria nascido. Tentou em vão ascender ao professorado em Lisboa (1527) para cadeiras de Lógica, Filosofia Natural (1529) e Súmulas (1530), sendo finalmente aceite como deputado e professor contratado de Filosofia Natural (1531-32), na cadeira que Pedro Nunes recusara. Enquanto físico do rei, três anos depois (1534) embarca para a Índia — terra de mistérios, dos pergaminhos lendários, de encantos exóticos e de especiarias orientais, onde o cravo, gengibre, alho, pimenta, aloés, canela, coentro e açafrão atraíam toda a Europa, durante a época quinhentista. Fugiu espavorido das garras de Inquisição por cujas fogueiras fora ameaçado Galileu, depois de ter sido incriminado como herético, por defender as teorias Copernicianas e após a publicação da sua célebre obra *Diálogo dei due massimi del mondo* (1600), preso por ordem do Papa Urbano VIII. Em Goa, Orta inicia a sua actividade de médico no Hospital Real do Espírito Santo da Velha Cidade de Goa; considerado até então o «melhor hospital do mundo» por Pyrard de Laval (1607) e como «emparo de toda a India e remédio de toda a soldadesca» (3). Réplica do grandioso hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, no dizer de Silva Carvalho; mais e melhor servido do mundo até em relação ao do Espírito Santo de Roma, segundo Vincente Le Blanc (1587). As refeições eram servidas em loiças de porcelana chinesa; tinha leitos torneados, alguns dos quais pintados a cores e outros dourados. Os colchões e as cobertas de seda e de algodão, estampadas de cores e figuras alegóricas da civilização oriental. Este «melhor hospital do mundo» entrou mais tarde em tal deca-

---

(1) *Divina Comédia* — Paraíso, canto XII por Dante (Vide *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. XIV, pág. 239).

(2) Garcia de Orta era filho do hebreu espanhol Fernão de Orta e de Leonor Gomes. Ele era natural de Valência de Alcântara e ela de Albuquerque (falecida em Goa, 1557). Seu pai era mercador estabelecido em Castelo de Vide. (*Grande Enciclopédia Luso-Bras.*, vol. 19, pág. 6).

(3) *Contribuição de Portugal para a Medicina no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, por J. M. Pacheco de Figueiredo — Arq. da E. M. C. de Goa, Bas-torá, n.º 33, 1960 e *O Médico*, págs. 198-199 e 602, Lisboa, 1960.

dência por má administração e falta de médicos, que o francês Jean Baptiste Tavernier, que o visitara em 1666, chegou a escrever «que os doentes que aí entrassem não saíam senão para ir a cova» (1). Antes disso, o ensino da Clínica em Coimbra era ministrado no Hospital Real, que ficava na Praça Velha e fora mandado construir pelo rei D. Manuel I e também era chamado Hospital d'El-Rei. A 1.ª legislação portuguesa sobre a União da Clínica Médica, no Hospital Real, deve-se a D. Sebastião que dotou a Universidade com novo estatuto, que foi juntado ao Estatuto Joanino de 1544. A 1.ª Aula foi em 1 de Outubro de 1562.

Em 1505, D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da Índia, fundou em Cochim e Cananor, os primeiros hospitais do Oriente. E em 1510, com a reconquista de Goa, Afonso de Albuquerque mandou fazer uma enfermaria térrea à custa da feitoria para o internamento dos doentes. Essa enfermaria, em fins do século XVI, transformou-se no Hospital Real do Espírito Santo, onde eram recolhidos os soldados portugueses doentes. Este estabelecimento de Saúde, considerado até então o melhor do mundo pelo francês Vicent de Blanc (1587) e Pyrard de Laval (1607), não resistiu por muito tempo à perda da sua opulência, devido a má administração e instabilidade política, constantemente provocada pelos poderes centrais com a dominação de Portugal pelos espanhóis e lutas intestinas.

Nesse hospital, que ficava situado entre a capela de Santa Catarina e o muro setentrional do quintal do convento de Madre de Deus, na Velha Cidade de Goa, serviu Garcia de Orta como médico e dezenas de cirurgiões e físicos-mores; tendo também prestado serviço no hospital dos Lázaros, fundado em 1530, onde eram recolhidos todos os leprosos do Oriente e que ficava situado próximo do Colégio de S. Paulo. Neste Colégio, comparável aos Estudos Gerais, com capacidade para três mil leitos, o Ensino de Medicina estava a cargo dos Jesuítas, entre os quais figuravam técnicos, engenheiros, arquitectos, artistas e pintores, conhecidos pela gente de Goa por «Paulistas». Conta-se que a maior parte dos conventos e das igrejas, então existentes na Roma do Oriente, eram construídas pelos «Paulistas», considerados homens varonis, possantes e muito fortes. Asseveram esse facto, o tamanho das pedras que eles utilizavam nas construções e os achados arqueológicos, entre os quais figurava um picaço, inteiramente de ferro maciço, encontrado nos alicerces pelos cabouqueiros de Santo Estêvão, que iam retirar e

---

(1) *Les Voyages aux Indes et in Perse* — por Jean Baptiste Tavernier, 1881, cit. por Germano Correia, — in *Hospital Real de Goa* e J. M. Pacheco de Figueiredo nos *Arq. da Esc. Médico-Cirúrgica de Goa*, n.º 33, pág. 25, 1960.

negociar as pedras das ruínas da Velha Cidade de Goa. O referido achado pesava dezasseis arráteis ou seja meia arroba na medida indiana. Não há factos históricos constatando que na construção da velha cidade de Goa, trabalharam também homens das aldeias circunvizinhas, tais como Corlim, Jua, Carambolim, São Brás, S. Pedro, Ribandar, Divar, Naroá, Chorão, Batim e Cumbarjua, como consta da tradição popular.

«Era naquela época, tanto na Índia como no Brasil, multifacetada a actividade da Companhia de Jesus, de um dinamismo que ainda volvidos séculos causa espanto».

As construções dos conventos duravam décadas. A par de grande esplendor, havia hospitais por todo o Oriente, desde o Golfo Pérsico até à China e Japão: — Hospitais de Mascate, Ormuz, no golfo Pérsico; Diu, Damão, Asserim, Baçaim, Chaúl; Goa com três; — Cananor, Cranganor, Mangalore, Cochim, Barcelor, Coulão, Maduré, Manar, Colombo, Galé, Cândia, Jafanapatão, Negapatão, e Puncale na Índia. Ugulim em Bengala: Malaca, Amboino, Ternate e Timor, nas Molucas; Limpó e Macau; Lutuca no arquipélago de Sonda, na China; Caifu, Quioto, Osaka, Assacusa e Bungo, Nagasaki e Valime no Japão. A história repete-se em períodos cíclicos; a justiça e vinganças não tardam a aparecer. Com a dominação de Portugal pelos espanhóis e mais tarde com o poder quase absoluto do Marquês de Pombal, começa a expulsão dos Jesuítas, tendo sido presos 221 padres jesuítas, que viviam por todo o Oriente, onde se fez a primeira exposição de S. Francisco Xavier (1782), na Igreja de Bom Jesus, depois de já ter sido proclamado, em 1748, Apóstolo protector das Índias.

Garcia de Orta, que fora hostilizado pelo conselho universitário lisboeta, antes de ser admitido como docente, encontra em Goa, dum lado o vastíssimo campo para as suas investigações em Medicina naturalista, para o que arranja um jardim em Goa e uma quinta de recreio em Bombaim, organizando a sua biblioteca e museu; por outro lado espregueia-o a Inquisição por forte perseguição aos judeus, razão porque até chega a mudar de nome para Anrique de Orta; mercê ao seu invulgar talento e grande força de vontade vai resistindo às intempéries da vida, saltando de Goa para Bombaim e vice-versa, ao mesmo tempo que começa a preparar a sua grande obra sobre medicina naturalista. Esse facto leva-o a ser considerado pelos historiadores como o mais antigo escritor de Medicina Tropical <sup>(1)</sup>. O seu empenho na conclusão

---

(1) «Homenagem a Garcia de Orta», por J. Fraga de Azevedo — *O Médico*, ano XXVII, vol. LXXVII, n.º 1270, págs. 72-73, Lisboa, 1976.

do seu tratado *Simplex e Drogas e Cousas Medicinaiis da Índia*, que mais tarde lhe granjearia tanta fama, tornando-o conhecido na Europa e na América, é bastante grande; não obstante o risco que corria de ser também queimado, como fora a sua irmã pelo Santo Officio. É na Índia que, no meio de tantas desventuras, Garcia de Orta começa a preparar a sua glória, tornando-se médico de Martim Afonso de Sousa e do «Grande Hospital de El-Rei» (1), onde chega a conhecer Camões, que segundo alguns historiadores (2), muito teria aprendido e aproveitado da «ciência e conselho do grande médico». Nomeado capitão-mor do Mar das Índias, o que lhe vem facilitar bastante as deslocações constantes para Bombaim. O seu infortúnio, porém, é de tal ordem que chega a consorciar-se com uma dama avarenta chamada Brianda de Solis. Apesar de nunca ter manifestado a mais pequena aversão pelo catolicismo e ser praticante da religião cristã, Orta foi muito perseguido até em Goa, onde levou a vida amargurada, por uma companheira «intra-tável», que «nem sequer quis ceder o lençol para amortilhar o seu cadáver», quando morreu, em 1568. Sepultado na Sé Catedral, ao pé da sua mãe, a Inquisição não o esqueceu e aos 4 de Dezembro de 1580, manda exumar os seus ossos e queima-os publicamente, lançando ao rio Mandovi as suas cinzas (3). «Assim sucedeu ao homem cuja morte se podia com razão dizer que minguava o valor da sua pátria».

Garcia de Orta, foi um dos clínicos mais recorridos da sua época. Ele mantinha relações muito amistosas com Buhram Nizam Schah, rei de Balgate, na Índia, o qual era — segundo Diogo do Couto — «o mais valeroso, franco, liberal e justiceiro rei de todos os do seu tempo e vizinhos» e com Bahadur Schah, poderoso sultão de Cambaia (4). Através do seu saber, aptidão para negócio, espírito universalista e aventureiro, possuía um engenho especial para «aproveitar, assimilar e desenvolver as ideias alheias». Muitos dos seus conhecimentos científicos provêm da Medicina Ayurvédica da Índia, onde os *Vaidyas* e *Hakims* eram detentores dos segredos e das plantas medicinais, à par dos vulgos e curiosos de quem muito teria aproveitado Garcia de Orta, para escrever os seus *Colóquios dos Simplex e Drogas e Coisas Medicinaiis da Índia*.

---

(1) *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. XIX, págs. 674-675.

(2) *Sobre a Medicina dos Lustadas*, por Maximino Correia, Coimbra, 1920.

(3) *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. 19, págs. 674.

(4) *Arq. da Escola Médica de Goa*, n.º 33, pág. 44, por J. M. Pacheco de Figueiredo, 1960.

Orta era muito procurado pelos Reis, Rajás e Maharajás da Índia. As suas qualidades de naturalista, paciência, profundo conhecimento das artes médicas que aprendera na Europa, dotado de um espírito agudo e liberal, uma observação cuidadosa e fina, aliada à sensatez da prudência, davam-lhe suficientes *palmarés* para suplantar os naturalistas da Índia, onde também chegara a ser médico assistente de Nizam Schah, como se infere do seu 10.º Colóquio Do Ber:

«Desdagora vos digo que ha um rei no Balgate, cujo pay curey muitas vezes, e ao filho algumas; de quem, por vezes recebi mais de doze mil pardaos; e davame quarenta mil pardaos de renda porque o visitasse alguns meses do ano, os quais eu não aceitey».

Garcia de Orta era um poliglota, porque além de português sabia falar grego, latim, hebraico, árabe, italiano, espanhol, e certamente muitos dialectos da Índia, sem os quais não podia ter intimidades com os Reis e Maharajás, nem tão pouco lhe seria possível adquirir os conhecimentos sobre a medicina Ayurvédica ou naturalista. Tais conhecimentos linguísticos facilitaram-lhe imenso para acumular o precioso manancial, para escrever os seus Colóquios e acusar desassombradamente os erros dos outros médicos mais antigos, como se pode inferir dos seus *Colóquios dos Simples e Drogas das Coisas Mediciniais da Índia*, publicados em Goa, no ano de 1563:

«Não me ponhaes medo com Discorides, nem com Galeno; porque não yei dizer se não verdade e o que sey».

(Colóquio nono — Do Benjey)

Apesar de tanta perseguição de que foi alvo, juntamente com Amato Lusitano e Rodrigo de Castro (notável tríade de médicos que constitui orgulho da Medicina Portuguesa do século XVI), Garcia de Orta nunca perdeu a sua fé e era profundamente crente, além de ser um grande sábio perseguido pela Inquisição. É mais que evidente o testemunho da sua religiosidade, o que se acha explicitado no Colóquio décimo terceiro — Do Cardamomo:

... «e Deus he tam misericordioso que em dada terra nos deu mezinhas para sarar-nos: porque ele dá a enfermidade dá mezinha para ella».

E o que ele aprendeu da Medicina Ayurvédica com os Panditas da Índia, que andavam em palaquins, não foi obra de acaso como se pode ver:

«Garcia de Orta, escreve o Conde de Ficalho, viu-se num meio científico conhecido, aprendendo na sua lide com médicos indígenas os segredos de várias plantas medicinais».

No entretanto a Medicina portuguesa invadia as cortes estrangeiras, tanto na Europa como na Ásia. Basta apenas citar Fernão Lopes de Orta, médico de extraordinário mérito, como clínico e diplomata que fora enviado pelo Governador Fernão de Albuquerque, para prestar assistência ao Ibrahim Adil Schah, Rei de Bijapur e pelas curas feitas passa a ser um dos mais importantes personagens da sua corte, onde permaneceu até à morte de Idal-Khan e foi vítima de mais ignóbil trama urdido pelos *Vaidyas* e *Hakims* que deviam mostrar-se vencidos pela concorrência que lhes faziam os médicos metropolitanos. Aqueles conseguiram desalojá-lo da corte, tecendo intrigas palacianas, depois de o martirizarem cortando-lhe nariz e orelha esquerda, no dizer de Pacheco de Figueiredo.

Ao lado do Hospital Real de Goa, onde Garcia de Orta era médico, surgem os estudos universitários no Colégio de São Paulo, em 1550; fundado pelos jesuítas, tendo 3 000 leitos e onde todas as manhãs eram ministradas aulas de Medicina pelo reitor Padre Francisco Cabral, dicotomisando o ensino em teórico e prático. Este era dado nos doentes internados no Hospital dos Pobres, fundado por Padre Paulo Camerte (1551) sob a direcção dum hábil cirurgião Pedro Afonso. A natural propensão dos goeses para a aprendizagem faz invadir o Colégio de São Paulo, sendo o ensino médico oficial no Hospital Real de Goa. Através da Carta Régia, publicada em 23 de Março de 1691, cria-se a Aula de Medicina e só em 1801 a Aula de Medicina e Cirurgia (1), sob a égide do físico-mór António José Miranda e Almeida, lente da Universidade de Coimbra, considerado «homem sábio» pelo Governador Veiga Cabral. O prestígio da Medicina portuguesa difunde-se por todo o Oriente (2), chegando até ao Japão e China; ganha muita fama na corte do Grande Rei Mogol (Grão-Mogol), que solicita a presença de Fernão Lopes de Orta para Agra, sem que o Vice-Rei Conde de Linhares o tivesse galardoado pelos mártírios e revezes por ele sofridos em Bijapur.

---

(1) Durante o governo do Conselheiro José Ferreira Pestana (1844-47), lente de Matemática da Universidade de Coimbra, foi introduzida no Hospital Militar, a Escola Médico-Cirúrgica de Goa com 4 anos e de Farmácia com 2 anos (*História de Goa* por M. J. Gabriel Saldanha, 1898).

(2) Cipriano Valadares foi pioneiro do Ensino Médico em Goa e Manuel Vaz Fagundes, o melhor cirurgião-mor, que passou pelo Estado da Índia (*Vide Carta Régia de 27 de Março de 1720 e cit. de J. M. Pacheco de Figueiredo, nos Arq. da Escola Médica de Goa, Bastorá, Goa 1960 e Germano Correia — O Ensino de Medicina e Cirurgia em Goa nos séculos XVII, XVIII e XIX.*

Foi realmente enorme o poder dos Jesuítas no Oriente e também não foi menor a sua acção missionária, fundando colégios e hospitais, asilos, creches e orfanatos, ministrando o ensino universitário. A medicina ocupava-lhes um lugar de primacial importância para dilatar a fé, através das «curas miraculosas» feitas desinteressadamente pelos padres médicos, formados pelo Colégio de São Paulo, que era na altura os autênticos «Estudos Gerais»<sup>(1)</sup> na Índia. Deste templo de Sabedoria, então existente na Roma do Oriente, irradiou a Medicina e a Cultura lusitana, ou melhor dizendo luso-indiana por todas as terras do Sol-nascente e continente africano. Uma plêiade de sacerdotes e médicos, simbolizando Cosme e Damião, percorreram toda a Índia, Ormuz, Malaca, Ceilão, Oceania, China, Japão e Brasil fundando ao mesmo tempo centros de Saúde, Asilos e Hospitais, onde eram tratadas as «gentes das terras», recebendo muitas vezes em recompensa as mais injustas retribuições, como aconteceu com Fernão Lopes de Orta e o próprio Garcia de Orta. Destacam-se entre tantos que se espalharam pelo mundo, exercendo a arte de Hipócrates, obrando milagres e conquistando almas para o cristianismo: Padres Melchior Fonseca e André Boves, que percorreram a Bengala; Henrique Henriques destacado para a Costa de Pescaria; Nicolau Lanceloto e Morais isolados na ilha de Ceilão; João Loureiro em Cochichina; Belchior Nunes em Malaca; Duarte Silva, Gregório e Cristóvão Pereira no Japão, onde o Dr. Luís de Almeida, em 1559, funda a primeira Escola Cirúrgica de Nanban em Quioto, sendo o Hospital mais antigo, fundado pelos missionários no Japão, o de Bungo, no ano de 1556. Pero Mascarenhas em Molucas; André Pereira, Domingos Pinheiro e Policarpo na China; Sebastião Veiga em Amboino e P.<sup>e</sup> José Vaz, oratoriano, funda os hospitais em Candia e em Colombo (1669), sem ser médico. Padres Alexandre e Miguel Vaz a quem D. João III recomendava para «tratar bem dos pobres da terra». No Brasil, P.<sup>e</sup> Manuel da Nóbrega (1549-70) funda o Colégio de Piratininga e P.<sup>e</sup> José de Anchieta as casas dos Jesuítas de Baía, de Santos, S. Vicente, Espírito Santo e Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro. Com Galvão descreve pela 1.<sup>a</sup> vez as bolsas dos marsupiais e do veneno das serpentes.

Espalham-se Casas de Saúde, Recolhimentos, Hospícios e Hospitais por todo o Japão, onde a Companhia de Jesus, além de exigir dos seus membros, a prática dos deveres monásticos, prescrevia-lhes também trabalhos sociais, tais como auxiliar pobres, curar os doentes,

---

(1) «Estudos Gerais» fundados através do Diploma de 1 de Março de 1290, por D. Dinis, que em 1308 transferiu para Coimbra com foros de Universidade.

e educar os jovens, no dizer de Naojiro Murakami (1). Alguns desses estabelecimentos de saúde, ficavam em Osaka, Assacusa, Hacata, sendo os mais importantes o Hospital de S. Tiago e o de Funai (Oita, 1557).

No entanto há que destacar a notável figura do investigador e botânico Padre João Loureiro que descreveu a «Flora Cochinchinensis»; traduzida em várias línguas e universalmente conhecida e citada pelos botânicos e historiadores (2).

Ao lado dessa actividade, cheia de altruísmo e de obra humanitária dos Jesuítas, a facinora arma inquisitorial não deixou de espalhar o terror, durante cerca de 4 séculos sob a designação de «Sacrum Officium, seu Universa Inquisitionis Congregatio», que na Idade Média se transformou num «tribunal cada vez mais político», sendo o seu primeiro inquisidor-mor em Portugal D. Frei Diogo, bispo de Ceuta, presidindo em Goa ao Santo Officio o Superior dos Dominicanos (3) ou o dos Agostinianos e Capuchinhos (4).

A família de Garcia de Orta — escrevem os historiadores — havia sido justificada pelo Santo Officio tal como uma das suas irmãs, que morreu na fogueira e diz Silva Carvalho: «Um silêncio de chumbo caiu sobre a sua memória, apagaram-se os vestígios da sua estadia gloriosa na Índia e é possível supor que até os Colóquios foram destruídos». Essa hipótese não nos custa aceitar, uma vez que a religião se propagava através dos seus ministros, escolhidos entre os mais prudentes e sábios, com profundo conhecimento de Medicina, sem a qual era-lhes difícil obrar prodígios de curas miraculosas, através das quais se convertiam os outros para a religião cristã, constituindo-lhes um grande obstáculo, para a dilatação da fé, as curas feitas pelos leigos, muito menos pelos justificados pelo Santo Officio; que não tardaria em classificá-los de «revolucionários», «anti-cristãos» ou «hereges»; uma vez que a doutrinação da Inquisição, saindo do seu âmbito estritamente religioso, tinha adquirido um carácter «predominantemente político». Talvez seja essa a razão que levou alguns historiadores, tais como Jayme Walter e Conde de Ficalho, a escreverem sobre a reimpressão dos mesmos em seguintes termos:

«Os Colóquios na sua forma original e na época da sua primeira publicação pode dizer-se que não chegaram a ser conhecidos.

---

(1) *Biblioteca Nipónica*, fasc. II — Sociedade Luso-Nipónica, Tóquio, 1942, cit. por Pacheco de Figueiredo no *Arq. da Esc. Méd. de Goa*, n.º 33, p. 31, 1960,

(2) *História de Goa*, por Padre M. J. Gabriel Saldanha, Goa 1898.

(3) *Relation de Inquisition de Goa* par M. Dellon, — A Cologne, MDCCIX.

(4) *Arq. da Esc. Méd. de Goa*, n.º 33, por Pacheco de Figueiredo. Goa, 1960.

Depois não só porque os portugueses sempre se mostraram refractários a manifestar publicamente os seus valores espirituais, mas também porque houve uma longa época de decadência científica, iniciada alguns anos depois desse ano de 1563 quase três séculos se passaram sem que pensasse em realizar nova edição».

Diz o Conde de Ficalho na «Advertência preliminar» da Obra de Garcia de Orta que a reimpressão dos Colóquios impunha-se como necessidade urgente para os estudiosos e quase como uma obrigação do decoro nacional. Sentiu isso a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa em 1841, quando envidava esforços para editar, mas só em 1872 Adolfo de Varahagen fez a reimpressão cheia de erros, que pelos estrangeiros foi considerada como uma «publicação inútil» e Conde de Ficalho reeditou os dois volumes, tendo saído o primeiro à luz da publicidade, em 1891 e o segundo volume no ano seguinte.

Umberto Giulio Paoli, na sua obra «Christobal Acosta e le sue Opere», publicada em Buenos Aires, no ano de 1937, tece o panegírico a obra de Garcia de Orta, invocando a falta de exemplares da obra original dos Colóquios, dizendo:

«É esta a razão pela qual todos os farmacólogos citam unicamente o pequeno resumo latino de Clusius ignorando o texto original, muito mais rico em notícias e particularidades, e não podendo assim avaliar a contribuição que deu a medicina oriental a escrupulosa investigação deste sábio português<sup>(1)</sup> que em 1490 e 1570 descreveu respectivamente a cólera e «febres»<sup>(2)</sup> nas quais estaria incluído o paludismo, no dizer de João Fraga de Azevedo<sup>(3)</sup>. Triste é dizê-lo, como exprime S. Carvalho se o não tivessem divulgado através de boas ou más traduções de «Colóquios dos Simples e Drogas e das Cousas Medicinais da Índia» que fizeram, certamente teria desaparecido nos anais da História de Medicina Portuguesa para sempre a obra científica de Garcia de Orta. Afirmava o próprio Conde de Ficalho que, enquanto as traduções feitas em italiano, latim, francês e em espanhol corriam mundo para saciar a sede dos curiosos, botânicos e dos historiadores, no estrangeiro, o livro

---

(1) *Tratado de las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales*, por Cristóvão da Costa — Burgos, Espanha, 1578.

(2) *Colloquios dos Simples e Cousas Medicinais da India*, por Garcia de Orta, Goa, 1563.

(3) Os Sextos Congressos de Medicina Tropical e Malária — Homenagem a Garcia de Orta — João Fraga de Azevedo, *O Médico*, vol. LXXVII, n.º 1270, págs. 72-73, Lisboa, 1976.

Garcia de Orta, na sua forma portuguesa completa, com a característica linguagem do tempo, com os seus modos peculiares de pensar e de dizer, com as suas interessantes notícias sobre a vida íntima da Índia, o livro de Orta permanecia quase ignorado».

Não resta dúvida que durante cerca de três séculos consecutivos salvo aquelas «traduções mal feitas», no estrangeiro, o sábio e investigador Garcia de Orta, profundo conhecedor da flora tropical indiana e no domínio de medicina naturalista ou Ayurvédica, ficou praticamente esquecido dos portugueses, razão porque diz Silva Carvalho: «um silêncio de chumbo caiu sobre a sua memória» ...e além da reedição dos Colóquios, cheia de erros e imperfeição, feita por Francisco António Adolfo de Vernhagen, em 1872, foi ela tão mal aceite pelos críticos. Só em 1958 que tiveram lugar em Portugal «Os Sextos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Malária»<sup>(1)</sup>, antes planeados para serem realizados em Goa, foi então prestada a merecida homenagem ao «primeiro escritor de Medicina Tropical, Garcia de Orta<sup>(2)</sup>», consubstancializada na inauguração de um monumento em frente do edifício da actual Escola de Higiene e Instituto de Medicina Tropical, em Lisboa. Assistiram a este acto solene, além do Director do mesmo Instituto, Professor Fraga de Azevedo, as representações da Universidade de Coimbra, por esta ser uma das mais antigas Universidades do mundo, da Faculdade de Medicina do Porto, do Instituto Botânico de Coimbra e Delegações Brasileira e da Índia, esta representada pela Escola Médico-Cirúrgica de Goa.

Não deixa de ser surpreendente a versão de um historiador sobre Garcia de Orta, o autor dos Colóquios dos Simples e Drogas:

«Garcia de Orta e Cristóvão da Costa eram portugueses e médicos, ambos foram para a Índia no desempenho de funções oficiais, ao serviço da mesma causa humanitária e civilizadora. Embora em épocas diferentes, os dois médicos simbolizaram a cultura científica e literária de um povo, que era então muito grande, e cada um a seu modo realizou uma obra merecedora de carinho e respeito. Supomos que os portugueses, ainda bastante arreigados a tradição da política de silêncio, imposto por uma necessidade nacional e que havia caracterizado

---

(1) «Os Sextos Congressos de Medicina Tropical e Malária» — Homenagem ao Garcia de Orta, por João Fraga de Azevedo — *O Médico*, ano xxvii, vol. Lxxvii, n.º 1270, págs. 72-73, 1976.

(2) *Os Colóquios de Garcia de Orta no Tratado de las Drogas de Cristóvão da Costa*, Lisboa, 1963.

a era dos descobrimentos mantinham o desejo de não espalhar pelo mundo os conhecimentos adquiridos nos novos territórios. Assim a obra de Garcia de Orta foi conservada somente ao nível nacional com a agravante de ter sido pequeno o número de exemplares da edição, havendo até quem afirme que o autor limitou ao número de amigos íntimos aos quais desejava fazer a oferta».

Jacob Fugger e Charles l'Écluse ou Carlos Clusius, médico e botânico, que traduziu para latim a obra de Garcia de Orta e condensou-a, extraíndo daí só o que lhe aprouvera sob o título *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud India nascentium história*, que constituiu um êxito na Europa no dizer de Jayme Walter <sup>(1)</sup>.

Evocando o papel desempenhado pelos espanhóis na travagem do progresso e avanço dos portugueses nas Ciências Médicas no Oriente, durante o século XVII, escreve João Manuel Pacheco de Figueiredo:

«Quase nula foi a contribuição dada no século XVII para o avanço da Ciência pela Medicina Portuguesa no Oriente. Com a dominação espanhola o poderio português entrara em declínio. A Inquisição, por sua vez, estiolava as consciências e inteligências. Sabendo que médicos de valor, tanto na Índia como em Portugal, tinham sangue hebreu, fácil é de calcular as consequências funestas que adviriam desse facto».

Eram judeus Amato Lusitano, Rodrigo de Castro, Zacuto Lusitano, como eram também Garcia de Orta, Cristóvão da Costa, Jerónimo Dias, mestre Ambrósio, Rui Gonçalves e Álvaro Gomes, estes físicos categorizados da época, em Goa. Pode-se, pois aplicar a Portugal e à Índia, estas palavras candentes de Ramon y Cajal: «O Santo Officio... privou a Espanha do concurso das mentalidades mais originais e mais renovadoras» <sup>(2)</sup>. Naquela época a prisão existente na Velha Cidade de Goa era de tamanha escuridão e promiscuidade que segundo a opinião mais abalizada dos historiadores não teriam caído nela mais que poucos prisioneiros. Apenas um raio de crepúsculo solar dava entrada através de uma pequena fresta, permanecendo escuridão interior completa durante o resto do dia e noite. Só bastaria lembrar dessa prisão para não cair nas garras da Inquisição!

Zacuto Lusitano, médico e erudito, nascido em Lisboa no ano

<sup>(1)</sup> *Os Colóquios de Garcia de Orta no Tratado de las Drogas de Cristóvão da Costa*, Lisboa, 1963.

<sup>(2)</sup> «Contribuição de Portugal para a Medicina no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII», por J. M. Pacheco de Figueiredo — *Arq. da Escola Médica de Goa*, n.º 33, págs. 22, Bastorá, Goa, 1960.

de 1575, receando os rigores da Inquisição fugiu para Amsterdão, circuncisando-se aos 50 anos de idade nessa cidade holandesa. Doutorara-se aos 19 anos de idade na cidade de Sigüenza em Espanha e distinguira-se no estudo de letras humanas nas Faculdades de Filosofia e de Medicina das Universidades de Coimbra e de Sigüenza. Clinicou durante 30 anos em Portugal. Médico de extraordinário talento e historiador famoso pela erudição; observador minucioso e original, publicou *De medicorum principu história*, em 1629, considerada uma das mais antigas tentativas da História de Medicina, que se conhecem, segundo Ch. Chamston. *Praxis historiarum* (1642); *De praxis médica admiranda* (1643); *Spigelium anatomicum*, pequeno tratado de anatomia; *Pharmacopaea elegantissima*, que trata de algumas plantas medicinais do Brasil, tais como cacau e cola <sup>(1)</sup>.

João Rodrigues Amatus Lusitanus, vulgarmente conhecido por Amato Lusitano, médico, natural de Castelo Branco, cientista igualmente perseguido em Portugal, formara-se na Universidade de Salamanca, em Espanha, por razões idênticas que o poder inquisitorial lhes movia, durante o século XVI, no país onde nascera. Andou errante, saltando duma cidade para outra, dos principais países da Europa. Escreveu obras notáveis, cheias de erudição histórico-científica, que pelo espírito de curiosidade e saber atraíram atenção de muitos sábios de Medicina, críticos e historiadores, que o colocaram ao lado de Hipócrates, Galeno e Harvey. Pelo profundo saber, aliado aos dotes invulgares de inteligência, impusera-se à consideração dos maiores sábios da época, tendo sido muito admirado e considerado nas cortes, ficando a viver à mercê dos príncipes, reis e imperadores das capitais europeias.

O estudo salamantino da época, tão famoso como o de Paris, Oxford e Bolonha, levava Amato Lusitano a procurar na vizinha cidade espanhola de Salamanca, o refrego para as suas grandes aspirações e mercê aos esforços conseguira obter o título de físico-médico ou de doutor, que lhe granjeara tanta fama, principalmente nas cortes de Itália. Aqui convivera com os maiores e eminentes humanistas da época, tais como Luís Viva, Conrado Goelimo, Luís Nunes e Mestre Dionísio. Alcançou fulgores na época renascentista, lidando com sumidades de diferentes ramos do saber humano, tais como Savonarola, Hugo de Siena, Leomiceno, Brononolo, Monardo, Brasarola, e muitos outros, que se distinguiram nas ciências médicas e botânicas no século XVI,

---

(1) *Grande Enciclopédia Luso-Brasil.*, vol. xv, págs. 639-640.

sendo o mais importante entre todos eles Garcia de Orta. Em 1566, Amato Lusitano fez a descrição das sezões e da elefantíase, demonstrando assim o seu profundo conhecimento sobre a patologia tropical (1), enquanto Dimas Bosque descreveu a dracontíase (2).

Francisco Sanches, médico e filósofo lusitano, nascido em Braga no século XVI, foi considerado herético devido às suas convicções liberais; defensor da razão pura e da liberdade de pesquisa, aos 19 anos abalou de Bordéus para a Itália (1569) onde estudou medicina, dissecando cadáveres (3). Continuou a aprendizagem no Hospital de Toulouse (1573), onde mais tarde viria a ser Director dos Serviços, durante três décadas. Concluiu o seu curso de Medicina na Universidade de Mompilhèr, até então conhecida como melhor Centro dos Estudos Médicos. Era considerado como um dos melhores e mais ilustres Mestres daquela época. Manifestara-se insatisfeito em relação à «metafísica» e a «pseudociência» dos Escolásticos. Atacou a Filosofia Aristotélica, negando valor à metafísica e denunciou a ineficácia dos métodos utilizados pela Escolástica. Através das numerosas obras publicadas, tentou definir o seu próprio ideal de conhecimento. Leccionou nas Universidades de Toulouse e Mompilhèr (4), ocupando uma posição de relêvo pelas teorias defendidas, colocando-se ao lado de Descartes. Desenvolveu admiravelmente os seus pontos de vista sobre o dinamismo vitalista da sua «Teoria de Natureza» e escreveu cerca de trinta obras de grande vulto e de interesse didáctico sobre a medicina filosófica. Tentou fundar ciência firme e fácil e atacou violentamente a autoridade Aristotélica. Fixou a sua residência em Toulouse, por causa da perseguição inquisitorial e onde permaneceu até à morte, sem voltar para Portugal.

António Ribeiro Sanches também médico e filósofo formado nas Universidades de Coimbra (5) e de Salamanca; nascera em Penamacor,

---

(1) «A Medicina Tropical e a sua distribuição cosmopolita. Obscurantismo e Empirismo da Medicina Tropical», por Fraga de Azevedo — *O Médico*, vol. LXXVIII, n.º 1270, págs. 24-25, Porto, 1976.

(2) *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Goa*, n.º 33 por J. M. Pacheco de Figueiredo, Goa, 1960.

(3) *Francisco Sanches — Anos dos Centenários* — por Augusto de Rocha Brito. Coimbra Editora, Coimbra, 1940.

(4) *António Ribeiro Sanches — A sua vida e a sua Obra* por Maximiano Lemos, Porto, 1911.

(5) *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*, vols. 25-26, págs. 627 e 907 respectivamente.

aos 7-III-1699. Combateu febres intermitentes em Benavente e Salvaterra de Magos. Era dotado de inteligência excepcional e profundo espírito de observação. Culto, erudito e conhecedor perspicaz das obras de Plutarco e Montaigne; era muito versado nas obras de Hipócrates, o que lhe valeu ser considerado uma das grandes figuras europeias do seu tempo. Fugiu de Portugal com o receio da Inquisição, tendo-se matriculado na Universidade de Salamanca, onde se doutorou em Filosofia (1722). Estivera em Braga e depois em Bordéus (1661) e frequentou várias Universidades italianas, tendo estagiado no «Colégio de Sapiência», em Roma. Espírito vivo e arguto, atento e vigilante, possuía ideias originais. Discípulo de Realdo Colombo — grande anatomista italiano e professor na Universidade de Pisa — atendeu as aulas de Eustáquio e foi educado no Colégio de Guyenne de tendência mais liberal, manifestada no *Quod nihil scitur*. Fez parte do grupo de «cristãos-novos» e devido a perseguição da Inquisição movida contra a sua família, seguiu para Génova e daí para Inglaterra, onde assistiu durante 2 anos às lições de Douglas e durante 3 anos frequentou a Universidade de Leyde, considerada a mais prestigiosa do seu tempo. Percorreu Sul da França e frequentou também a Universidade de Mompilhèr, então de grande fama por toda a Europa. Formado no centro de independência científica e de liberdade da expressão do pensamento humano, ganhou a admiração do sábio Boerhaave que lhe quis conferir o grau de Doutor. Leccionou nas Universidades de S. Petersburgo e viveu em permanente terror, percorrendo de lés-a-lés Espanha, França, Alemanha, Itália, Polónia, Inglaterra, Turquia e Rússia (1731-1747). Foi médico das cortes imperiais dos Czares e clínico particular das Imperatrizes russas. Grande impulsor da Intercultura, transmitia os seus conhecimentos a principais Centros de Investigações Científicas de toda a Europa. Colaborou na Reforma Pombalina (1763) e indevidamente incriminado pelo marechal Munich, fora condenado a decapitação e mais tarde desterrado para a Sibéria. Quando quis fugir de S. Petersburgo não o deixaram sair. Através da sua cultura e dos conhecimentos científicos exerceu grande influência sobre os principais Centros científico-culturais da época, chegando a ser eleito sócio-correspondente da Academia das Ciências de Paris, onde mais tarde se refugiara. Foi considerado um dos mais distintos Membros da Academia Imperial de S. Petersburgo e o primeiro a conhecer o uso e as propriedades de flores-de-zinco; a aplicação em fricções da tintura de cantáridas e as raízes-de-columbo e a tratar sífilis com o sublimado corrosivo. Em toda a parte por onde passou, colheu informações científicas

que comunicava com assiduidade a inúmeros Centros Universitários da Europa, tendo contribuído desse modo, para o desenvolvimento de Medicina filosófica no século XVIII. Fôra fundador do antigo Colégio dos Nobres e estudou «febres dos Hospitais» ou das «prisões» que tempos depois seriam referidas por Huxham e Fringle, ambos discípulos de Boerhaave. Escreveu várias obras científico-culturais; entre as quais se destacam a «História Natural» e o «Tratado da Conservação da Saúde dos Povos», «Pensamentos acerca do Governo das Universidades de Medicina e dos Médicos», «Discursos sobre a América Portuguesa». Foi o primeiro defensor das teorias Boerhaavianas e Hipocráticas, tendo deixado vasta obra espalhada em 27 volumes, uma das quais traduzida em italiano pelo seu irmão Marcelo Sanches, médico, que se refugiara para a Sicília devido a perseguição da Inquisição. Fixou-se em Paris, onde faleceu aos 84 anos, tendo feito o seu elogio, na Academia das Ciências de Paris, por um dos mais notáveis membros dessa agremiação cultural.

Estas figuras de Medicina Portuguesa dos séculos passados constituem indubitavelmente o legítimo orgulho do espírito universalista dos portugueses, sem se contar com o rosário de horas amargas que eles passaram, longe da terra onde nasceram, sofrendo perseguição e isolamento por parte dos seus compatriotas. Todos eles, com o seu indiscutível talento, souberam honrar as Ciências Médicas Portuguesas, e como tal figuram no quadro de honra das Universidades metropolitanas. Os seus nomes ficam próximo dos maiores sábios de Antiguidade, tais como Hipócrates, Galeno, Vesálio, Susuruta, Charaka, Harvey, Bichat e outros.

A propósito desses médicos escreveu Ricardo Jorge, salientando a contribuição que os mesmos trouxeram para o desenvolvimento da Medicina Portuguesa na época renascentista, perante uma assembleia, durante o «Congresso Internacional da História de Medicina», em Londres:

«Alfobres de médicos judeus, então considerados como os mais experimentados de Hipócrates, Portugal despachou pela Europa fora nos séculos XVI e XVII professores de medicina para as mais reputadas universidades do continente, para a própria Itália no auge da Renascença, e médicos cubiculários para as cortes estrangeiras. Era assim Rui Lopes na corte inglesa, ascendia a câmara régia depois de ter sido clínico de Robert Dudley, conde de Leicester. Esse médico, tempos depois, considerado como traidor, foi vendido a Filipe de Espanha sob a infame acusação de que teria prometido envenenar a rainha. Preso e submetido as torturas violentas, confiscaram-lhe os bens e dependuraram-no na forca, em nada lhe valendo as palavras tão enco-

miásticas, pronunciadas em seu favor pelo fisiologista William Harvey, que o considerava o mais sábio médico do «St. Bartholomeu's Hospital». Acrescenta Ricardo Jorge a este triste fadário que «Pior que a morte foi ainda o ter sido tomado como tema de peças dramáticas», constituindo uma página «sinistra e trágica para o martirologio profissional».

Cita também ao Dr. Fernão Mendes, que se notabilizara pelo facto de ter apresentado e divulgado uma fórmula sua, nas cortes inglesas, o uso de quina no chá contra o sezonismo; método que tanto seduziu D. Catarina de Bragança, casada com D. Carlos II, de quem ele era médico em Hampton Court, a ponto de, pela referida mezinha, valer-lhe o título de «Fellow of the Royal College of Physicians». Jacob de Castro Sarmiento, outro médico português, que no século XVIII residiu em Londres e onde alcançou grande «renome e honrarias». João Jacinto de Magalhães, médico e matemático, conhecido por Abbé Magellen, foi técnico exímio e especializado no fabrico de instrumentos e que trabalhou com Priestley e Crowford. António de Almeida, enviado por D. Maria I, para fazer o tirocinato em Londres, conquistou o título de «Fellow of the Royal College of Surgeons».

Na brilhante biografia que escreveu sobre Amato Lusitano, considerada sua «obra máxima» por Egas Moniz, Ricardo Jorge, através da vida tão bem comentada, evocando a obra genial daquele sábio, que juntamente com Garcia de Orta e Zacuto Lusitano, marca uma época fulgurante do pensamento médico-científico dos lusos. Diz, referindo-se ao seu biografado «desde que, vai para quatro séculos, se inscreveu nas laudas de medicina universal», colocando-o entre Vesálio e Harvey na citação de Baboullène. E Egas Moniz classifica esse trabalho de Ricardo Jorge como «obra salutar, perfeita na estrutura, forma e historiografia», acrescentando mais que «deixa a sua leitura a consoladora associação de dois grandes portugueses: o biografado e o biógrafo». Parece que não cometeríamos erro grave, se aos dois acrescentássemos o nome de Egas Moniz, «numa íntima comunhão do ideal e bem da humanidade», como este próprio escreveu a respeito do Mestre Ricardo Jorge.

Também não faltam os comentários no estrangeiro: Max Neuburger considera as «obras casuísticas de Amato com as de Luís Mercado e Zacuto, merecedoras de caloroso reconhecimento» — *Warme Anerkennung* — e na série de experimentadores que desentranharam a anatomia e fisiologia arteriovenosa, estampa o nome de Amato ao lado de Sylvio, Vesálio, Cannani, Sarpi e Fabricio d'Acquapendente. Mencionemos a sua célebre obra *Centúrias* na qual vem expresso o seu

juramento, que em nada fora inferior ao do Hipócrates, no dizer de Augusto Rocha Brito, antigo lente Catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Egas Moniz não podendo mais alargar-se na «apreciação do labor das investigações científico-históricas a que Ricardo Jorge «dera farta bibliografia», afirma que as «referências a Zacuto e a Ribeiro Sanches são dignas da sua pena» e «sobre Amato Lusitano nada mais há a dizer, depois do que ele escreveu: «obra perfeita ousamos recomendá-la aos novos e aos velhos que ainda não experimentaram o regalo espiritual de a ler». Além desta mais perfeita obra do Mestre Ricardo Jorge, muitos outros biografaram e falaram da vida atribulada e científico-histórica de Amatus Lusitanus, destacando-se entre outras mais duas biografias escritas, respectivamente por um alemão Max Salmon e outra por português Maximiano Lemos <sup>(1)</sup>. Como anatomista de mérito, Amato descreveu pela primeira vez a válvula de azygos e iniciou a terapêutica dos apertos uretrais. Escreveu *Centúrias*, que, com os *Comentários* constitui a obra máxima do médico lusitano, no dizer de Ricardo Jorge, nos quais o autor descreve admiravelmente, caricaturando as «paisagens humanas, movediças e variegadas» das grandezas e misérias «individuais e colectivas». Mestre Egas Moniz, ao descrever os seus personagens, considera-os dele autênticos ídolos de admiração, porque, na realidade, todos três eram homens de inteligência superior, como tal sentiam-se atraídos uns pelos outros. Ricardo Jorge, mestre higienista, escritor fulgurante, dotado de qualidades excepcionais; trabalhador incansável, voluntarioso e desde a sua infância era possuidor duma ânsia de saber insaciável. Concluíra o curso de Medicina muito novo: aos 21 anos (nascera aos 9 de Maio de 1858, no Porto), tendo obtido prémios e *acceçits* em todas as cadeiras. Fora camarada de Plácido da Costa e de João Gregório de Korth, que eram seus rivais no curso de Medicina. Defendeu a tese: «Um ensaio sobre nervosismo» e para os efeitos de concurso apresentou o trabalho sobre as «Localizações

---

(1) Professor da Cadeira de História de Medicina, Filosofia Médica e Ética Profissional; director da Faculdade de Medicina do Porto (1918-1922) e vice-reitor da Universidade do Porto (1921). Além de importantes obras de grande vulto e de incalculável valor histórico-bibliográfico (134 trabalhos) destacam-se as que ele escreveu sobre a História de Medicina em Portugal (1899). «A Medicina em Portugal até aos fins do século XVIII (1881). Estudos sobre os médicos judeus portugueses em especial sobre Amato Lusitano, Zacuto e Ribeiro Sanches. *Arquivos de História de Medicina Portuguesa* vol. xx (1887-1923). Consulte Médicos portugueses (1925) de A. Saavedra e H. Monteiro.

motrizes do cérebro», em 1880. Entrara como cirurgião na carreira docente e saíra como o maior higienista português de todos os tempos. Tinha uma figura de verdadeiro sábio, com testa larga, ocupando quase  $\frac{2}{5}$  da cabeça coberta de cabelo grisalho e um pouco desalinhado. Possuía um olhar profundo, vivo e penetrante, que parecia irradiar luz através dos óculos com armação fina e simples, de aro metálico, pousando sobre a raiz de um nariz aquilino, cuja ponta ultrapassava os seus hirtos e entezados bigodes, contornando o lábio superior e confundindo-se com as barbas brancas, que lhe cobriam o queixo e mandíbula inferior, continuando até às extremidades inferiores das duas orelhas muito direitas. Contrastando com a cor branca da pêra, sobressaíam espessas e negras sobrancelhas. Uma gravata um pouco mal adaptada ao seu colarinho engomado, talvez para ganhar mais folego para as batalhas que congeminava no seu irrequieto espírito, com um pequeno sorriso oculto e quase irónico a bailar nos lábios, que juntamente com o olhar profundo e penetrante, como o de Pasteur, dava-lhe um ar de verdadeiro sábio do século em que viveu (1).

À semelhança do Mestre Ricardo Jorge, Egas Moniz, através daquilo que este escreveu nos seus trabalhos científicos, deixava transparecer que era homem corajoso e audaz, para o que basta citar apenas uma passagem do seu trabalho sobre o *Ensaio do Tratamento cirúrgico de certas psicoses*, publicado em 1926, no qual é bem patente a subjectividade na dicção e objectividade na demonstração prática, daquilo que na realidade intrinsecamente o era:

«Les notions pathologiques paraître excessivement osées: nous espérons et cependant que les résultats déjà obtenus nous absoudrent de notre audace du reste ces tentatives opératoires ne sont qu'apparemment osées». On sait cependant qu'on peut couper un de ces lobes sans consequences fâcheuses pour la vie physique de l'opéré».

E nas biografias que escreveu sobre outros personagens leva-nos a supor que fora um homem bastante audacioso e dotado de forte carácter, impulsionado por uma força de vontade interior inquebrantável e tempestuosa, capaz de dizer não deante das adversidades, que lhe surgiam no caminho de investigação científica. A passividade devia

---

(1) Vide retrato no trabalho *Ricardo Jorge* por Egas Moniz, Lisboa, vol. xvi, 1939.

causar-lhe tédio e a temeridade um desprezo. Escudava-se com coragem na defesa dos seus iguais, argumentando-se com dados exactos, que pareciam não caber fora da razão. No entanto, activamente passivo, era um Homem que sabia guardar silêncio para ganhar tempo. Nunca se exteriorizava facilmente em manifestações de ostentação popular para conquistar adeptos em apoio das suas convicções pessoais. O calor que por dentro lhe aquecia o entusiasmo, tinha a vastidão das planícies das terras ribeirinhas, sulcadas de canais, por onde sobem e descem, com as impetuosidades das marés, as águas do Oceano Atlântico.

Perante as adversidades, como poucos, era um homem que sabia estar à altura das suas forças morais, impregnadas duma ética profissional correcta e irreprimível e de capacidades potenciais inesgotáveis, revelando-se possuidor duma inteligência lúcida e fora da série com que fora dotado pelo Criador.

Na descrição dos seus trabalhos científicos, quase todos originais, revela-se com raciocínio brilhante, quando se desenrola em autocrítica, ao fazer congeminações hipotéticas, justas e aceitáveis; levanta questões para as quais ele próprio procura dar explicações, baseadas em princípios fisiopatológicos, antes que a dúvida metódica de Descartes ou maldosa de Maquiavel chegasse a congeminar no espírito alheio. Em suma: com inteligência de génio e a prudência dum sábio, de antemão sabia vencer os obstáculos que lhe podiam surgir no futuro.

Egas Moniz não se acobardara para estar ao lado da razão, mesmo perante as ameaças sociais de tuba canora, a cujas exigências, nem sempre justas, tantas e tantas vezes se acomodam facilmente espíritos fracos, esticando-se ou retraindo-se com a flexibilidade de borracha, para não perderem a «harmonia», quando lhes falta a coragem moral ou negociam o dever pelas aparentes pseudo-amizades criadas em momentos oportunos. Ele sabia muito bem escutar a voz da sua consciência mais do que a opinião infundada de domadores da louca plateia desvairada, que facilmente sabe tomar decisões inoportunas e até nos momentos críticos, as mais injustas e inexactas. Nesse particular, Egas Moniz manifestou-se sempre ao lado do colega mais forte e sábio — o Mestre Ricardo Jorge — no parlamento, quando a campanha antipestífera da «vox populi» dos nortenhos, seus compatriotas, contra o diagnóstico precoce da peste bubónica, feito por Ricardo Jorge, ultrapassando todas as barreiras de boa compreensão, da moralidade e duma serena análise, transportou decididamente a questão para o campo político, ganhando foros de notícia cotidiana na imprensa e pondo em perigo

a vida do grande sábio, que tempos depois viria a ser considerado pelo país como o maior higienista português de todos os tempos!

Quando os ódios congeminados pelas ideias preconcebidas sobrelevam a própria luz da razão, qualquer indivíduo perde facilmente o sentido da vida e então só tem dois caminhos, sem outras alternativas, a seguir: continuar a lutar até onde permitirem chegar as suas forças, ou desistir da luta inglória e mudar de rumo, encaminhando-se por outras veredas. Ricardo Jorge tinha o seu carácter moldado com duros golpes de martelo na bigorna do ferreiro. Não devia ter faltado quem, pelo seu génio impulsivo até o tivesse chamado impostor, revolucionário, ditador, anarquista, representando perigo para a sociedade por causa da sua paternal ancestralidade, esquecendo-se que a riqueza intelectual não se compra nem com moedas de ouro! Mestre Ricardo Jorge, pela origem e ascendência que tinha, não pôde continuar a luta quase sozinho no campo da batalha, mesmo que estivesse fortemente convicto da sua razão, assente na certeza do diagnóstico da peste bubónica, por ele tão precocemente feito e até confirmado pelos mais destacados e sábios bacteriologistas portugueses do seu tempo.

Essa descoberta histórica mergulhou-o num poço de inquietação e de desasossego a ponto de ter um desabafo tão triste e melancólico:

— «é ele quem afirma» segundo Egas Moniz:

«— teve a desgraçada honra de ser descobridor da epidemia de peste no Porto em 1899, desgraçada pelos desgostos e injustiças sofridas», mas considera-a «digna do seu nome por ter sido precocemente diagnosticada e, conseqüentemente rapidamente julgada».

Na representação pública do seu personagem que como bolseiro andara, enquanto aprendiz, pelas clínicas de Estrasburgo (1883) e Paris, frequentando as aulas do grande Charcot, na Salpêtrière, onde se familiarizara Ricardo Jorge com doenças nervosas, Mestre Egas Moniz não perde a graça nem oportunidade de focar as mais salientes características do seu biografado, quando este, por sua vez, dum forma igualmente genial, tenta pintar com a sua arte, o quadro, que ele vivera como aluno e Mestre na Escola francesa, explicitando-o de seguinte modo:

«Na Salpêtrière, Charcot, em vez de teatro acústico, criara um teatro visual graças a Gambetta, com bastidores e projecções eléctricas, onde desfilavam as procissões dos doentes, amestrados já

para a exibição pública. Contra-regra de primeira ordem, afivelava a imponente careta napoleónica e chegava a roçar pela cabotinagem dum Tartarin de Hospital quando celebrava sessões de acrobacia de histéricas, onde acorria o Paris mundano dos salões e dos palcos com as fedúncias mais espaventosas e flatulentas da grande roda. Mas o Mestre era grande, pertencia à raça dos clínicos geniais; tinha o génio da observação e de descobrimento; à força de paciência e de exame, arrancava do caos da patologia nervosa espécies novas, soberbamente traçadas. E todos os recursos de investigação auxiliares, todos os meios laboratoriais e técnicos, todos sem excepção, os agregava em torno, num esforço único de associação didáctica. JACCOUD não passava dum eco passivo e subalterno do meio alemão; CHARCOT era um seguidor activo e independente do poderoso método germânico».

Este quadro pitoresco do mais famoso clínico parisiense da época, pintado em tela cheia de frescura e beleza crítica pelo génio de Ricardo Jorge e que não nos foi alheio aos ouvidos, quando um dia Professor Vaz Serra, numa aula de Clínica Médica, revelou-nos com certa graciosidade, os espalhafatos do célebre Neurologista Charcot, merecera ao Mestre Egas Moniz um maravilhoso comentário, onde a manifestação da cultura educativa do Professor ultrapassa toda a imaginação humana. É a única superioridade dos génios verdadeiros ou autênticos como se pode ver ao ler o seu aparentemente tão desconcertante comentário, ao antecitado do quadro descrito:

«Nesta apreciação feita, passadas algumas décadas, sobre a visão do genial médico francês, divisa-se ainda a paixão pela especialidade que dava então os seus primeiros passos, e os interesses que estes assuntos lhe mereciam» (ao Ricardo Jorge).

Professor Egas Moniz conheceu como poucos e utilizou como ninguém melhor o património da tradição cultural universitária, inigualável na forma, graça e frescura, onde o timbre da sua voz interior soa muito mais alto do que a fogosidade dos nortenhos contra Ricardo Jorge. Ao pôr os problemas sociais ou ao interpretar fenómenos fisiopatológicos e emitir opiniões pessoais, manifesta-se um observador genial, dotado de um extraordinário talento que sabia dar-lhes resposta adequada em silêncio, sem atraiçoar a memória dos seus personagens nem

ferir a sensibilidade do leitor ou ouvinte. Tinha um culto especial pelo Dom de Camaradagem, que não atraía nem depois da morte!

Mestre Ricardo Jorge, tão descontente do Bem que tinha praticado contra o mal da «peste», mostrou-se impotente perante a ameaça da população por falta de medidas higiénicas adequadas, a que mais tarde teriam dado largas os seus tão apreciados relatórios nos certames internacionais, quando em 1912 foi delegado do governo português junto do «Office International d'Hygiene» e seguidamente membro do «Comité d'Hygiene de la Société des Nations». Chegou a ser presidente do «Office International d'Hygiène» (1937), tendo merecido a admiração de um dos seus pares de trabalho, Sir Jorge Buchanan, representante da Grã-Bretanha, traduzida nas seguintes palavras: «It was sure to do well with such strong attendance of those who have given the Committee of the Office the high authority which it has come to possess in recent years».

Perante a onda de protestos contra o diagnóstico, que a população temia mais o tratamento, que se devia primar na altura por falta de medicamento apropriado, como acontecia na Índia em relação às epidemias de cólera, varíola e desenterias, em nada valeram ao Mestre Ricardo Jorge os depoimentos doutros sábios portugueses, na confirmação do seu diagnóstico, nem tão-pouco a acérrima defesa que o Mestre Egas Moniz fazia a seu favor no parlamento, antes ou depois da abalizada opinião dos Cientistas estrangeiros.

Ricardo Jorge ameaçado de morte, apupado e repellido, teve de sair do Porto. Entretanto mais três médicos tinham sido contagiados pela peste bubónica: Carlos França, Balbino Rego e Câmara Pestana que confirmara o diagnóstico. Este ilustre bacteriologista, considerado um dos mais célebres do seu tempo, acabou por morrer. Foi mártir da ciência ao sucumbir-se no seu posto de honra profissional em prol da Humanidade! No entanto uma Comissão de epidemiologistas estrangeiros, entre os quais figuravam o espanhol Ferran, o francês Calmette, o alemão Kossel, o italiano Stagnitta, o norueguês Aaser, o russo Hoepfener, o norte-americano Fairfax-Irwin, tendo tomado parte, como vogal do governo português, neste Comité Internacional, o Professor Daniel de Matos, «confirmaram totalmente e integralmente tudo o que em matéria de diagnóstico e prognóstico fora aventado pelo seu descobridor», tendo morrido ao todo 112 pessoas das 320 afectadas. Não obstante o perigo que correu devido ao seu diagnóstico precoce sobre Peste bubónica, que, além de tão elevado número de pessoas, vitimou o sábio bacteriologista português Câmara Pestana. As medidas

higiénicas tomadas e o efeito moral resultante do diagnóstico de tal modo tinham excitado a população portuense, que se sentia incomodada e só se conformou perante a opinião das equipas dos epidemiologistas estrangeiros!

Professor Egas Moniz, que viveu a era pestífera dominada pelo bacilo de Yersin, que vitimara por inoculação Câmara Pestana a quem «a aureola do martírio enfileira entre os mais eminentes bacteriologistas da sua época», lamentando a triste sorte do desafortunado discípulo e Mestre, presta-lhe a sua homenagem, repassada de profundo pesar, sem se esquecer do Professor Belo de Moraes a quem trata por «grande Mestre da Faculdade de Medicina de Lisboa», sublinhando os seus «bons cuidados clínicos» e as páginas imorredoiras «que este arquivou no relato das últimas horas da existência do homem da ciência», chamando a Câmara Pestana «um dos grandes da sua época».

Por outro lado, sente-se vencido pela irritação que o procedimento dos oposicionistas portuenses lhe causou, mais por teimosia do que pela ignorância do facto de diagnóstico precocemente feito por Ricardo Jorge e não obstante o ter sido confirmado pela magistral competência de CÂMARA PESTANA, nem a decisão da Sociedade de Medicina e Cirurgia conseguiu deter o ímpeto dos portuenses revoltosos. Mestre Egas Moniz perante tal atitude não pôde conter a sua indignação e com uma arte genial tentou caricaturar as casmurrices dos adversários declarados do Mestre Ricardo Jorge, dizendo... «e como ninguém é profeta na sua terra», apelou-se para os sábios de outros países, que «viriam salvar a cidade das garras duns inconscientes que, feitos gansos do Capitólio, deram a voz de alarme da epidemia pestilencial mal que ela despontou a ameaçar-nos». Não podendo conter a indignação transbordou o limite da sua paciência de sábio em palavras de oportunas admoestações, que para futuro fossem tomadas como boas lições.

Ricardo Jorge alcançaria o máximo prestígio internacional como epidemiologista e o Estado reconhecendo-lhe competência, confiou-lhe a direcção da Inspeção-Geral de Saúde Pública, ao mesmo tempo que a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa cedia-lhe a regência da cadeira de Higiene com plena anuência do Professor Belo de Moraes. Quando o pai é Porto e Coimbra é madrastra, Lisboa sabe acolher no seu regaço de madrinha, com paternal afecto, os filhos pródigos gerados com tanto amor no ventre da mãe-pátria! O que a terra paterna lhe negou e a madrastra não lhe ofereceu, foi-lhe cedido honrosamente pela Universidade de Lisboa! Aqui Mestre Ricardo Jorge permaneceu até a morte, cercado de amigos e coberto de glórias e louvores. Espírito irrequieto com a sua acti-

vidade constante no Conselho Superior da Higiene, não dormia com olhos abertos perante os obstáculos que se iam acumulando à volta da sua acção em todos os campos da vida nacional. «Vaidades feridas, interesses criados atingidos, influências políticas de ocasião, invejas, perfídias, calúnias, tudo ia tecendo uma rede de peias a envolver a sua inteligência, o seu saber, a sua actividade indomável. O seu feito combativo, era porém, avesso à renúncia quando sabia estar no bom campo e levando a violência da linguagem em escritos que ficaram como modelo da linguagem portuguesa».

Mestre Ricardo Jorge era temido pelos fracos de espírito, respeitado pelos seus iguais e admirado pelos justos, por isso raras vezes era atacado de frente pelos seus adversários. Tãmanha foi a sua actividade, não obstante ter atingido os oitenta anos, que na verdade o «silêncio devia representar um inferno para o seu agitado espírito», enquanto esteve vivo. Referindo-se à sua constante actividade, disse dele Mestre Moniz: «No campo literário e artístico, no domínio da história e de Patologia, nas polémicas em que a sua pena floreteava como arma acerrada sempre pronta a ferir o adversário era Ricardo Jorge mais conhecido daqueles que o liam nos jornais. O homem de ciência era sobretudo apreciado por estranhos e pelos poucos que o conheciam e ocultamente o acompanhavam na sua marcha triunfal. O espírito claro e arguto, irrequieto e audacioso, profundo e penetrante, elegante na forma e mordaz na crítica, deixa um rasto perdurável no meio intelectual português»; disse dele Professor Egas Moniz, acrescentando mais: «Ricardo Jorge foi um trabalhador incansável, interessando-se pela investigação científica, histórica e literária, não se sabendo em que foi mais notável, se nos domínios da higiene, onde venceu a sua personalidade nos sínédrios internacionais, se nos domínios da literatura, onde deixa um nome consagrado e insubstituível».

Professor Egas Moniz, pelo affecto que tinha pelos seus pares da Universidade e também por outras pessoas de talento, expandia-se em exuberante alegria perante a felicidade dos seus amigos e entristecia com o mal-estar dos mesmos. Vivia de igual modo tanto a felicidade como a desventura dos seus talentosos amigos. Perante as horas de adversidades que ameaçavam de morte a Ricardo Jorge, sem pensar nas consequências, acode pressuroso em defesa do seu Amigo. Ao falar daquela maneira de um Colega, que para os leigos não deixaria de causar espanto, porque as inteligências nem sempre se casam no mesmo ambiente circumstancial duma determinada actividade profissional. Mas quando a admiração mútua se ultrapassa, o Amor sobrepe a inveja;

fala sempre mais alto o coração dos verdadeiros Amigos e Sábios; razão porque diz Egas Moniz, com certo espírito de justiça social, apontando a falta de civismo na apreciação do trabalho alheio ao afirmar que «em Portugal poucos conhecem e outros fingem desconhecer a notável e incansável actividade que desenvolveu nos meios internacionais, onde fez brilhar o nome de Portugal, fora de exteriorizações e exhibições a que foi sempre avesso» Ricardo Jorge. É o destino dos que nascem ricos de inteligência, mas economicamente débeis!...

Numa lamentação eivada de um desejo que sempre brota nos corações de amantes, que se admiram mutuamente, sublinha Egas Moniz:

«A ciência a que Ricardo Jorge deu tanto fulgor não conseguiu ao menos demorá-lo mais tempo na actividade sempre útil a que se entregava, numa juventude psíquica que se mantinha com o brilho de sempre, e que nem o desgaste dos anos nem as contrariedades de vida conseguiram diminuir».

Na realidade quem tenha lido as obras do Mestre Ricardo Jorge, espalhadas em algumas monografias e as suas biografias, não deixará de fazer justiça ao nobelista Egas Moniz, que não obstante ter pleno conhecimento de o seu par da Faculdade de Medicina, Professor Eduardo Coelho, ter-se oferecido a compilar toda a obra deixada por Mestre Ricardo Jorge, não ganhou a tranquilidade do espírito, sem que lhe prestasse a sua grande homenagem, consubstancializada num esboço biográfico, manifestando assim a sua maior admiração ao génio e benfeitor da Humanidade, que fora o sanitarista Ricardo Jorge. Entre numerosíssimos trabalhos científicos, através dos quais este se exteriorizou como cientista e higienista do primeiro plano no conceito internacional, destacam-se os órgãos de informação médica que focou: *Revista Científica*, *Anuário dos Serviços Municipais de Saúde e Higiene*, *Boletim Mensal de Estatística Sanitária do Porto*, *Arquivos do Instituto Central de Higiene*, *Movimento Fisiológico da População*; tendo colaborado activamente no *Boletim dos Serviços Sanitários do Reino*, cujo primeiro número foi dedicado ao seu «Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública», *Anuário dos Progressos da Medicina em Portugal* dirigido pelo Prof. Maximiano Lemos. Em 1881, numa oração de sapiência pugnou pelos interesses legítimos da sua Escola e pela urgente Reforma do Ensino Médico em Portugal. Fez conferências sobre a «Hidroterapia Metódica», «Higiene em Portugal», «Higiene Social à Nação Portuguesa». O «Saneamento do Porto», «Demographia e Higiene da Cidade do Porto». Possuidor duma preparação humanis-

tica, filosófica, histórica, literária e cultural, servida por uma inteligência fulgurante e memória prodigiosa, Mestre Ricardo Jorge deixou de facto obra de valor, que influiu imenso na transformação social e sanitária dos portugueses e dos outros povos.

Manifestou-se como polígrafo, tendo deixado uma vastíssima bibliografia, em mais de 250 trabalhos, versando temas de Higiene, Epidemiologia, História de Medicina Legal, Neurologia, Pedagogia, Biologia, Crenoterápia, Estatística, Deontologia, Climatologia, Electricidade médica, Clínica, Assistência, Legislação Sanitária, Análise Química, Ciências várias, Língua e Cultura portuguesa, polémica e vulgarização. Atacou violentamente a Faculdade de Medicina de Coimbra, que deu origem a uma viva polémica, tendo por opositores na contenda, Augusto Rocha e Costa Simões, ambos lentes distintos da mesma Faculdade. Ricardo Jorge iniciara um curso especial sobre a Anatomia dos Centros Nervosos, depois de ter frequentado em Estrasburgo os Laboratórios de Recklinghausen e Waldeyer, tendo montado o primeiro laboratório de microscopia e de Fisiologia no Porto. Em 1884 a propósito das medidas a opor contra a epidemia de cólera, que grassava em Espanha, manifestou-se como Higienista e Sanitarista de renome internacional e de quem disse Egas Moniz: «Alma grande, não gizava a sua conduta à mercê das apóstrofes e violências com que pretenderam atingi-lo, pelo facto de ter pretendido alertar a população contra a ameaça da peste bubónica».

E ao falar dos seus personagens, Egas Moniz fá-lo com rectidão e benevolente justiça. Usa uma linguagem límpida e clara, onde não há lugar para dúvidas nem equívocos; com um estilo opulento e frondoso descreve os cenários dos ambientes políticos do passado, tentando restituir-lhes uma sequência perfeita e inteligente, ao fazer as articulações dos acontecimentos, sem deixar cicatrizes dos ferimentos, que podiam causar mágoa nos outros, ao ouvir as suas admiráveis opiniões. Quando as pessoas obsecadas por ideias preconcebidas, perdem a luz da razão e permanecem firmes nas suas obstinações, couraçadas de absurdos argumentos, ofendendo a própria cultura, Professor Egas Moniz mostra-se um pouco menos tolerante e tenta castigar os defensores acérrimos das casmurrices, chamando aos adversários da opinião do Professor Ricardo Jorge, «gansos do Capitólio», procurando desse modo exaltar e com justo motivo, a figura do visado Mestre Sábio, ao dizer que as missões estrangeiras «confirmaram totalmente, integralmente, tudo o que em matéria de diagnóstico e prognóstico fora aventado pelo seu descobridor».

Professor Egas Moniz, numa das mais belas páginas de literatura portuguesa descreve com primorosa vivacidade o «back-ground» político que esteve por trás do diagnóstico tão combatido sem qualquer razão de peso, como se pode ver nesta passagem do texto:

«Apesar de tudo, a campanha na imprensa seguiu cada vez mais violenta, mais desorientada, acicatada por medidas especiais que se tomaram, algumas pouco úteis em que Ricardo Jorge nem sempre interveio. Depois entrou a política em cena: a grande deformadora dos factos que, só mais tarde, à luz serena da história, podem ser devidamente apreciados. Os republicanos tomaram a cabeça do movimento e foi-lhes útil a campanha, pois, a breve trecho, conseguiram eleger três deputados pelo Porto: AFONSO COSTA, PAULO FALCÃO e XAVIER ESTEVES, que ingressaram no Parlamento de 1900, em que também teve assento, pela primeira vez, o autor destas linhas. Ocupava o poder o chefe do partido progressista JOSÉ LUCIANO DE CASTRO. A campanha dos jornais passou para a liça parlamentar. Dum lado os republicanos e regeneradores, atacando vivamente a política sanitária do governo; do outro a maioria progressista, em que me alistava. O combate foi feroz. Os deputados republicanos com AFONSO COSTA à frente, apoiado cá fora pela vigorosa campanha da imprensa oposicionista e pelos jornais do Porto de todos os matizes partidários que, mais ou menos abertamente, se colocaram em oposição, lutaram com denodo e com talento. A oposição monárquica fez coro mais ou menos unísono com eles. Na questão fiz a minha estreia parlamentar, defendendo a política do governo que ao tempo já tinha colocado RICARDO JORGE à frente da Direcção-Geral da Saúde Pública. Como isso vai distante! Um espesso nevoeiro de esquecimento de factos e de homens, separa-me desse passado remoto. Não me seria hoje fácil revivê-lo em pormenor. Nesses combates acesos e acerrados sobressaiu a figura do cientista ilustre que fizera a descoberta da invasão pestífera do Porto. Podia discutir-se um ou outro ponto das decisões governamentais e nesse campo não foi inteiramente estéril o debate; mas sobre o diagnóstico da doença ninguém a sério pôde abrir brecha. Estava certo».

Da profunda análise desse texto infere-se que Prof. Egas Moniz era também apaixonado pela política, mas não partidária. Numa transparência de vidro, sem molduras de hipocrisia, cita os factos vividos no passado. Recorda-os com prazenteira saudade e sem quaisquer ressaibos de ódio ou reserva, faz a devida justiça aos seus adversários aguerridos, dizendo que «lutaram com denodo e com talento». Mostra-se delirantemente alegre com a vitória do Mestre Ricardo Jorge, quando

escreve que «naqueles combates acesos e acerrados sobressaiu a figura do cientista ilustre que fizera descoberta da invasão pestífera do Porto». Quando diz que «o combate foi feroz», procura realçar o valor intelectual do seu par Ricardo Jorge, porque «la victoire sans peril c'est triomphe sans gloire», diria Vitor Hugo.

Ao abordar uma época durante a qual ele também foi um dos protagonistas da cena política, em que se debateram denodadamente, dum lado os progressistas e doutro lado os republicanos e regeneradores de mãos dadas com os monárquicos, mesmo que o Professor Egas Moniz, ao espriar-se em romagem de saudades, se mostre amnésico por excesso da sua inteligente e sábia modéstia, descreve os acontecimentos passados numa coordenação muito bem encadeada, sem produzir hiatos históricos. Faz realçar pelo poder evocativo e da erudição a investigação científico-histórica e artístico-filosófica dos Mestres. Com ternura do seu ferido carácter pelas incompreensões alheias, canta-os com acrisolado amor; olha-os com simpatia; toca-os com paternal afecto; acarinha-os com desvelada doçura e defende-os com fervorosa paixão de real Amizade, revivendo intensamente as saudades dos tempos idos. Como artista de raro talento pinta os quadros realistas duma época em que, ele, ao lado do seu grande Amigo e Mestre, empunhou uma espada de razão e da verdade em defesa do mais certo. Quando narra os factos dá-lhe cor e poesia, evocando as figuras e retratando personagens. Pincela as paisagens numa apoteótica saudação académica. Pela sua obra científico-literária, que se afigura bastante válida, através dela deixa muito bem transparecer as superiores qualidades do seu espírito de génio e da nobreza do carácter.

Até nas afirmações que faz em defesa de Ricardo Jorge, procede sempre com imparcialidade, com rigor da justiça e de frente alevantada defende os Direitos do Homem, sem menosprezar os da própria cidade do Porto, ao afirmar:

«Se Ricardo Jorge nem sempre foi estimado pelos portuenses, ele é que nunca esqueceu a sua cidade natal, que era para ele «a sua pátria querida» acrescentando que «pelo seu aspecto histórico, elevava-a às maiores culminâncias».

Professor Egas Moniz, como o seu biografado Mestre Ricardo Jorge, foi um autêntico humanista na verdadeira acepção da palavra, sabendo dar a César o que é de César, quando presta testemunho à veracidade em relação ao diagnóstico da febre de Malta, pela primeira vez des-

coberta em Portugal por Carlos Tavares. Diz ele, referindo-se a este distinto clínico:

«Alma branca, de elite, dentro da epiderme escura que o cobria. Ricardo Jorge refere-se aos primeiros casos da doença observados em Portugal por Carlos Tavares, antes que em Espanha e França se tivesse diagnosticado a enfermidade».

Que grande lição de Deontologia! Onde estarão todos os Mestres do seu carácter e da têmpera!? Como não seriam diferentes as Universidades de todo o Mundo!?!...

Mestre Egas Moniz, ao referir-se às vitórias e aos retumbantes sucessos dos seus entes preferidos, vibra com certa ressonância, manifestando grande alegria como quem toma parte num banquete dos mais nobres convidados. Assim, quando Mestre Ricardo Jorge, seu amigo predilecto, é nomeado delegado do Governo português junto do «Office International d'Hygiene», escreve ele, que «começa então o período mais brilhante do nosso biografado no campo da hygiene internacional», chamando a isso «a sua idade de ouro». Sublinha em seguida que «Ricardo Jorge marcou um lugar de altissimo relevo, que perdurou até à sua morte» depois de ter sido eleito pelos seus pares, membro do «Comité d'Hygiène de la Societé des Nations» e «nos dois sinédrios, onde se debateram os grandes problemas que interessavam a saúde dos povos».

Quando defende os seus Amigos ou fala nos seus Mestres, fá-lo mais por amor e dedicação do que por mero academismo de verborreia pachorrenta. Ao tomar voluntariamente a seu cargo a defesa dos mais certos e justos nunca o faz por fanatismo; porque a par do seu afecto e carinho corre sempre e acima de tudo, o rigor da verdade e respeito pela justiça, sempre benévola. Na sua maneira de proceder revela-se-nos com um ar paternal, onde a bondade do seu coração se casa perfeitamente com a pedagogia do Mestre, que numa perfeita simbiose sabe espantosamente harmonizar, como escritor de raro talento, mais as virtudes do que os defeitos dos seus personagens! Ao tentar descrever a actividade científica e profissional de Ricardo Jorge, por quem nutre a mais elevada amizade, estima e respeito, colocando acima de tudo a sua admiração pelo Mestre sanitarista, manifesta-se não só como seu acérrimo defensor, durante a campanha antipestífera que grassou no Porto, mas também como crítico de fina inteligência, não perdendo a oportunidade, embora furtivamente, de sublinhar aqui e

acolá, a faceta mais picaresca do temperamento, ora calmo ora fogoso do Mestre Ricardo Jorge.

Citando a expressão de Byron que «o repouso é um inferno para as almas activas», dizia ele do seu biografado: «Nunca a observação do cantor Child Harold se ajustou mais perfeitamente do que à vida de Ricardo Jorge», acrescentando-lhe «que período de descanso não apreciava, e quando os teve, talvez impostos, foram aproveitados pelo mesmo, no exame de factos e de coisas que imediatamente, ou mais tarde, servir-lhe-iam de pretexto e apreciações críticas ou a páginas de belos descritos literários a que emprestava os clarões do seu espírito sempre à alerta» e mais adiante, numa outra passagem, mostra-nos o espírito belicoso do Ricardo Jorge, dizendo que:

«A sua voz erguia-se ora como clarim de guerra, pondo em guarda as defesas sanitárias contra o avanço das epidemias, ora como produto de reflexão e de saber na solução dos problemas máximos da protecção dos povos contra o possível embate das doenças infecciosas». É que Mestre Ricardo Jorge, pelo fulgor da sua inteligência e agudez da observação cuidadosa, não só diagnosticara precocemente os focos da peste bubónica nalguns casos havidos, três dos quais foram fatais na Rua da Fonte Taurina, junto da Praça da Ribeira, no Porto, no ano de 1899; mas teve que enfrentar uma campanha antipestífera contra o seu diagnóstico, durante a qual esteve entre a vida e morte por ameaças dos portuenses revoltosos.

Egas Moniz, hipnotizado pelo fulgor da inteligência do Mestre Ricardo Jorge, na biografia que deste escreveu, confessa a sua grande admiração de Sábio, Investigador e Cientista, antes de encerrar a sua apreciação sobre a obra de Ricardo Jorge, como higienista. Não esquece porém de focar ao mesmo tempo, realçando o trabalho do Professor Eduardo Coelho, de sublinhar com certo ênfase, que este tomara a seu cargo a difícil tarefa de coligir a bibliografia geral do Mestre Ricardo Jorge e numa cortesia de homenagem salutar, manifesta, justificando-se elegantemente no seu propósito, de admiração pelo Insigne Mestre, lutador incansável que fora em vida Ricardo Jorge. Confessa ele que o seu propósito, no trabalho crítico, que escreveu sobre a vida do grande sanitarista, visava «apenas a pôr em relevo as altas qualidades, esmerado saber e valor científico e literário de quem foi um dos maiores do seu século em terra portuguesa». Que grande estatura de Egas Moniz! Agigantou-se perante um Gigante! O nobelista português, pela magnanimidade do seu tão bondoso coração, derramava com doçura das palavras, frases expressivas, aureoladas de benevolente jus-

tiça na apreciação do trabalho alheio, sem se esquecer da conduta que ele próprio adoptava em determinadas circunstâncias, que sem querer podia ir ferir as susceptibilidades doutrem. Por natural dom de inteligência peneirava o joio do trigo, focando mais as qualidades do que os defeitos dos seus biografados. Com extraordinária habilidade evocava saudosamente as amizades, sublinhando com relevante ênfase as passagens mais marcantes da vida dos seus personagens. Mesmo quando foi eleito deputado em várias legislaturas, ao tomar a defesa da política de saúde gizada pelo governo, ofuscava-lhe mais a figura intelectual do Mestre Ricardo Jorge do que o temor que lhe causava a ameaça dos políticos revoltosos. Egas Moniz, melhor que ninguém, sabia com o seu génio de artista, escolher os diamantes no meio da negritude dos montões de carvão que lhe sombreavam a imagem. Enquanto Ricardo Jorge, pelo bem que fez, sofreu rude golpe de incultura popular, sábio Egas Moniz, em abono da verdade, ao colocar-se destemidamente em defesa do Mestre, viveu uma Cultura Universal Superior, que não se adquire facilmente nas Universidades, se não tiver bom carácter nem dom de inteligência para a captar. Mestre Moniz era sábio na realidade.

E continuando a depor em favor do seu biografado declara o Professor Egas Moniz:

«Na sua alma nunca se abrigou rancor algum contra a cidade que o viu nascer, que serviu desinteressadamente e que tão mau pago lhe deu quando descobriu a peste de 1899, sem que a epidemia teria alastrado, sendo o Porto naturalmente uma das suas principais vítimas».

É desconsolador ler este comentário, quando figuras da estatura intelectual dum Ricardo Jorge fossem atingidas com tamanha injustiça por uma parte da sociedade que não o suportava, talvez por ele ser impaciente por natureza e um pouco mais contundente nos ataques ao que estivesse mal ou lhe parecesse não estar correcto, constituindo um estorvo à cidade, «onde as torres têm altivez da raça que deu origem a Portugal e a corrente forte do rio recorda a vigorosa actividade dos seus habitantes», no dizer do próprio Egas Moniz.

Muita razão tinha Séneca, citado pelo mesmo Mestre Egas Moniz, ao escrever que a Medicina e a Moral assentam numa base comum: «o conhecimento de natureza humana». Isto pareceu-nos tão verdadeiro, que dificilmente podemos fugir à tentação de estabelecermos o confronto entre os dois sábios, bem como com o Professor Magalhães Lemos

procurando destacar alguns pontos comuns existentes entre todos três, como mestres e investigadores dum passado, já bastante longínquo, quando eram ainda neuropsiquiatras, sem se perder de vista, o ambiente psico-social em que cada um viveu e dificuldades que tiveram de enfrentar, para alcançarem os seus objectivos, numa carreira de investigação científica, que ao princípio todos eles abraçaram com dedicação e acrisolado amor, sem olhar obstáculos que lhes iam surgindo pelo caminho.

Mas por circunstâncias totalmente alheias ao nosso conhecimento, pelo menos no momento actual, parece-nos que eles não tiveram os mesmos meios materiais nem humanos, para prosseguirem em pé de igualdade, a tarefa a que tão devotadamente se entregavam.

Se compararmos entre si Magalhães Lemos, Ricardo Jorge e Egas Moniz, dentro do âmbito de investigação científica, porque no início todos eles comungavam os mesmos ideais e eram animados por um mesmo espírito de pesquisa e progresso, eivado de originalidade e carismado de novos conceitos das descobertas a que tanta importância dava Reynaldo dos Santos, verifica-se que todos três iniciaram a sua carreira docente como neuropsiquiatras, tendo defendido as teses respectivamente sobre «A Região Psicomotriz» (1882), «Um Ensaio sobre Nervosismo» (1880), sendo tema para concurso «Localizações motrizes do Cérebro» e toda a carreira científica de Egas Moniz foi dentro do campo de Neuropsiquiatria.

No ano em que Mestre Ricardo Jorge enfrentava em Portugal, graças ao seu talento, o mais enérgico ataque por incompreensão dos seus compatriotas, Ramon y Cajal (1899) era convidado para fazer conferências e ser premiado com medalha de ouro nos Estados Unidos da América, ao mesmo tempo que recebia título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Grã-Bretanha; Adelino Vieira de Campos, então considerado «Mestre dos Mestres», ascendia à cátedra de Clínica Médica, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, enquanto o político-místico Mahtma Gandhi — o Pai da Índia — tomava à peita a defesa de justa causa, durante a guerra «Anglo boer», na União Sul Africana! Egas Moniz preparava, nesse ano, as suas provas para o seu Doutoramento em Medicina na Universidade de Coimbra.

Os três Mestres portugueses ao princípio apaixonados pela Neuropsiquiatria, mais tarde mudaram de rumo, permanecendo só Egas Moniz no esteio duma verdadeira investigação científica.

Comparando Magalhães Lemos com o Professor Egas Moniz, que lhe fora posterior no Ensino de Neuropsiquiatria, e convidado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, com dispensa de provas públicas

ao abrigo da legislação de 1911 e de 1918, que dispensava de provas, sem concurso ou por distinção, individualidades eminentes, que tivessem prestado relevantes serviços à Ciência e ao Ensino. Júlio de Matos, autor de *Patologia das Alucinações* e Professor de Psiquiatria, também fora convidado para reger a Psiquiatria na Faculdade de Medicina de Lisboa, enquanto Magalhães Lemos, aproveitando das prerrogativas conferidas pela mesma reforma de 1911, ascendia por distinção à Cátedra de Neurologia, devido a transferência do proprietário da respectiva Cadeira para Lisboa, ao mesmo tempo que era nomeado Director do Hospital Conde de Ferreira do Porto.

A esse propósito lê-se no *Portugal Médico*, CXXVII, vol. IX, n.º 5 de 1925, o seguinte:

«E foi utilizando esta prerrogativa que a nossa Faculdade de Medicina, logo após a publicação da Reforma de 1911, convidou para a Cadeira de Psiquiatria e Neurologia os dois especialistas de alto mérito Magalhães Lemos e Júlio de Matos, cujo passado científico dava direito a tal distinção».

A esse jogo de transferências não escapou Egas Moniz, que da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, onde era professor substituto, também foi transferido como Catedrático para a Faculdade de Medicina de Lisboa, ficando a reger a cadeira de Neurologia que então fora criada e a qual o Mestre coimbrão, com o seu saber e trabalho dinâmico, elevou à mais alta culminância.

Em 1912, com a finalidade de formar especialistas hábeis para o país, promove pela segunda vez «CURSO DE NEUROLOGIA, limitando o número das inscrições. Profere a lição inaugural explicando aos participantes o fim e os conceitos dessa especialidade para a qual ele tentou dar uma feição nova e mais prática, assacando-a do abandono a que se encontrava, dentro do âmbito de MEDICINA INTERNA. Durante o curso procura desfazer erros e equívocos, que até então eram pre-va- lecentes na camada mais jovem dos estudantes de que a Neurologia era uma ciência de pouca utilidade prática, prejudicando assim gravemente os doentes do foro neurológico, que uma vez atingidos por acidentes cerebrais, praticamente perdiam toda a esperança de recuperação ou de cura. Ao mesmo tempo que ia cultivando entre os médicos mais jovens, o gosto pela Neurologia, com a colaboração dos seus alunos e discípulos formava uma verdadeira Escola de Neurologia e Neurocirurgia, através das investigações científicas, com a fina-

lidade da sua aplicação prática à clínica, no Hospital de Santa Marta, anexa à Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa».

A investigação científica de Egas Moniz foi sempre mais clínica do que laboratorial exclusiva, porque ele tinha alma de Humanista! Asseverando essa verdade afirmava ele:

«Há muita gente que aprecia os diversos ramos da Clínica pelos resultados da therapeutica aplicada. Tal especialidade é útil porque ali os meios de tratamento dão curas brilhantes; tal outra quase deve ser relegada para o campo das sciências especulativas, porque a therapeutica empregada raras vezes é proveitosa. E com este critério simplista, com esta visão monocular do problema, não é por certo a clínica neurológica a mais poupada. E se não falo de outras para estabelecer confronto é porque não desejo despertar com as minhas palavras malquerenças tão injustificadas, como as que vou procurar desvanecer pelo que respeita a clínica de doenças nervosas».

Como clínico arguto observa os doentes; como humano sente as suas dores; como amigo aprecia o sofrimento dos familiares e como Mestre assiste impaciente perante a passividade dos médicos, que não lhes podem valer por falta de recursos adequados e são obrigados a deixar ao abandono ou à sua própria sorte os infelizes dos doentes. Numa ampla visão de sábio e humanista, pergunta aos seus alunos e discípulos se

«há direito de deixar os futuros médicos inteiramente ignorantes em matéria tão fundamental, reduzidos ao papel de simples espectadores, inteiramente estranhos à evolução dessas doenças, sem lhes poder marcar o lugar nosográfico, sem lhes surpreender a oculta sintomatologia, sem lhes prever a marcha de que dependem, tantas vezes, soluções familiares e até sociais que é indispensável remediar?»

E cõscio do seu dever ético-profissional, impregnado de um certo princípio deontológico, dizia ele o seguinte:

«um médico nunca podia ser um grande profissional sem ser um homem honesto»<sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> «Curso de Neurologia» (lição de abertura) por Egas Moniz — *Medicina Contemporânea*, Lisboa, 1912.

Muito embora, a partir de 1969, por justa contestação dos académicos, as Faculdades de Medicina tivessem banido as teses como o acto final do Curso de Medicina, reservando-as, como voluntária a sua defesa para quem quisesse, aos actos grandes de Doutoramentos, caracterizados pela apresentação de trabalhos originais de que as Faculdades nunca podem abster-se. Porque o papel do Ensino Superior é a criação de ciência nova, demasiado absoluta, quer como princípio geral, quer na aplicação particular e não é dando às aptidões pedagógicas uma importância secundária que a pedagogia melhora, nem é exigindo pelos regulamentos, provas duma vida científica que não existe, que ela se cria (afirmava isto Reynaldo dos Santos) <sup>(1)</sup>.

A pedagogia é um acto transmissível através dos meios audiovisuais aos indivíduos com qualidades para tal; mas a investigação científica, como ciência e criatividade, são sempre inerentes ao Ser, de que não se pode dissociar, nem tão-pouco transmitir o dom de investigação através do ensino, embora haja normas assentes em certos princípios básicos, que não podem ser ultrapassados por imaginação ou de fantasia, nem pelo que não é verosímil. A lógica e a razão, como princípios universais duma ética superior, existem no cérebro de cada indivíduo; seja ele quem for e inteiramente dependentes dos condicionalismos do meio ambiente, para se poderem desenvolver livremente. Não é criando muitas dificuldades ou levantando obstáculos intransponíveis que a investigação se melhora, nem é aumentando demasiadamente a matéria livresca dos tratados que o dom de pedagogia aumenta. Uma e outra completam-se, quando o investigador é sábio; e uma e outra se defraudam, quando a inteligência é fraca. O poder de observação é dom de inteligência e o de destruição pertence à ruindade que pode ser inata nas pessoas. Deve-se estudar com visão científica pura!

Voltando agora ao nosso tema proposto, sabe-se que a crítica mais mordaz e violenta à incapacidade dos instrumentos pedagógicos e ao ensino nas Escolas Superiores d'então foi a de Ricardo Jorge, no Relatório por ele apresentado ao Conselho Superior da Instrução Pública, em 1885, que tentou estabelecer o plano da reforma do Ensino.

«Neste mar agitado de incultura e improdutividade científica, em que raras naves, que têm resistido à tempestade, estão prestes a soçobrar, falhas de meio de acção, velas esfarrapadas pelos vendavais do dogmatismo, precisam de profundamente meditar na obra de Cajal

---

<sup>(1)</sup> *O problema do ensino*, por Reynaldo dos Santos, Lisboa, 1921.

aqueles que ainda estão convencidos da importância da Alta Cultura na valorização dos povos» (1). «Não critique a obra dos sábios se não tem uma verdade sua para lhe dar em troca do erro» (Ramon y Cajal, 1936).

Professor Egas Moniz, apreciando as qualidades intelectuais do Mestre Magalhães Lemos, comentava em palavras muito encomiásticas e não menos justas, a actividade científica deste, em seguintes termos:

«Todo o longo trabalho, de uma rara clareza, de uma grande dedução lógica, cuidadosamente ordenado e documentado, vem cheio de inéditas concepções. Palpita nele a mocidade de um espírito observador; reflecte-se através das suas páginas a cultura vasta, e em dia, de que o tracejou, movimentam-se na sequência dos assuntos, as referências adequadas à vasta bibliografia do assunto».

E num entusiasmo de ferrenho progressismo negava-lhe o direito à velhice, quando o acusava de seguinte modo, após a análise cuidadosa das obras do Mestre:

«Afirmava Magalhães Lemos que estava velho. Não o podia estar quem escreve essas páginas interessantíssimas em que há vigor de uma admirável robustez mental e o espírito subtil e educado na escola clínica anatômica que foi o segredo de toda a sua vida de investigador. Há aparências que iludem: os seus cabelos brancos disfarçavam uma juventude que perdurava numa ânsia constante de saber e de progresso».

Nesse comentário tão certo parece-nos ter esquecido o nosso Mestre Egas Moniz que,

*Quando Espírito é mais forte que matéria  
E a razão o Dom supremo da Virtude;  
Até Velhice, na sua marcha delectéria,  
Sem querer encontra a Juventude!*

No entanto tece-lhe um hino de delicada affectuosidade repassada de palavras cheias de estima e de total imparcialidade:

«Em Magalhães Lemos havia a notar, além do seu valor intrínseco, a probidade que vislumbra, a cada passo, na maneira como

---

(1) «Ramon y Cajal — Investigador e Educador», por Geraldino Brites — *Las Ciências de Madrid*, 1936.

seguia as observações, na forma como documentava as suas conclusões, no cuidado com que procurava relacionar os factos, não excedendo o seu significado, pisar sempre terreno firme e seguro. É nessa probidade científica, que todos os seus trabalhos traduzem, foi também a divisa de toda a sua vida: a orientadora da sua trajectória adentro e afora da sua actividade profissional, sem alardes que ofenderiam a sua modéstia, sem transigências que se despedaçariam contra a inteireza inquebrantável do seu carácter. A probidade viveu na sua alma como a mais alta virtude; foi a Deusa do seu culto, a directriz da sua existência».

Analisando bem as suas actividades científicas, conclui-se que devia haver uma diferença considerável em relação aos meios materiais e humanos de que Egas Moniz e Magalhães Lemos dispunham, porque este, fecundo na imaginação criadora no domínio de Neurologia e Psiquiatria, era completado na investigação clínica aplicada por Egas Moniz, trabalhando ambos em centros Universitários diferentes. Mestre Magalhães, já em 1898, publicara o seu primeiro trabalho sobre o *Tratamento cirúrgico das doenças mentais*, faltando-lhe porém os meios materiais adequados, para a efectivação prática e a coragem necessária que, em compensação, sobrava no Egas Moniz. Este, em 1936, portanto trinta e oito anos mais tarde, consegue concretizar as ideias do Mestre Magalhães Lemos, apresentando o seu célebre trabalho denominado *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, no meio de extraordinário espanto dos Neuropsiquiatras franceses, em Paris. Aqui lança o rastilho da sua ousadia, violando um órgão nobre, que até então dizia a todos os sábios e cirurgiões «nole me tangere»!

Com este acometimento de extraordinária retumbância, em França, conta com os melhores discípulos e admiradores. Com o seu feito conquista a admiração dos mais afamados Neurologistas, entre os quais a do grande Mestre Sicard, autor da prova lipiodolada para fazer a mielografia. Este convida-o para fazer uma demonstração prática num dos doentes internados na Clínica de Necker, em Paris, onde o sábio francês era director. Obtido o seu grande sucesso, Egas Moniz torna-se conhecido em todo o mundo. O seu método é logo seguido por grandes cirurgiões, mas sempre muito cautelosos na divulgação dos seus resultados práticos.

Enquanto o Mestre Magalhães Lemos utilizava nas suas pesquisas unicamente a intuição, aliada ao bom-senso clínico, tentando chegar a um diagnóstico mais provável senão certo, através do método dedutivo,

Professor Egas Moniz ousava recorrer primeiro ao seu método laboratorial para a investigação clínica através de meios radiopacos; descobria o diagnóstico e logo desvendava o caminho para o tratamento dos doentes de foro neurológico ou neuropsiquiátrico. Tal método, sem negar o devido valor ao Mestre Magalhães Lemos, valeu-lhe a conquista do Prémio Nobel. Quem ler a vida científica de Magalhães Lemos facilmente notará a diferença abismal entre eles e os pontos de contacto comuns para ambos (1). Estes dedicaram-se ao estudo sério de Neurologia e Psiquiatria, numa época em que «nole me tangere» constituía o apanágio exclusivo dos órgãos nobres, tais como coração e cérebro. No entanto um como outro, seguiram caminhos diferentes para alcançarem o mesmo *desideratum*, que era o de investigação científica no domínio de foro Neuropsiquiátrico. Enquanto Magalhães Lemos, por razões de ordem moral (?) ou de precavido receio, foi pisando o terreno exclusivamente clínico, Egas Moniz foi-lhe incomparavelmente superior no voo sobre as pesquisas científicas, através da aplicação dos métodos da sua própria autoria, até então totalmente desconhecidos do mundo científico, para o tratamento cirúrgico das doenças do foro psiquiátrico. Todavia com total grandeza da sua alma de Mestre e sábio na verdadeira acepção da palavra, ao tentar veicular a sua cultura de Mestre na qualidade de discípulo e então Director da Revista *Lisboa Médica* no derradeiro momento, despedido de quaisquer vaidades ou de tórpidos subterfúgios, presta uma justa homenagem ao sábio Magalhães Lemos, procurando traçar o seu esboço biográfico, focando com admirável clareza do espírito, a actividade desenvolvida em vida pelo Mestre defunto, de quem escreveu num estilo que lhe era tão peculiar:

«Afastaram-no da vida profissional. Que importava isso! Quem venceu tantas dificuldades, quem ainda dobrando os 70 anos mostrava numa extensa memória pontos de vista originais, por muito tempo, serão recordados, não podia afastar-se para a tranquilidade de uma vida de aldeão. Quem se criou na labuta clínica e no campo de investigação científica não podia afastar-se do exame dos seus doentes, de estudo das suas peças anatómicas quando ao seu vigor intelectual se manifestava por forma tão brilhante».

Quando se vive a Verdade em toda a pujança, plenitude e pureza do Espírito, sem se perder de vista a esperança, de que algum dia ela

---

(1) Vide *Lisboa Médica*, vol. VIII, pág. 548, Agosto de 1935.

encontrará eco nos corações dos Homens, a Vida adquire nova dimensão; a velhice retoma a sua juventude e o que era fardo pesado na vida decrépita, torna-se bálsamo e alívio para a longevidade. Homens que sabiam projectar-se no futuro!...

Já aqui em breves linhas e mui desordenadamente falámos de Egas Moniz como Professor, Mestre, Escritor, Historiador, Crítico, Humanista, Parlamentar, Político e Diplomata; nesta qualidade foi deputado em várias legislaturas (de 1903 a 1917), ministro de Portugal em Madrid (1917), ascendendo a Ministro dos Negócios Estrangeiros (8 de Outubro de 1918) num período particularmente crítico para Portugal, tendo sido substituído nessa missão por Couceiro da Costa, que fora Governador do Estado da Índia durante a Presidência de Sidónio Pais (27 de Janeiro de 1919 a 30 de Março de 1919). Fundou o movimento político denominado «Centrismo» e enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros chefiou a primeira Delegação Portuguesa à Conferência da Paz em Paris no ano de 1918. Vamos encará-lo agora pela sua faceta mais nobilitante de Professor e Investigador na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Foi fundador da Escola Portuguesa de Neurocirurgia, tendo por colaboradores Almeida Lima, António Martins, Eduardo Coelho, Amândio Pinto, Romão Loff, Lopo de Carvalho, Vítor Fontes, Luís Cancela de Abreu, Cândido de Oliveira, Abel Alves, D. Fernando de Almeida, Alves Saldanha, Pereira Caldas, Diogo Furtado, Rui de Lacerda, Joaquim Imaginário e Lobo Antunes. Mas a sua Escola não pode estar dissociada da Escola Portuguesa de Angiografia, fundada por Reynaldo dos Santos, que foi grande impulsionador e entusiasta, tendo por seguidores o seu filho Cid dos Santos, Celestino da Costa (jr.), Teixeira Dinis, Aires de Sousa e em Coimbra Bártolo Pereira, Fernando de Oliveira, Linhares Furtado, Marcial de Oliveira, Alberto Queirós e outros.

Egas Moniz e Reynaldo dos Santos foram pioneiros no domínio de Investigação científica completamente original, respectivamente nos domínios de Angiografia e Neurocirurgia. Além de serem dois sábios de grande craveira intelectual e moral, foram dois discípulos que muito honraram a Medicina Portuguesa, na primeira metade do século xx. Não obstante serem eles grandes camaradas e amigos, cada um seguiu o seu rumo, com independência total, no campo de Investigação científica individual, como se pode deduzir das afirmações do próprio Reynaldo dos Santos:

«Quando durante as trevas da idade média (como outrora se chamava a esse período brilhante da literatura e das artes) as Uni-

versidades se criaram (segundo a expressão de Sir Clifford Allbutt, mais justa que a de fundação), a diferenciação entre o ensino organizado e o trabalho criador e original que espíritos independentes iam realizando fora das Universidades, foi logo manifesto»

E acrescenta mais:

«que o trabalho original não se gera nas colectividades, geram-no as individualidades; e as Universidades, depositárias da ciência tradicional, ofereciam pela própria força coesiva das doutrinas e dos interesses que as cimentavam, uma resistência instintiva à força expansiva e excêntrica dos génios independentes, que ameaçavam o prestígio da sua autoridade e das suas ideias».

Então perguntar-se-ia, se as próprias Universidades não podiam aproveitar desses génios, proporcionando-lhes meios adequados de modo a honrarem e prestigiarem as Instituições, onde quer que fosse?!...

Foi no começo do século XIX e na Alemanha, que as Universidades reconheceram a vantagem de prestigiar o seu ensino recrutando professores entre os espíritos mais ilustres e independentes, elevando-se das preocupações de estreito espírito de corporação ou mesmo de simples associação a aspirações mais altas de livre crítica e criação científica, ansiosamente ressurgidoras e continuava o seu trabalho dizendo que «o nosso esforço deve ser pois levantar a pedagogia e promover o desenvolvimento daquelas aspirações desinteressadas», sem deixar de frisar nessa frase lapidar:

«O maior risco que um homem corre em Portugal, quando expõe uma ideia, é, não que lha contradigam, mas que lha deturpem», lamentando que era «uma das manifestações menos nobre da falta de senso crítico que é talvez o vício mais geral da mentalidade»...

Nós não temos que temer nem seguir ideologias que vão contra as nossas consciências, roubando-nos a paz interior do espírito, ao citarmos essas passagens evocativas duma época em que os dois pioneiros da Escola Portuguesa de Neuro-Angiografia se manifestaram em plena pujança das suas faculdades morais e intelectuais, no domínio de investigação científica. Ambos, não obstante terem trabalhado em campos afins, que era o estudo angiográfico da árvore vascular, irrigando os diferentes departamentos do organismo humano, não se manifestavam

hostis, nem tão-pouco indiferentes; mas sim dois grandes amigos, sinceros companheiros e mútuos defensores e admiradores, onde, académica e cientificamente falando, nunca podia haver lugar ao ditado «asinus asinus fricat».

Em 1928-29, dizia Reynaldo dos Santos, no seu célebre trabalho intitulado «A arteriografia dos membros», feito em colaboração com Augusto Lamas e J. Pereira Caldas, que, em 1927, «a arteriografia tinha uma extensão nova, graças aos trabalhos do Professor Egas Moniz, que procurou e conseguiu visualizar a circulação cerebral e dela tirar conclusões semiológicas para o diagnóstico dos tumores cerebrais», acrescentando mais que o «método marcava uma etapa nova como o próprio Sicard reconhecia na semiologia vascular do cérebro». Chamava assim a atenção dos neurologistas para o sucesso alcançado por Egas Moniz, na visualização das artérias cerebrais, orgulhando-se reconhecer que à ciência portuguesa coubera «a prioridade de ter estendido a uma das zonas mais delicadas: a visualização arterial e com uma técnica precisa, baseada em pesquisas experimentais, que legitimamente autorizavam o seu ensaio clínico» (1).

No entretanto, afirmava Egas Moniz, no seu trabalho «Resultados do emprego de Thorotraste na prova de encefalografia cerebral», feito no ano de 1931, em colaboração com Armando Pinto e Almeida Lima, que coubera a Reynaldo dos Santos a prioridade de utilização do «Thorotraste» em Portugal, ao dizer:

«Determinamos, por isso experimentar o Thorotraste», produto obtido pela casa Heyden, de Dresde, e com o qual Reynaldo dos Santos, Augusto Lamas e Pereira Caldas já conseguiram arteriografia dos membros tendo reconhecido que a injeção era indolor» (2).

No ano de 1901, em acto solene, perante Professores Catedráticos, Egas Moniz doutora-se em Medicina com brilhante sucesso académico na Universidade de Coimbra, entrando dois anos depois, no quadro dos docentes como Professor substituto.

---

(1) «A arteriografia dos membros», por Reynaldo dos Santos, Augusto Lamas e J. Pereira Caldas — *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 1929.

(2) «Resultado do emprego de «Thorotraste», na prova de encefalografia arterial», por Egas Moniz, Armando Pinto e Almeida Lima — *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 1931.

Como Mestre e Investigador da Universidade de Coimbra, publica então o seu primeiro trabalho científico intitulado *Alterações Anatomo-Patológicas na Difteria* e no ano seguinte *A vida sexual* (Fisiologia), que seis anos mais tarde seria reeditado pela segunda vez em Lisboa (1906). Ambas obras reunidas num volume só, aparecem sucessivamente à luz da publicidade em dezassete edições novas, desde o ano de 1913 até 1933. O trabalho feito dá-lhe ânimo e coragem para se lançar em novos empreendimentos no domínio de investigação científica. O seu talento logo prende a atenção dos Mestres Coimbrões e o ciúme não tarda deitar raízes entre os Professores mais destacados da Faculdade de Medicina de Lisboa. Em 1911, quando é promulgada a Reforma do Ensino Médico em Portugal, vinte e seis anos antes reclamada e tão denodadamente defendida por Ricardo Jorge, o Professor Egas Moniz é transferido como Catedrático de Neurologia, disciplina então expressamente criada na Faculdade de Medicina de Lisboa, funcionando o ensino desta mesma cadeira no Hospital de Santa Marta. Assim a obra do Mestre Ricardo Jorge intitulada *Higiene Social aplicada à Nação Portuguesa* (em 2 vols.), ao fim de um quarto do século de letargia, encontrava os primeiros ecos no Conselho Superior de Instrução Pública; também com a transferência de Júlio de Matos, do Hospital de Conde de Ferreira, do Porto, para a Cátedra de Psiquiatria em Lisboa e de Magalhães Lemos para a Cátedra de Neurologia, deixada vaga pela transferência de Júlio de Matos, da Universidade do Porto para a de Lisboa. Aquela obra monumental pelo seu conteúdo, onde a argúcia assente em indiscutível competência científica e condimentada com uma crítica contundente e mordaz, repassada de uma eloquência cheia de erudição histórico-científico-filosófica, fora apresentada ao C. S. I. P. por Ricardo Jorge, na qualidade de delegado da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, juntamente com um Relatório, atacando violentamente a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (1885). Esse relatório que lhe valera a justa consagração como Pedagogo de Medicina, mereceu uma forte resistência por parte de Augusto Rocha, que introduzira o Ensino Experimental na Faculdade de Medicina de Coimbra e de Costa Simões, ambos Lentes da Universidade de Coimbra, que tentaram contradizer alguns dos pontos apresentados por Ricardo Jorge no referido relatório.

Uma vez nomeado Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1912 organiza o segundo Curso de Neurologia, no qual são limitadas as inscrições. Com a finalidade de dotar o país com competentes especialistas, tenta criar uma verdadeira Escola Nova de

Neurocirurgia. Na lição inaugural desse curso começa por definir a sua política de Educação e Ensino, tentando inocular na mente das camadas mais jovens, o interesse pela aprendizagem e verdadeiro gosto por aquela cadeira, até então perdida nos meandros de MEDICINA INTERNA e tão desprezada pelos professores! O desinteresse quase total pelo sofrimento alheio e perante indiferença dos clínicos que praticamente em nada podiam valer aos seus doentes de foro neurológico, por falta de Ensino apropriado e de tratamento adequado, desperta-lhe logo o interesse pela investigação científica experimental, com a finalidade de mudar a feição do ensino neurológico. No entretanto as obras anteriormente publicadas no domínio de Neurologia pelos Mestres portugueses mais consagrados da época, tais como Magalhães Lemos e Ricardo Jorge, de quem até chega a aproveitar um trabalho para as suas provas de dissertação universitária, fornecem-lhe base para uma investigação cuidadosa, no sentido de valorizar cada vez mais o Ensino de Neurologia, no qual a sua inteligência multifacetada não tardaria em revelar-se em toda a plenitude e pujança do espírito sempre dinâmico.

Professor Egas Moniz, ao fim do 2.º Curso de Neurologia, pelas suas altas qualidades de inteligência, graças à qual persiste mudar a mentalidade dos Neurologistas, consegue incutir respeito pela sua investigação científica, que não obstante as dificuldades, que certamente encontraria no seu caminho, consegue levar avante poucos anos mais tarde. Ganha a confiança dos seus alunos; conquista o respeito dos seus discípulos e começa a ser olhado com especial atenção pelos Mestres mais velhos, que tanta confiança depositavam nos seus trabalhos de investigação científica e nos belos ensaios literários.

Perante o drama dos doentes, que se sentem abandonados aos olhos dos seus entes queridos, pela passividade dos clínicos impotentes, que de modo algum lhes podiam valer, por falta de recursos adequados, Mestre Egas Moniz sente-se derrotado. Ele vive dramaticamente o problema dos doentes com coração humano, o dos familiares como irmão, e da Escola como Mestre e Investigador, perante as contradições sociais e da própria orgânica, que arreigadas às ideias preconcebidas, deviam oferecer uma grande resistência política a qualquer iniciativa ousada, que ele quisesse levar a cabo nos seus doentes, sem outros recursos nem possibilidades duma cura, com terapêutica inadequada. Porque qualquer investigação científica nos doentes, antes de a ter sido feita em animais, era social e cientificamente condenada, visto que a vida humana não é, nem pode ser considerada igual a de qualquer animal, ou como objecto sem valor, mesmo que o ser «homo sapiens», tivesse

momentaneamente perdido as suas faculdades mentais. Tais Mestres viviam a vida do seu semelhante!...

O amor pela Investigação científica e o íntimo desejo de um sucesso retumbante, na sua vida de profissional probo e honesto, era o único brasão que parecia arder dentro do peito ilustre do sábio lusitano e a sua coragem e força de vontade férrea conduzem-no aos maiores acometimentos. Com a única finalidade de recuperar os seus doentes de foro neurológico — razão da sua nobre profissão —, Egas Moniz procura logo um laboratório para fazer o trabalho experimental, primeiro nos animais e mais tarde, através dos métodos devidamente por ele apurados, aplicá-los directamente nos doentes de foro neurológico ou psiquiátrico. Quem poderá avaliar as dificuldades e todas as espécies de resistências encontradas nesse caminho pelo Professor Egas Moniz, numa época em que tocar nos órgãos nobres como o coração e cérebro era quase um crime!?!... Não obstante ser Catedrático da Faculdade de Medicina, quem ousará negar que ele não encontrara dificuldades para poder levar a bom termo o seu tão arrojado projecto? Era difícil pensar em tais assuntos naqueles tempos em que tanto o coração como o cérebro se apresentavam aos olhos dos médicos, como duas entidades supremas da vida humana a dizerem em silêncio: «nole me tangere», não obstante o coração e os vasos sanguíneos já terem sido radiograficamente explorados por Schepelman (1910), Brillat e Desplat (1916), Leriche (1922), Reynaldo dos Santos, Augusto Lamas e J. Pereira Caldas (1929). Quando um assunto é tratado ou abordado por um principiante ou leigo na matéria, qualquer pessoa, sem ou com cultura, logo o comenta. Mas se o mesmo for criticado por um «cientista», a «crítica» constitui uma sábia censura e todo o mundo a respeita. Isto depende da maturidade das pessoas e da cultura dos povos. A mais pura glória do Mestre, dizia Cajal, não consiste em formar discípulos que o sigam como caudatários submissos, olhando-o como um deus; está em fazer sábios que o superem». Eis a real arte do autentico Mestre!

A verdadeira Escola deve ser uma escola de vontade, onde o apoio do Mestre nunca pode faltar ao seu Aluno e Discípulo, quando este é devidamente educado e seja capaz de responder eficazmente aos seus anseios. A vontade deve ser educada na disciplina, onde os reais valores e a reciprocidade do respeito mútuo não podem ser votados ao ostracismo! porque uma marginalização política cria automaticamente os marginalizados; quando génios constituem raridade e a vulgaridade um peso morto para a própria sociedade, enquanto potencialmente opressora pretende ser livre, com a agravante de não possuir valores morais

nem intelectuais, através dos quais se governam todas as nações do mundo civilizado. Uma desgraça sempre puxa outras desgraças. Há que transformar primeiro os corações e depois as mentalidades, sem as quais é impossível o progresso, capaz de promover o Bem-Estar da Humanidade!

Numa autêntica Escola Científica, tecnicamente preparada através duma disciplina mental coerente e coordenadora, onde a verdade deve flutuar como azeite à superfície da água, nunca podem faltar os valores morais que constituem o sustentáculo duma verdade científica. E se as Universidades têm alguma missão a cumprir eficazmente, para preparar homens úteis para as Sociedades, no nosso entender, esta é, e deve ser a sua missão única: criar Homens «com mens sana in corpore sano»!

Se é fácil formar discípulos repetidores de ciências feitas, que vomitam como papagaios, só o que empinam nos tratados, sem possuírem espírito crítico disciplinado, para acharem soluções plausíveis dentro do que é verosímil e lógico, não é fácil criar espírito científico nos homens sem paixão para a investigação ou criatividade. Esta só pode existir na Escola de Liberdade Científica, sobejamente comprovada. E Mestre Egas Moniz tinha tudo isto em sobra. Apesar disso, custa-nos pensar, que naquela época, quando alguém pretendesse obter recursos nos Laboratórios, e com a finalidade a que se destinavam os trabalhos de investigação do Professor Egas Moniz, não o tivesse sido considerado ao princípio, como fora do normal. Mas a coragem e a força superior do seu espírito criador, traduzidas numa vontade firme e indomável, caracterizavam a personalidade inquebrantável do Investigador Egas Moniz.

Descobrir um método, inventar um processo, para pôr em evidência ou ver então o que se passava dentro dum órgão lesado e hermeticamente fechado pela caixa craniana, que ao simples Raio X não permitia qualquer observação dos vasos, para poder localizar com segurança uma lesão no determinado sítio do cérebro, torturava o seu próprio espírito. Não descansa; vive angustiosamente o seu drama íntimo, sem manifestar a ninguém o seu aparente fracasso, que tempos depois se transformaria num retumbante sucesso!

No ano de 1921, a descoberta com a sua consequente introdução em Roentgenologia, duma prova de lipiodol, pelo urologista francês Jean Sicard, dá novas luzes a Egas Moniz para aplicar o método, a fim de conseguir o seu objectivo. Mas todas as suas tentativas feitas são goradas em fracasso. Porque era-lhe difícil obter diluições de lipiodol em concentrações tais, que fossem susceptíveis de serem injectadas,

em condições assépticas, nos vasos sanguíneos, sem causar quaisquer efeitos colaterais indesejáveis e ao mesmo tempo obter a visualização dos vasos intracranianos, no caso das lesões do cérebro.

O desespero do insucesso obtido, em trabalhos sucessivos, experimentalmente levados a cabo em animais do laboratório, não faz recuar Egas Moniz do seu firme propósito. A palavra impossível estava riscada do seu dicionário, desde que ele alimentara o seu ávido espírito, nos bancos da Escola Coimbrã, com a firme decisão de, através de investigação científica, ganhar vitórias e sucessos.

Não obstante ter sido muito grande o horizonte, cheio de possibilidades, traçado pelos trabalhos do alemão Schepelman (Hambon), precisamente em 25 de Maio de 1910, data em que este fizera as suas primeiras tentativas em cães, para visualizar os vasos sanguíneos, a iniciação do francês Leriche (1922), quando através da utilização de minio-terebentina estudara circulação colateral nos animais do laboratório, treze anos mais tarde o próprio Sicard (1935) utilizara com fracasso a iodopina para o mesmo efeito, cientistas americanos experimentaram o iodeto de sódio. Volkman, em 1924, visualizara as vias urinárias superiores com o brometo de sódio. Brillat e Desplat (1926), dois anos depois, conseguem fazer as primeiras arteriografias, a fim de estudar a circulação arterial na gangrena dos diabéticos e no ano seguinte Cannet e Greenbaum (1927) publicam um artigo sobre a visualização dos vasos. Mas Egas Moniz não consegue vencer as barreiras ósseas do crânio para pôr em evidência as artérias do cérebro!

Vasculhando a bibliografia procura os artigos doutros investigadores sobre o assunto do seu interesse e não achando nenhum dos métodos utilizados pelos seus homólogos estrangeiros, propício para o fim em vista, começa a trabalhar com o iodeto de sódio a 25 %. Mas as crises de epilepsia desencadeadas por injeção desse produto num vaso, levam Egas Moniz a desviar-se do caminho previamente traçado para fazer as arteriografias do cérebro.

Apesar de constantes derrocadas devido à falta de um produto totalmente inócuo, não desiste do seu propósito e prossegue sem esmorecimento a estudar e investigar nos doentes do foro neurológico, internados nos seus Serviços de Neurologia, no Hospital de Santa Marta. Ele utiliza a prova lipiodolada de Sicard, exclusivamente para localizar as lesões medulares e não as do cérebro por causa do insucesso tido.

Numa revista médica lê um artigo da autoria de um cientista Japonês com quem mantém correspondência, pedindo-lhe a explicação do método por este utilizado num trabalho sobre o assunto do seu

interesse. Aquele cientista fá-lo entreter, dando-lhe uma evasiva que dentro de pouco tempo iria publicar mais um trabalho em colaboração com outro investigador, seu homólogo, dando todos os pormenores solicitados por Egas Moniz. Porém, a paciência do sábio português parece esgotar-se pela demora, para chegar o referido artigo, cuja estreia era aguardada quasi em acto de piedade pelo interessado, durante tanto tempo, desejando ansiosamente que o mesmo chegasse às suas mãos.

Enquanto demora a resposta não descansa Egas Moniz, que começa a trabalhar nas suas pesquisas, utilizando as soluções de iodo para as injecções intracarotídiás. Em face das reacções de intolerância manifestada pelos doentes injectados interrompe momentaneamente os seus trabalhos e logo chama atenção dos sábios para o perigo que encerrava o iodo, intra-arterialmente injectado. Isto no ano de 1931. Mesmo assim não desiste e continua nas suas pesquisas, experimentando novas soluções doutros elementos, tais como iodetos de rubídio, sódio, lítio, potássio e de amónio, em diferentes concentrações de cada produto. À luz da escala de Mendelef, faz o estudo cuidadoso de alguns desses elementos; discute nos trabalhos publicados os prós e contras; pondera as probabilidades e certezas que alguns desses elementos lhe poderiam oferecer o desejável successo. Com esta finalidade analisa os efeitos, vantagens e defeitos do Bromo, comparando-o com Iodo. Pondera bem a questão do seu emprego; discute e ele próprio levanta problemas e obstáculos para os seus trabalhos realizados. Aprecia à luz de tão brilhante raciocínio as vantagens e inconvenientes que os mesmos lhe podiam proporcionar e só depois de um estudo cuidadoso decide escolher aquele que lhe parece oferecer maiores garantias do successo. Nos trabalhos que vem publicando, em períodos consecutivos, tanto individualmente como em colaboração com os outros, nas revistas nacionais e estrangeiras, não esconde os accidentes ocorridos; nem tão pouco deixa de confessar os defeitos ou inconvenientes dos métodos utilizados e regista-os com todo rigor científico nos trabalhos publicamente apresentados nos Congressos.

Como não consegue alcançar os seus verdadeiros objectivos, através dos produtos radiopacos utilizados, em virtude de os mesmos não lhe permitirem obter soluções em concentrações apropriadas e totalmente inócuas para os efeitos da experiência, longe de ficar desanimado, continua tenazmente a luta na senda do progresso. No entanto há um longo período de quinze anos de interregno nos trabalhos de investigação científica, por ter dedicado a sua proficua actividade ao serviço da política nacional e na formação do partido Centrista de que ele era fundador e impulsionador. A sua eleição para deputado, em várias legis-

laturas, desde 1903 até 1917, durante um período bastante crítico, teve papel preponderante e de particular relevo antes e durante o consulado de Sidónio Pais. Chegou mesmo a sobraçar pasta de Ministro dos Negócios Estrangeiros, numa situação particularmente difícil para a Nação Portuguesa; mas foi logo substituído no seu exercício por Canto e Castro (15 de Dezembro de 1918 a 23 de Dezembro de 1918); Azevedo Neves (23 de Dezembro de 1918 a 27 de Janeiro de 1919) e Couceiro da Costa (27 de Janeiro de 1919 a 30 de Março de 1919). Em 1929 é nomeado Director da Faculdade de Medicina de Lisboa, e só a partir de 1931 retoma novamente a sua actividade científica, chegando a publicar nesse ano, o maior número dos seus trabalhos em revistas estrangeiras, principalmente de França.

Em 1931, seguindo o método preconizado por Forasmann, por meio de introdução duma sonda com catéter na veia jugular externa, através da veia cava inferior, consegue fazer a angiografia das vísceras intra-abdominais e ao mesmo tempo a exploração do coração, fígado, baço, rins e das veias supra-hepáticas, primeiro em cães e depois nos seres humanos. Apreciando os resultados alcançados por Reynaldo dos Santos e Colaboradores, na visualização dos vasos dos membros com Thorotraste, tenta utilizar esse produto na visualização dos vasos intracerebrais e assim consegue alcançar o seu grande sucesso. Já estava vencida a barreira óssea do crânio que impedia a visualização dos vasos com outros produtos, já anteriormente experimentados com insucesso!

Mas antes de usar o «Thorotraste», primeiro tenta injectá-lo no braço dum doente, para ver a sua opacidade em face do úmero. Não obstante a opinião abalizada do Reynaldo dos Santos, asseverando a inocuidade do produto (?), Egas Moniz, eivado pela dúvida metódica, — verdadeiro apanágio dos cientistas —, experimenta primeiro esse produto fabricado pela casa comercial de Dresde, e consegue obter uma série de radiografias do cérebro, visualizando os vasos sanguíneos. Em face desse sucesso publica os seus resultados num trabalho intitulado «Diagnosticque des tumeurs cérébrales et preuve de l'encéphalographie artérielle». São publicados numa revista francesa e ao mesmo tempo envia um artigo em francês, anunciando os resultados obtidos com o emprego de Thorotraste na visualização da árvore vascular intracerebral, no ano de 1931. Mas, já em 1927, ele conseguira visualizar, embora deficientemente, as artérias do cérebro, em animais de experiência. Seis anos mais tarde (1933), após a angiografia cerebral, consegue localizar os tumores do cérebro e tratar os doentes por meios cirúrgicos. No mesmo ano, fazendo a cuidadosa angiografia cerebral, procura tratar

cirurgicamente um doente portador de lesões esclero-gomosias da sífilis provocadas nas meninges, principalmente na duramater. Dois anos mais tarde (1935) faz uma demonstração prática dos aspectos arteriográficos e flebográficos das meninges, da asa do esfenóide e consegue revelar, por diferente aspecto das manchas, as angiomas nervosas arterio-venosas intracerebrais. Ainda naquele ano de 1933 descreve as diferentes fases de opacificação, através das chapas tiradas com intervalos de fracções de segundos. Nesse mesmo ano de 1933, Egas Moniz, Almeida Lima e Diogo Furtado, numa doente com aspecto acromegálico, estudam as perturbações circulatórias do cérebro, diagnosticando tumores encefálicos na vizinhança do sifão carotídeo, por meio de «filmagens» radiográficas do cérebro. No ano seguinte, em colaboração com Almeida Lima e Pereira Caldas, dão à estampa um trabalho ilustrado com 42 chapas angiográficas feitas num seriógrafo, demonstrando os valores dos cartogramas encefálicos, comentando o método arterioflebográfico para medir a velocidade circulatória do sangue. Registam as opacificações, comparando-as com a rede capilar intracraniana e chegam a diagnosticar pela primeira vez os angiomas e meningiomas. Antes desta surpreendente descoberta, Egas Moniz com Abel Alves, Pereira Caldas e Diogo Furtado, estuda a visibilidade, em série da circulação cerebral, tornada visível pelo iodeto de sódio e «Thorotraste». Comparando entre si os aspectos radiográficos chegam a concluir que a arteriografia cerebral feita com o «Thorotraste» é muito mais nítida do que feita com o soluto de iodeto de sódio e o produto se integra mais facilmente na corrente circulatória cerebral do que o soluto do iodeto de sódio, cuja eliminação é menos rápida que o desaparecimento do «Thorotraste», acontecendo precisamente o contrário na circulação da face.

A utilização dos brometos e iodetos, em diferentes concentrações, permite-lhes tirar algumas conclusões proveitosas, quanto a obtenção das chapas radiográficas em fracções de segundos. Os primeiros resultados obtidos considera-os bastante satisfatórios e chega à conclusão que a estereorradiografia mostrava rapidamente as diversas passagens arteriais que poderiam fornecer bons ensinamentos sobre a localização dos projecteis intracranianos. Pela utilização do «Thorotraste» consegue a visualização do tronco basilar, artéria cerebral posterior e artérias cerebelosas, seio recto e a ampola de Galien. Dois anos mais tarde, através da angiografia cerebral, consegue diagnosticar pseudo-angiomas calcificados intracerebrais em doentes epilépticos e débeis mentais e em nota prévia publica o primeiro trabalho sobre a «filmagem cerebral». Dentro de poucos anos, Egas Moniz torna-se conhecido de todos

os especialistas e neurocirurgiões do mundo. Através dos seus progressos científicos, no domínio de Neurocirurgia, com a culminância na leucotomia pré-frontal, consegue curar os doentes do foro psiquiátrico. A Escola de Angiografia e Neurocirurgia Portuguesa ganha respeito e consideração para o país; e em 1949, Professor Egas Moniz é galardoado com o Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia juntamente com o suíço Dr. Walter Hess. Estava recompensado o trabalho de Egas Moniz e aumentado o prestígio internacional da Medicina Portuguesa.

Pelo esforço despendido e o tempo perdido em benefício da Humanidade bem podem ser atribuídas ao Mestre Egas Moniz estas palavras consagradas ao grande sábio francês Pasteur:

«Quem tiver lido com máxima atenção toda a grandiosidade da obra de Egas Moniz; nunca é demais apontar e erguer as virtudes de quem tantos serviços prestou à Humanidade e descobriu método que pelo seu efeito é digno de agradecimento e de louvor».

Que cada homem traga dentro do seu coração um sentimento de bondade, paz interior, de abnegação e de amor uns pelos outros, como todos os sábios viveram, cada um na época do seu tempo, em qualquer parte do Mundo.

BENEDITO DIAS

### MEU CARO AMIGO E LEITOR!

Se alguma vez esperas produzir com o seu génio uma Obra de Arte, que seja do agrado geral de todos, nunca conseguirás fazer nada de jeito, sabendo-se de antemão que nem DEUS satisfaz igualmente para todos; caso contrário neste Mundo em que vivemos, não haveria tantos pagãos e ateus!

BENEDITO DIAS



NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS  
E  
BIBLIOGRAFIA DO PROF. EGAS MONIZ

TRABALHOS PUBLICADOS:

*Alterações Anatomo-Patológicas na Difteria.* Coimbra, 1900; *A vida sexual* (Fisiologia), Coimbra, 1901, 2.<sup>a</sup> Edição, Lisboa, 1906; *Curso de Neurologia*, 1912; *A Neurologia na Guerra*, Lisboa, 1917; *Clínica Neurológica*, Lisboa, 1925. *O Padre Faria na história do hipnotismo*, Lisboa, 1925; *Diagnostic des tumeurs cérébrales et épreuve de l'encéphalographie artérielle*, Paris, 1931. *La localisation des tumeurs cérébrales par encéphalographie artérielle*, 1931. *L'angiographie cérébrale; ses applications et résultats en anatomie, physiologie et clinique*, Paris, 1934; *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, 1936. *Die cerebrale Arteriographie und Phlebographie*, Berlim, 1940. *Tromboses y otras obstruccion de las carótidas*. Barcelona, 1941.

Os restantes trabalhos científicos, muitos dos quais feitos em colaboração com outros Autores, são a seguir mencionados na Bibliografia Especial.

Da sua bibliografia extramédica há que salientar:

*Conferência de arte.* Museu Regional de Aveiro, 1916; *Um ano de política.* Lisboa, 1920; *Do valor e da saudade*, Estarreja, 1922; *Júlio Diniz e a sua obra* (2 vols.), 1924; *A necrofilia de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, 1925; *Ao Mestre José Malhoa*, Lisboa, 1928. Discurso na recepção da Academia Brasileira de Letras, 1928. *O papa João XXI*, Lisboa, 1919; *Ao lado da Medicina*, Lisboa, 1940. *Algumas palavras*, separata das «Memórias da Academia das Ciências de Lisboa», tomo III, 1940; *Sobre a história de cartas de jogar*, Prólogo do vol. «Tratado do jogo do Boston», por D. José Henriques da Silva, Lisboa, 1942 e por Coimbra — Dr. João Francisco de Almeida Paiva: Óscar Wilde, *Pensamento e paradoxos, etc.* Lisboa, 1926. Em 20 de Janeiro de 1916 foi eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, passando a efectivo em 5 de Maio de 1923 (cadeira n.º 4). Foi Presidente da Academia nos anos de 1928, 1930, 1934, 1936, 1938 e 1940. Sócio efectivo da Soc. das Ciências Médicas de Lisboa e da Soc. Port. de Biol. de Lisboa; sócio da Acad. Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Med. Legal do Rio de Janeiro; da Sociedade Brasileira de Neurologia; da Soc. de Neuropsiquiatria de Buenos Aires; da Soc. de Med. e Cirurgia de São Paulo; da Associação Paulista de Medicina; da Soc. Portuguesa de Radiologia Médica; da Acad. Médico-Cirúrgica de Ferrara; e da Soc. de Medicina (F. R. S. M.); Membro correspondente da Acad. de Medicina de Paris e da Sociedade de Neurologia de Paris; Sócio correspondente estrangeiro da Real Acad. de Med. de Madrid; da Assoc. de Neuropsiquiatria de Espanha; da Soc. de Neurol. da Estónia; da Soc. Rádio-Neurocirurgia Italiana; da Soc. de Oto-Neuro-Oftalmologia da Soc. de Hidrologia e de Climatologia de Estrasburgo; Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Bordeus e Lião; Grão Cruz da Ordem da Instrução Pública e Benemerência e da Isabel a Católica (Espanha); Grande Oficial da Ordem de Coroa de Itália; Comendador da Legião de Honra e possuidor da medalha honorífica da Cruz Vermelha Alemã.



## BIBLIOGRAFIA

- Maladie de Recklinghausen gros neurofibrome de la Langue* — *Revue Neurologique* — Masson & Cie, Éditeurs, Paris, 1906.
- Tabes Juvenil* — «*Medicina Contemporânea*», Lisboa, 1911.
- Curso de Neurologia* (lição de abertura) — «*Medicina Contemporânea*», 1912.
- Trois cas de Tumeurs de l'angle ponto-célebelloux* — «*Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*», 1912.
- Um caso de Tumor intra-pontino* — «*Gazeta dos Hospitais do Porto*», n.º 7, 1913.
- Myoclonies essentielles* — «*Extrait de la Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière*», 1913.
- La Pachyméningite Spinale Hypertrophique et les cavités Médullaires* — «*Révue Neurologique*» — Masson & Cie, Éditeurs, Paris, 1925.
- Compressões Intra-Raquídias e a Prova Lipiodolada de Sicard* — «*Manuelle del sistema nervoso*, de W. R. Gowers, vol. 1, pág. 374, 1894, Lisboa, 1925.
- Perturbações Esfinterianas e Spina bifida ocuta*, Lisboa, 1926.
- Acromacrie* — «*Revue Neurologique*», n.º 6 — Masson & Cie, Éditeurs, 1925.
- Compression Médullaire après la fracture de la 6<sup>a</sup> vertèbre cervicale chez un malade atteint de spondylose Rhizomélique. Operation. Amélioration* — «*Revue Neurologique*» — Masson et Cie, Éditeurs, Paris, 1926.
- Formas atípicas da encefalite epidémica* — Lisboa, 1926.
- Sur les Symptomes Sympathiques des tumeurs Juxta-Vertébrales de la seconde cote droite* — «*Revue Neurologique*» — Masson & Cie, Éditeurs, Paris, 1926.
- Tumeur du lobe frontal droit visible a la radiographie* — «*Revue Neurologique*» — Masson & Cie, Éditeurs, Paris, 1927.
- Injections intracarotidiennes et substances injectables opaques aux rayons X* — Masson et Cie Éditeurs, Paris, 1927.
- L'encéphalographie arterielle, son importance dans la localisation des tumeurs cérébrales* — «*Revue Neurologique*», n.º 1, Paris, 1927.
- Radiografia das artérias cerebrais* — «*Jornal da Sociedade das Sciencias Médicas de Lisboa*», tomo xci, 1927.
- A Prova da Encefalografia Arterial* — «*Lisboa Médica*», n.º 7, ano vi, págs. 301-344, 1927.
- Une Tumeur visible à la radiographie chez un épileptique* — «*Journal de Neurologie et de Psychiatrie*», Paris, 1927.
- La Radioarteriographie cérébrale* — «*Bulletin de l'Académie de Médecine*», tome xcvi, n.º 28, Paris, 1927.
- Tumeurs cérébrales visibles par l'épreuve encéphalographique* — «*Lyon Chirurgical*» — Masson et Cie, Éditeurs, Paris, 1931.
- Vitiligo en nappe* — «*Revue Neurologique*», n.º 6, tome 1, Paris, 1931.
- Guérison de l'hypertension intracrânienne dans un cas de tumeurs du septum lucidum, troisième ventricule latéral* — «*Journal de Médecine de Lyon*», 1931.
- La visibilité des vaisseaux pulmonaires aux rayons X par injection dans l'oreille droite* — «*Bulletin de l'Académie de Médecin*», n.º 14, tome cv, Paris, 1931.
- Hemibalismo (a propósito de três casos)* — «*Lisboa Médica*», vol. viii, pág. 481, 1931.
- Resultados do emprego do «Thorotrast» na prova da encefalografia arterial* — «*Medicina Contemporânea*», n.º 45, 1931.

- Ablação dos dois terços anteriores do lobo temporal esquerdo num caso de tumor cerebral. Cura* — Lisboa, 1931.
- La circulation veineuse du cou et la décharge veineuse de l'encephale* — «Comptes rendue des Sciences de la Société de biologie» — Sciences, tome CVII, pág. 84, Paris, 1931.
- Relfexões a propósito de dois casos de tumores do lobo frontal com prova encephalográfica* — «Acta Médica Latina», 4<sup>a</sup> Anné, Fascículo 20, Paris, 1931.
- Professor Magalhães Lemos* — «Lisboa Médica», vol. VIII, págs. 548, 1931.
- Tumor intra-medular. Tetraplegia. Cura pela Radioterápia* — Coimbra, 1931.
- La localisation des tumeurs cérébrales par l'encéphalographie artérielle* — Lisboa Médica», 1931.
- Sur la sensibilité des veines du cou et de l'oreillette droite* — «Comptes rendus des séances de la Société de biologie» — Science, tome CVII, pág. 83, 1931.
- Le thorotrast dans l'encéphalographie artérielle* — «Revue Neurologique», n.º 5, Paris, 1931.
- Angiopneumographie* — Masson et Cie, Éditeurs, Paris, 1931.
- Le sondage des veines et la pression dans les troncs veineux de l'homme* — «Comptes rendus des séances de la Société de biologie» — Science, tome CVII, pág. 1175, Paris, 1931.
- Alguns casos de tumores cerebrais tornados visíveis pela prova encefalográfica* — «Las ciencias», Buenos-Aires, 1931.
- Arterial encephalography and its value in the diagnosis of brain tumors* — «Surgery, Gynecology and Obstetrics», vol. LIII, págs. 155-168, Chicago, 1931.
- Die Vorzuge des Thorotrast bei arterielle Enzephalographie* — «Rontgenpraxis», Leipzig, 1932.
- Circulation artérielle, capillaire et veineuse des meningiomes* — «Annales de Médecine», n.º 3, tome XXXII, pág. 193, 1932.
- Anéurysme intra-cranien de la carotide interne droite rendu visible par l'arteriographie cérébrale* — «Revue d'Oto-Neuro-Ophtalmologie», n.º 10, tome XI, 1933.
- Visibilité aux rayons X des veines temporale superficielle et occipitale* — «Folia Anatomica. Universitatis Conimbrigensis», vol. VIII, 1933.
- Angiographie cérébrale chez le vivant son importance anatomique* — «Folia Anatomica — Universitatis Conimbrigensis», vol. VIII, n.º 9, 1933.
- L'importance diagnostique de l'arteriographie de la fosse postérieure* — «Revue Neurologique», n.º 1, Paris, 1933.
- Neurographie* — «Journal Belge de Neurologie», 1933.
- Cerebral angiography with Thorotrast* — «Archives of Neurology and Psychiatry», vol. II, págs. 1318-1323, 1933.
- Causalgia do membro superior esquerdo* — «Lisboa Médica», vol. X, pág. 509, 1933.
- Contribution a l'étude de l'arachnoïdite spinal* — «Revue Neurologique», n.º 6 Paris, 1933.
- Cerebral angiography* — «The Lancet», pág. 1144, 1933.
- Production Sclero-gommeuse de la dura-mère simulant une tumeur cérébrale. Opération. Guérison* — «A Medicina Contemporânea», n.º 16, 1933.
- Troubles circulatoires du Cerveau produits par des Tumeurs cérébrales dans le voisinage du Siphon carotidien* — Masson et Cie, Éditeurs, Paris, 1933.
- Interpretação das opacidades nas séries angiográficas da cabeça* — «Lisboa Médica», vol. X, pág. 122, 1933.

- Tronc basilaire et artères dérivées* — Gaston Doin et Cie, Éditeurs, n.º 10, tome xxvii, Paris, 1933.
- Visibilidade, em série da circulação cerebral, tornada visível pelo iodeto de sódio e pelo Thorotraste* — «Lisboa Médica», vol. x, pág. III, 1933.
- L'angiographie du cerveau obtenue des deux cotés dans la même séance* — «Revue du Neurologique», n.º 3, Paris, 1933.
- Arteriographie du cervelet et des autres organes de la fosse postérieure* — «Bulletin de l'Academie de Médecine», n.º 22, tome cix, 1933.
- Physio-Röntgenologie des Blutkreislaufs in Gehirin, in den Meningen und in den übrigen Geweben des Koptes*, — Verlag/Leipzig, Alesmanha, 1933.
- L'Angiographia cerebrale* — «Archivio di Radiologia», n.º 4, Anno ix, 1933.
- Le sinus droit et l'ampoule de Galien opacifiés par la voie du tronc basilaire* — «Lisboa Médica», vol. x, pág. 587, 1933.
- Dois casos raros de tumores medulares* — «Revista de Radiologia e Clínica», n.ºs 4-5, 1933.
- Visibilidade, aos Raios X do tronco basilar, artéria cerebral posterior e artérias cerebelosas* — «A Medicina Contemporânea», n.º 22, 1933.
- Considerationes sobre la angiografia normal y patológica del cerebro* — «Actas Ciba», n.º 7, Basileia, 1933.
- Grandes tumores cerebrais sem síndrome de hipertensão craniana* — «Lisboa Médica», vol. x, pág. 455, 1933.
- A filmagem da circulação cerebral* — «A Medicina Contemporânea», vol. III, 1933.
- Abcès isolé du bulbe* — «Revue d'Oto-Neuro-Ophthalmologie», tome xii, n.º 8, 1934.
- Déformation et déplacement de l'ampoule et des veines de Galien par certaines tumeurs cérébrales* — «A Medicina Contemporânea», n.º 22, 1934.
- Les Hématomes sous-arachnoidiens et les Anévrismes cérébraux* — Masson et Cie, Éditeurs, 1934.
- La Phlébographie dans l'hémorragie cérébrale profonde* — «Revue Neurologique», n.º 6, Paris, 1934.
- L'évolution de la Technique de l'angiographie cérébrale* — «Progres Médical», n.º 46, 1934.
- L'épreuve angiographique dans les cas d'abcès cérébraux* — «Bordeaux Chirurgical», Bordeaux, 1934.
- Angiographies en série de la circulation de la tête* — «Revue Neurologique» — Masson & Cie, Éditeurs, Paris, 1934.
- Avantages de l'épreuve angiographique dans la carotide primitive* — «Clinica, Higiene e Hydrologia», Lisboa, 1935.
- Aumento da circulação da calote craneana na doença óssea de Paget (a propósito de um caso)* — «Lisboa Médica», 1935.
- Tumores da fossa posterior — Aspectos arteriográficos do cérebro nas dilatações ventriculares* — «A Medicina Contemporânea», n.º 11, 1935.
- Pseudo-angiomes calcifiés du cerveau. Angiome de la Face et calcifications corticales du cerveau (Maladie de Knud H. Krabbe)* — «Revue Neurologique», n.º 5, Paris, 1935.
- Angiomes cérébraux. Importance de l'angiographie cérébrale dans leur diagnostique.* — «Bulletin de l'Academie de Médecine», Paris, 1935.
- Aspectos arteriográficos e flebográficos dos meningiomas da asa do esfenoide* — «Lisboa Médica», vol. xii, pág. 399, 1939.

*Premiers essais de Psycho-Chirurgie — Technique et Résultats* — «Lisboa Médica», n.º 3, ano XIII, 1936.

*Les Possibilités de la Chirurgie dans le traitement de certaines Psychoses* — «Lisboa Médica», 1936.

*Essai d'un traitement chirurgical de certaines psychoses* — «Bulletin de l'Académie de Médecine — Séance», n.º 9, tome cxv, pág. 385, 1936.

*Déformations des sinus droit et longitudinal inférieur et des veines profondes du cerveau dans le diagnostic des néoplasies cérébrales* — «Zentralblatt für Neurochirurgie», Germany, 1937.

*Hémiplégies par Thrombose de la Carotide interne* — Masson et Cie, Éditeurs, Paris, 1937.

*Ricardo Jorge* — Lisboa, vol. xvi, pág. 517, 1939.

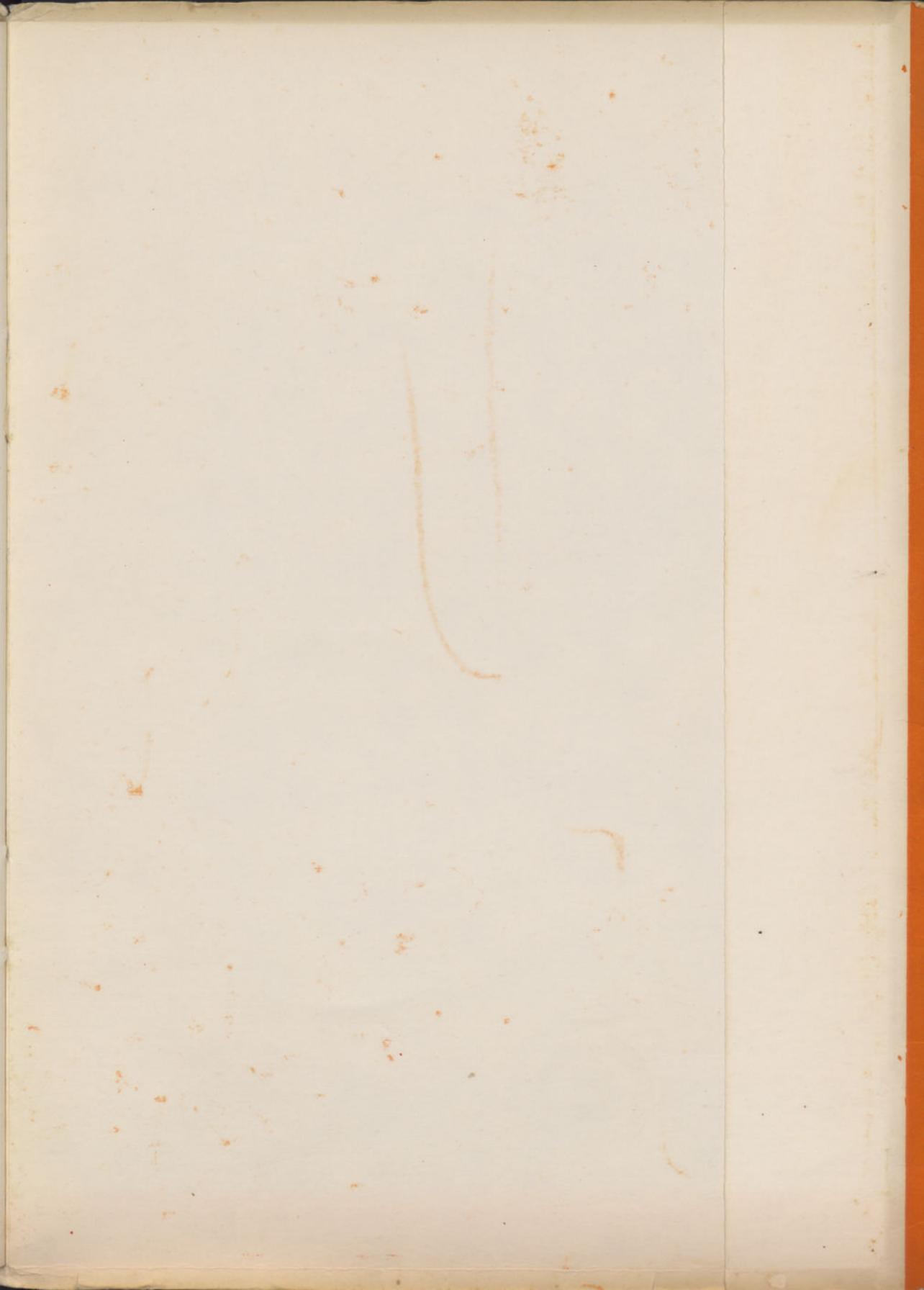
*Thromboses of the internal carotid artery and its branches* — Lisbon, 1947.



## ÍNDICE

	Págs.
Albert Einstein (Alguns dados Biográficos) . . . . .	5
Museus de Coimbra — da I exposição distrital à organização do Museu Machado de Castro . . . . .	21
Rapport d'une mission d'étude réalisée en France pendant l'année 1925-26 .	49
Exposição de latoaria e funilaria. . . . .	55
Medicina portuguesa através dos séculos . . . . .	59





MUSEU  
NACIONAL  
DA  
CIÊNCIA  
E DA  
TÉCNICA

